

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

A

NAMORADEIRA

PRIMEIRO VOLUME

N. 46 SUPPLEMENTO ROMANTICO
DO "JORNAL DO BRASIL"

.9332

ln



J. M. de Macedo

A NAMORADEIRA

PRIMEIRO VOLUME

Hélio Lopes



NL 1358

RIO DE JANEIRO
Officinas Gráficas do "Jornal do Brasil"
- 1932 -

HL
869.9332
M141m
v. 1

PRIMEIRA PARTE

I

Era no mez de Maio de 1869, dia das corridas do Jockey Club do Rio de Janeiro.

Pouco-vos a descripção do *Prado Fluminense*: sabemos todos como elle é, e como a vasta e bella planície se presta, ampla e lisa, aos certamens equestres da utilíssima instituição.

Em frente do curvo estadio, as archibancadas estavam chejas de espectadores de ambos os sexos e o campo, principalmente ao lado esquerdo, se mostrava semeado de elegantes cavalheiros e graciosas amazonas, de carruagens, *coupés*, phaetons, carrinhos, uns ostentando orgulhosos nãos quadros das armas a aristocracia da casa a que pertenciam, e a maior parte confessando na marca do numero policial a sua condição democratica do aluguel, e todos, carros e cavalheiros, apparecendo aqui e ali, como ilhados, no meio do oceano da multidão de povo.

A concorrência numerosíssima de amadores e de curiosos é sempre certa para as tres corridas annuaes do Jockey Club; mas se, entre os amadores, alguns ha que realmente não o são e que só apostam por moda e por ostentação entre os curiosos muitos acodem ao Prado Fluminense mais pela gente que se reúne do que pelos cavallos que devem correr, e especialmente as senhoras vão menos para ver do que para ser vistas.

Nesta observação não me refiro ás miseras proscriptas da sociedade decente que, em toda parte onde em publico espectáculo a porta de entrada sem reservas se escancara, fazem alardo do esplendor que será ephemero e do luxo escandaloso que apregoa

aljecção famosa; tendo por fim, em espargimento do lascivos invlites, abrir novas fontes alimentadoras da sua auri-brilhante de-gradação.

Eu disse ou escrevi *senhoras*: tive, portanto, no pensamento as *senhoras* exclusivamente.

Mas tambem as *senhoras* se aprazem de estender fasto e magnificencia, e muito mais, e ainda sem fasto nem magnificencia, a riqueza e o encanto de suas graças physicas.

Estão no seu pobre direito, quando não abusam dessê direito.

Creamos e educamos nossas filhas tão vãmente preocupados da idéa de preparal-as para agradar e captivar o homem com os adornos do espirito, com a belleza do rosto, com a gentileza do corpo e com os enfeites dos vestidos, que por isso ellas recebem de nós uma segunda natureza na validade.

Não nasceram vaidosas, não: poderiam não tel-o sido; mas as mães plantam a validade no berço das filhas.

Assim impellidas pela segunda natureza que a educação lhes impôz as *senhoras*, qualquer que seja o seu estado, a donzella, a casada, a viuva, almejam parecer bellas a todos, e têm o seu mais suave gozo na admiração respeitosa e, se fór possível, geral da sua boniteza ou da sua formosura; até ahí fraqueza innocente, vaidade que trouxeram do berço, erro, não dellas, mas de seus mães: até ahí estão no seu direito, pois que absoluta e irresistivelmente as cretam vaidosas.

Se, porém, é licito á donzella e á viuva distinguir algum dos seus admiradores, e com prudencia attender aos signaes de honesta affeição, desde que o julga digno de ser seu marido, a *senhora* casada não deixaria perceber mesmo de leve semelhante distincção seu desdouro proprio e sem expôr-se a injurias ou sanhas: do mesmo modo, a donzella e a viuva se leviadamente multiplicassem as distincções, ou ainda, se tolerassem galanteios que a esperanza de casamento não desculpassem, abusariam do seu direito de validade e o abuso só a ellas seria nocivo.

E' um erro muitas vezes fatal acreditar que uma joven loureira, facil em permittir que lhe façam amorosa cõrte, é apenas um anjo travesso e livre tanto do reparo publico, quanto de possiveis e consequentes allucinações della propria.

O galantelo, ou mais vulgarmente o namoro, é para o juizo dos estranhos espaço illimitado aberto á suspelta ou á imaginação de todas as fraquezas e concessões da joven namoradaira, e para esta é um throno de lisonja com docei e degraus de flores rescedentes á borda do mais fundo abysmo.

A's vezes a donzella, a senhora casada ou a viuva consegue não cair no zbyismo; ás vezes, porém, precipita-se, quando menos e espera: é loucura lamentavel ensinar as proporções de virtude, que o galanteio já tornou muito duvidosa, pelo gozo vão de thurificações lisonjeiras.

Mas a educação que, em geral, é dada á mulher, creando-a frivola e desvanecida, não póde marcar limites á paixão de agradar, e á paixão de ser adorada que, perigosamente, inocula, no coração da pobre victimna condemnada na vida á excessiva ambição do amor, o talvez ao sonho do dominio absoluto sobre um homem: ensina-se desde o berço a mulher a ser valdosa; não ha, porém, ensino que tenha o poder de impôr uma bitola á valdado da mulher, e portanto dá-se-lhe apenas nesse grave defeito um carro do Phaetonte.

E' quasi sempre por desvanecida que uma senhora começa a ouvir o elogio e as lisonjas, harmonias embriagadoras e soporíferas que a fazem ás vezes esquecer as chaves da sua fortaleza: é sempre por desvanecidas que algumas senhoras, com a mais arriscada levandade, animam a corte dos thurificadores que as cercam, mal intencionados ou não, e que ainda mais imprudentemente se envenenam e aviltam-se moralmente no costume vicioso do galanteio.

Compromettedor, perigoso para todas as senhoras, qualquer que seja a classe social a que pertençam, o galanteio é na joven pobre ainda mais ameaçador de fataes consequencias, porque essa tem na sua pureza o seu unico thesouro, e porque a sociedade injusta o cruel suspeita sempre mais facilmente a humilhação e a deshonra na pobreza.

Para que estas considerações não pareçam de todo desproporcionadas, basta um simples episodio, um passageiro quadro vivo de entre muitos outros de que talvez se guardem ainda suaves lembranças, e que multiplicarão os gozos e enleves desse dia de Maio de 1869 no Prado Fluminense.

II

Chegara o intervallo principal das corridas.

Operou-se movimento geral: filas de espectadores desertinam por breve prazo das archibancadas; a multidão, que era compacta, derramou-se como exercito que se debanda; em vez do estação,

passado; em vez de aglomeração, afastamento e espaços livres por entre o povo que se disseminava alegre.

Exultava o prazer em todos os semblantes: o dia era formoso, e branda a ventação soprava, mitigando os ardores do sol brasileiro.

No meio dessa festiva desordem de entre-acto formaram-se, de subito, e como em torno de um unico ponto, pequenos grupos de homens cujos olhos pareciam buscar um só e o mesmo objecto: as senhoras que iam passando ou que paravam tambem convergiam suas vistas para o mesmo alvo; havia, porém, uma differença na expressão do olhar: os homens contemplavam, as senhoras examinavam.

Essa concentração de tantos olhos onlevados ou curiosos era o triumpho da lindeza e da graça.

Uma senhora, ainda muito joven, acompanhada por um cavalheiro, que embora ainda não fosse velho, era sem duvida seu pae, tinha parado a curta distancia das archibancadas e onde a sombra mais suave se projectava.

Parecia ella não contar menos de dezoito annos, nem mais de vinte: sua estatura excedia um pouco a ordinaria, o seu talhe era delgado e sua cabeça admiravelmente graciosa.

Tinha os cabellos finissimos, de côr entre castanho e ouro, que soltos cahiriam em ondas vultuosas e longas, a fronte espaciosa marcava um terço do rosto; supercillios regulares, separados e suaves, desenhavam-se em branda curva, e com os cilios abundantes e longos temperavam o ardor dos olhos protos, radiantez, não demasiado grandes, e tão lindos como travessos; o nariz, acurvado de leve entre os olhos, elevava-se serenamente até acabar com perfeita proporção, tendo as azaes distinctas e de subtil mobilidade de modo a fazer lembrar a Venus de Milo; a bocca era pequena, os labios roseos e igues, mostrando-se o superior coroado por um traço apenas perceptível de cinzento buço, os dentes eram formosos, e o rosto rematava-se com o queixo graciosamente convexo dos lados e offerecendo ligeiro avançamento de sua extremidade inferior.

A tez desse mimoso semblante não offuscava pela alvura: a sua côr era uma gradação maravilhosa de branco e moreno, que o embellecia ainda mais, e em suas faces annunciavam-se uns longes de rubor talvez pelos beijos ousados de alguns raios do sol e pelos fervores do espectáculo.

A joven tinha corpo digno do seu rosto: pescoço elegante, peito largo e bellas espaduas, delicados seios denunciando-se em

virginal entono, cintura fundo valle entre duas elevações pronunciadas e de formas e ondulações encantadoras; mãos e pés de inexcedíveis delicadeza e formosura davam-lhe com o sceptro da lindeza o condão de encanto soberano.

Em seu trajar não podia infelizmente pretender fôros de modesta: trazia vestido de nobreza de côr escarlate; a saia era guardada com cinco vezes de setim vermelho-escuro, tunica da mesma côr com igual guarnição, a descer-lhe por ambos os lados da golla do corpinho até a cintura, e a enfeitar-lhe a borda inferior; de cada lado a tunica arregaçada prendia-se a grande nó redondo, feito de setim do mesmo matiz e collocado um pouco para tras; os mesmos vizes nos hombros e nos punhos, e cinta da côr dos vizes, calçava luvas de pellica branca; com o favor de seu vestido curto mostrava as botinas de setim, tambem do vermelho escuro, e, enfim, adornava a cabeça com um chepeusinho de velludo preto, que facilmente inclinára sobre a fronte, deixando ao urinco das auras a pluma de pennas de garça.

Evidentemente *toilette* de matiz tão vivo e marcado, que obrigava a attenção essa moda de vestido curto que a fazia patentear a todos os olhos o mimo de seus pés, e suas pernas quasi até o tornozello, não indicavam innocenta simplicidade de donzella, nem melindrosa pudicicia de quem já sabe corar e o porque cêra.

Mas em seus modos, em seu olhar, em seu rir, a linda joven desafiava, voluntariamente ou não, ainda mais viva e curiosa attenção dos circumstantes.

Muito faceira, alegre, risonha, mobil, olhando em torno sem distracção nem preferencia, certamente, porém, assegurando-se de que era olhada, fallando ao paê, e quasi não o escutando, abrindo, fechando e meneando, como descuidada, o seu mimoso leque, pensativa alguns instantes, e logo radiosa, engraçada nos gestos, habil em attitudes que pareciam sem artificio e que mais realçavam as bellas fórmãs e contornos de seu corpo, ella indicava contradictoriamente reservas de malicia e expansões de innocencia, de confissões de leviandade, e seguranças de singeleza, provocação e indifference, olhos a incendiar, o coração a não sentir, abandono de si ntim instante e recato logo depois, rir de menina, olhar de moça e gravidade de matrona.

Era uma charada tendo por conceito a palavra: — inconsequencia.

Quem considerava reflectidamente essa joven, confundia-se e hesitava antes de formar um juizo; porque pela pureza angelica de sua face, pela volubllidade de seus modos, pela faceirice de seus gestos, pelo encanto a ser olhada, pela ostentação das fórmas encantadoras de seu talhe e pela escolha atrevida do seu *toilette*, ella podia ser tudo, candida e innocente donzella, aventureira namoradaira, e, quem sabe?... até mesmo dissimulada e recente adepta em reprovados cultos.

A duvida era ainda mais forte incentivo de observação e curiosidade e a joven, em todo caso formosa e arrobatadora, obri- gando attentões, conjecturas vagas, admiração, reparos e tambem inveja, dominava ali ao menos como ponto objectivo do estudo, do exame, da contemplação e do enlevo de todos.

Os homens diziam a uma voz: — anjo!...

Algumas senhoras disseram entre si: — demonio!...

E quasi todas murmuraram: — indecorosa!...

E homens e senhoras tinham esquecido a unica palavra que podia definir perfeitamente a joven de vestido da côr de escarlate.

A palavra era esta: — *Namoradaira*.

III

Um dos grupos de admiradores da bella joven, talvez o menos numeroso, compunha-se de dous mancebos de pouco mais de vinte annos, um velho que se approximava dos setenta e de um homem sem idade; porque contava, mas não confessava, sessenta annos, tingia de preto os cabellos e a barba, e com escrupuloso zelo disfarçava tanto quanto podia a velhice com os mil tormentos que se chamam soccorros do toucador.

Eram todos quatro de perfeita elegancia no vestir: o velho confesso sabia escapar ao ridiculo, recuando ante os extremos da moda, o outro sem exagerala, observava-a sollicito; dos quatro eram casados um dos mancebos e o homem sem idade; ambos, porém, olhavam com interesse e ardor para a objectiva commum.

Nenhum d'alles conhecia nem a joven nem o cavalleiro que a acompanhava e que parecia ser estrangeiro.

— Tio Innocencio, disse ao velho confesso o mancebo que não era casado, vossa mercê a cada movimento que faz, me condemna

aos martyrios de um eclipse cruel, interpondo-se entre o sol e a terra.

— Geraldo, eu sou apenas lua em phase minguante e não poderei fazer-te sombra; mas na verdade a menina é encantadora!... se estás apaixonado por ella, toma cuidado com o barão...

El Innocencio apontou para o outro mancoço, que sorriu-se presumido, e, esquecendo completamente a sua baroneza, a quem deixára na archibancada e que, em compensação tambem, não o lembrava muito, entretida com a amena conversação de um primo, merdo de uma das suas amigas, que aliás não viera ás corridas.

Geraldo respondeu ao tio:

— Pouco me arreceo do barão, porque muito confio nos clunzes da baroneza. em caso de rivalidade saberei denunciá-lo á sua legitima proprietaria. Quem mais apprehensões me causa é o commendador Ernesto.

— Ah! disse isto, fingindo-se grave, eu sou inoffensivo... um homem casado!

— Vae pregar em outra freguezia, seductor professo e onve. |
Uecível! acudiu Innocencio.

Ernesto sorriu-se, como o barão pouco antes se sorria.

— Mas eu nunca vi olhos tão endemoninhados!... murmurou Geraldo; a belleza daquella moça é um precipicio...

— O diabo é eu não poder precipitar-me sem anachronismo! observou Innocencio.

— E como lhe assenta aquelle vestido da côr do fogo do inferno!... disse o barão.

El accrescentou logo:

— Ella calça botinas evidentemente mais pequenas do que as da baroneza!... por dois dias da minha vida eu quizera ver entro as minhas mãos aquelles dous pezinhos de prínceza encantada!...

— O barão está noalhado!

— Quem será esta moça?...

— Seja quem fór, é maravilhosamente bella!...

A joven não podia ouvir; mas sem duvida adivinhou o que raquelle grupo e em outros se dizia sobre ella; porque, dissimulando a vangloria da impressão que estava produzindo, e arriscando-se embora a conjecturas e apreciações menos honoríficas, já a todos fallava com a eloquencia travessa de sua physionomia tornada em campo de manobras. — com os seus olhos que ás vezes dardejavam vistas penetrantes que pareciam interrogar sem exigir nem tener a resposta, e ás vezes tendiam a cerrar-se artei-

ros por effeito de ligeira contracção da porção inferior do orbicular palpebral; — com sorrisos felicitosos, e requebros não exagerados, — com os mil segredos emfim da tactica loureira.

Os quatro amigos, que tão occupados em admirar-a se mostram, cada vez mais affeitos e impertinentes a consideravam; pois que evidentemente o pae ou o cavalheiro que a acompanhava, não sabia zelar bastante o thesouro confiado á sua protecção.

A intimidade desses quatro amigos tão distinctos pela idade e pelas condições, o seu concurso exotico na contemplação namoradora da joven, sendo um delles tio, outro sobrinho, casados dous, e dous já velhos, admiraria por certo, se não fossem tão communs na nossa sociedade o escandalo com que homens casados zombam da fidelidade conjugal e a estulticia dos velhos que sacrificam a veneração que lhes é devida á affectação de sentimentos que devem ser flammas e que já não podem escapar ao ridiculo, quando se ostentam no inverno da vida.

Mas nem o joven barão lembrava a sua baroneza, nem Innocencio e Ernesto pensavam na sua idade, e, além do gozo de seus olhos, só se preoccupavam de saber quem era aquella moça tão linda como gentil.

Felizmente appareceu um mancebo, de apurada louçanha, que, dirigindo-se ao grupo dos quatro amigos, passou por deante da joven e do seu cavalheiro, e os cumprimentos, friamente e sem chegar-se a elles.

— Optimo! disse Geraldo; Cezar os conhece.

Cezar era um tufal, rico herdeiro, que se occupava em gastar alegremente e em vida de prazeres e festas a fortuna accumulada por seu pae. Sua riqueza dera-lhe carta de naturalisação na alta sociedade, onde, por adventicio e por apoucada intelligencia, exaggerava o orgulho e as pretensões de nobreza.

Procurando gente da sua igualha, Cezar foi apertar as mãos dos quatro elegantes.

— Casquilho ditoso!... conhece pois aquella *revelação?*... perguntou-lhe Geraldo.

— Que revelação?...

— Ah! a formosa moça, a quem cumprimentaste...

— Ora!... sim!... na verdade é uma rapariga bonita...

— Rapariga?... quem é ella?...

Cezar fez com os labios um momo indicador de desprezo e respondeu:

— É' filha de um italiano, pobre diabo de artista, que ha dous annos me serve, como afinador de piano.

— Ah! elle é musico?...

— E pintor o jardineiro, e tudo... é tambem architecto, diz elle.

— E', palavra de honra!... fez um monumento admiravel como se chama elle?...

— Ursin!

— Bem; mas não era o nome do pao que eu te pedia: como se chama o monumento?

— O monumento?

— Sim! ella?...

— Ah! chama-se Rosina.

— Rosina! o nome é quasi o da rainha das flores; mereço-o...

— Até pelos espinhos...

— Já se vê que os experimentaste...

— Não o négo: distingui-a, como podia distinguir uma mulher da sua classe...

— E ella?...

— Não é esquiua; mas tem pretensões revoltantes: respondeu-meu capricho com idéas de casamento!... espinhou-me, e eu fugi.

— Mas é bella como um anjo!...

— Inconstante é valdosa, beija-flôr e pavão.

Como se tivesse ouvido o que em voz baixa estavam dizendo naquello grupo, e como se quizesse protestar contra a lembrança do pavão, Rosina, apoiando uma das mãos no hombro de Ursin!, avançou um de seus pés dellicadissimos e, apparentemente desculdosa, poz-se por breves momentos a traçar circulos na areia com o bico da botina.

— E' um pé de princeza ou' de cherubim!... disse o velho innocencio.

— Ah! exclamou Cezar; vão continuar as corridas... não posso contar-me aquil... tenho uma aposta nesta corrida... como é extraordinaria a commoção nestes jogos nobres!... o meu coração está preso ás patas de um cavallo!...

E Cezar para dar-se ares de apaixonado interesse, apartou-se apressado, esquecendo-se de despedir-se dos amigos que ficavam a rir do seu artificial e grotesco exaltamento.

IV

Os jockeys appareceram em seus cavallos, enfileirando-se para romper a corrida.

Os juizes foram tomar o seu posto.

— Diabo! disse o barão aos companheiros; é indispensavel que eu volte para o lado da baroneza.

E ao retirar-se acrescentou a rir:

— Eu me sacrifico; sejam, porém, generosos e não abusem da minha ausencia.

O barão que se ia sacrificar, era escandaloso, porque o dizia, ainda mesma gracejando; mas, em castigo aliás indesculpavel, ora a baroneza quem já havia abusado bastante da sua ausencia, conversando com o primo, que não tinha trazido a mulher ao Prado Fluminense.

A multidão de espectadores acudiu outra vez em denezas massas, nas quaes cada qual se apressava a tomar posição mais favoravel.

Ursini e Rosina acharam-se na linha mais avancada, tendo immediatamente ao lado Innocencio, Geraldo e Ernesto que se haviam esquecido dos seus logares na archibancada.

Em que póse á belleza, Rosina deixára de ser o objecto exclusivo da attenção que até poucos momentos absolutamente absorvia: todos os olhos tinham-se voltado para os cavallos em uma primeira inspecção.

Eram seis os ginetes, e dos seis alguns já conhecidos nos parcos.

— Eu apostei por Lucifer; disse Ernesto.

— Qual dellos é Lucifer?

— O do jockey de azul.

— Eu teria apostado por Abdel-Kader, o do jockey de verde; disse Geraldo.

— Senhores, exclamou um enthuasiasta que estava proximo; não apostei por nenhum; mas entre os seis cavallos está — Galerno — o Galerno nunca entrou em parco que não venceisse.

— Papae! disse Rosina sorrindo, o de modo a ser ouvida, mas simulando-se toda preocupada da corrida que estava prestes a começar; papae, quer apostar commigo?...

— Sobre que!...

— Aposto que é aquelle cavallo alazão o que vae sahir ven-
cedor...

— Ah!... e porque?...

— Porque eu desejo o seu triumpho: não vê?... o jockey do
cavallo alazão traz a cor escarlato que é a do meu vestido.

— Menina!

Rosina corou e mostrou-se confusa notando que lhe tinham
cuidado a manifestação do valdoso desejo, e como arrependida e
enleada chegou-se mais para Ureini, acolhendo-se á sua pro-
tecção.

Os espectadores vizinhos se haviam rido agradavelmente
daquelle desvanecido voto da formosa donzella que almejava a
victoria da cor do seu vestido, e porque facil se perdoam as inno-
centes indiscrições de qualquer jovem bonita e engraçada. Ro-
sina, que era encantadora, mereceu mais do que perdão; pois que
pronunciaram-se logo vivas sympathias pelo feliz alazão.

Rosina conseguira o seu intento: era de novo olhada e admí-
rada, a despeito da curiosidade excitada pela corrida a desfrear-se
mas sem o ter querido, ella acabava de tomar vivo interesse pelo
resultado daquelle pareo: compromettera um pouco a sua vaidade,
e ardía já por ver o alazão ganhar o premio.

— Sabe o nome do cavallo alazão?... perguntou Ernesto.

— Romeo; respondeu Geraldo.

— Apostel por Lucifer; abençoaria, porém, a derrota de Lu-
cifer, se Romeo vencesse.

Rosina contove á força um melgo sorriso que todavia se atra-
çou tanto quanto era preciso para que Ernesto o percebesse.

Tudo isto se passou em breves minutos.

O signal foi dado; os cavallos arremessaram-se, e todos os
olhos os seguiram no impetuoso arranco e proseguinte velocidade.

Em torno de Rosina havia naturalmente, para alguns, mais
do que o interesse da corrida, o gozo das agiltadas impressões da
desvanecida interessada pelo cavallo alazão.

Ernesto, mais que outro qualquer, tinha os olhos em valvem
incessante da corrida: ao rosto da donzella que, então ansiosa
e com febril movimento das mãos, acompanhava as rapidísimas
vicissitudes do pareo.

Ao romper da corrida Galerno ganhára uma braça sobre os
contadores.

— Vejam!... exclamára o entusiasta de Galerno.

Mas em alguns instantes Lucifer e Abdel.Kader igualaram-se com Galerno, os dous outros disputavam a primazia com ardor esperançoso e o, ultimo, o mais atrazado, tres metros atraz, era Romeo.

— Perdeste, Rosina!... disse Ursini.

— Ainda não; murmurou a jovem com tremor de voz.

Os olhos de Rosina, amplamente abertos, arrojando na projecção de suas vistas infundidas no ginete preferido duas incassantes descargas de fluido ardente e magnetico, pareciam despedir encantos de celeridade, mandar imperiosos que as patas do Romeo tivessem azas, e que vencessem o espaço com a magia imposta pela soberania da sua vontade.

E; ou fosse poderoso e irresistivel influxo daquelle olhar chelo de magnetismo incalculado, e mais immensamente poderoso, ou fosse natural e impetuosissima celeridade do ufancoso e elumento animal, certo é que Romeo, com inaudito arrojo, emparelhou com os cinco rivaes antes de chegar á curva, ao transpor a excedeu um palmo aos mais avançados, adeantou-se além, e na carreira quasi a varrer o chão com o ventre, já vencedor antes de tocar a meta, no meio de applausos ruidosos e entusiasticos, estacou soberbo e victorioso com toda a medida do seu corpo por medida de vantagem sobre os dous mais pertinazes omulos, o Galerno e o Lucifer, que de perto o haviam acompanhado.

O aor da fadiga cahia em fios do ventre de Romeo triumphante.

Ernesto gozara duplice e interessante quadro: o da corrida que já o occupava mence, e o dos contrastes de esperança, duvida e receios de Rosina, na contemplação de cujo rosto se inebriava entefidado.

Elle a viu anhelante a principio, quasi convulsa logo, com os olhos em chammas, com os labios entreabertos, palpitante, depois radiosa á proporção que Romeo se avantajava dos competidores, e enfim, transportada de alegria, saudar o ginete vencedor com o rir de expansão immensa em que a alma se derrama nos labios, como a luz de brilhante aurora no céu, e, sem o sentir, deixando rolar dos olhos duas lagrimas alvejantes que ficaram em suas faces coradas, como perolas que se engastassem naquellas rosas da commoção.

O jockey ufancoso e applaudido levava Romeo e o afagava contente, agradecendo-lhe a victoria.

— Quem o diria?... observou o entusiasta do Galerno; é inacreditavel; mas acabo de ver que Galerno foi vencido desta vez!...

— E' quo nunca antes de hoje tinha corrido com Romeo; respondeu-lhe alguém.

— Posso jurar o contrario: aqui mesmo Romeo já foi em dons pareos vencido por Galerno. E' isso o que mais admira!...

— Pois a explicação é clarissima; disse Geraldo voltando-se.

— Qual é a explicação?...

— Romeo foi hoje vencedor pelo condão da cor do mais lindo vestido.

Rosina, que já havia sorenado, voltou o rosto deleixadamente.

As flammæ suaves ou scintillantes de muitos olhos enamorados ou embevecidos, e o sussurro de abafadas vozes, de que transpiravam o elogio ou em todo caso as impressões de sua belleza, aditaram a ufanosa donzella.

Mas inesperadamente e antes quo começasse nova corrida, Rosina tomou o braço de Ursini que, a seu pedido, levou-a, desprezando a excellente e bem escolhida posição em que se achavam o sempre dirigido pela filha que aliás se retirava indifferente, e sem conceder a quem quer que fosse o mais ligeiro olhar de despedida, desapareceu logo, internando-se com ella no meio da multidão.

Pouco depois Rosina, tendo imposto ao pae complacente uma volta longa e desnecessaria, foi subir para as archibancadas, onde tomou lugar junto de Ursini, e recolheu avida, mas com simulada alheação innocente, o primeiro culto rendido ás suas graças ao movimento de curiosidade sympathica e no murmuro de interrogações e advertencias que a sua entrada excitou.

A jovem loureira mudára de scena sem mudar de papel: queria ser admirada e produzir effeito em toda parte onde no Prado Fluminense pudesse mostrar-se.

E certamente naquello dia Rosina deixou a imagem de seu rosto gravada em muitos corações, e a fama da sua belleza apre-goada por mil vozes.

V

As informações dadas por Cezar sobre Ursini e Rosina tinham sido muito incompletas: sem que precisamente se conheça bem o pae, não se póde apreciar com justeza a filha.

Ursini tinha nascido na Corsega, e seus pais, que eram italianos, o levaram ainda quasi no berço, aos tres annos de idade, para Napoles.

A flor da sua infancia abriu-se no solo da miseria e do vicio.

Em vez do exemplo do trabalho Ursini, aos sete annos, recebeu de seus pais o ensino e a imposição da mendicancia, e quando começou a ter consciencia do que na familia se passava, reconheceu indifferente a degradação de uma pobre irmã.

Aos treze annos fugiu da casa paterna e para viver vagou de cidade em cidade, occupando-se das mais rudes e baixas tarefas: mas diligente e esperto habituou-se ao trabalho, e pelo menos achou sempre pão.

Um dia, e já era um bonito jovem, embora maltrapilho, Ursini presumiu-se, enfim, afortunado e talvez ennobrecido em Milão, porque uma cantarina do theatro "Della Scala" o tomou para seu creado.

Ursini sahira de uma cavallarica para entrar na casa sumptuosa da cantarina que, além de artista, era elegante coqueletada, e ahí admirou o vicio apurado, trajando seda e velludo, cobrindo-se de brilhantes, e affrontando o pudor publico.

Foi então sómente que Ursini aprendeu a ler e a musica, em horas que lhe sobravam desoccupadas.

A cantarina se agradára do creado: de Milão levou-o para Turim, de Turim para Napoles, onde o filho não procurou a familia; de Napoles trouxe-o consigo de novo a Milão.

Ursini affeição-se á ama, ao theatro, ás artes; cada dia, porém, mais se corrompera no desprezo das noções moraes.

Emfim, no principio de 1843, a ama cantarina, engajada para o theatro de S. Petersburgo, despediu-se do creado, deixando-lhe na mão uma bolsa, e na face um beijo... o ultimo.

Ursini, estragado pelos vicios em que se estreára na puericia como mendigo, surprehendia por ser alheio a dous, á embriaguez e ao furto: se quizesse furtar, teria facilmente posto de lado pelo menos modesta fortuna á custa da ama complacente: arrependeu-se de haver contado de mais com a affeição da cantarina e de não tala explorado melhor em seu proveito material; mas, recolhida essa lição da experiencia, achou-se com algumas joias de pouco valor, e com a bolsa que lhe assegurava facil e alegre vida durante alguns mezes; mas em vez de esbanjar "a sua riqueza", sonhou melhores destinos, e, abrindo azas de andorinha emigrante, voou para o Brasil e pousou no Rio de Janeiro.

Em 1844 Ursini foi corista da companhia italiana que achára o seu condão de felicidade, estreando com a "Norma" de Bellini no theatro S. Pedro de Alcantara.

Do corpo de coristas no qual não se distinguira, Ursini desertou para improvisar-se ajudante de pintor scenographo; em breve, porém, deixou o theatro e dedicou-se a todas as artes e a todas as industrias que licitamente lhe podiam dar dinheiro.

As miserias do berço, a depravação dos paes, a corrupção quasi forçada na puericia e na adolescencia, a impudicicia e o aviltamento da mocidade alugada ao capricho do vicio rico, á impudente cantorina, tinham arruinado profundamente os costumes e a moral, e impedido o desenvolvimento e o brilho das admiraveis faculdades e do grande talento de Ursini.

Era elle um homem que reunia tudo quanto preannuncia um artista superior: intelligencia potente, comprehensão facil e como adivinhadora, inspirações originaes, delicadeza notavel na execução de trabalhos materiaes, gosto instinctivo, paciencia inextinguivel, actividade, energia, audacia teriam feito Ursini talvez um aclamado genio, sem duvida uma celebridade, se lhe tivessem dado educação e escola; mas por falta de ambas, e pelo tívudo inoculado no berço e aggravado em todo o correr da vida, o tornaram no Rio de Janeiro encyclopedico charlatão talentoso e habil, de quem só se ignoraria o que elle confessasse não saber, tratando-se de ganhar dinheiro.

Ursini era afinador e concertador de pianos, professor de canto, pintor de casas e de taboletas de armazens e de officinas, architecto, entendido em hydraulica e em pyrotechnia, maravilhoso em trabalhos delicados de marcenaria, inspirado em planos e execução de jardins, constructor de empreitadas, aromatizador de obras publicas, e naturalmente mestre de tudo mais, de que lho propuzessem tarofas.

Activo, infatigavel, zeloso no cumprimento dos empenhos que sobre si tomava, Ursini tinha sempre occupação productiva e colhia lucros sufficientes para, com economia sem avareza, enriquecer em poucos annos.

Mas Ursini era jogador, jogador incorrigivel, e quasi sempre infeliz:

O jogo devorava-lhe á noite o fruto do seu trabalho do dia...

O jogo era o seu vicio fatal.

Todavia, em 1846, o mais ardente e inesperado sentimento

veju absorver a alma de Ursini, e arredal-o por algum tempo da fanesta paixão a que sacrificava quanto dinheiro recolhia do seu labor.

O italiano achou-se captivo de uma joven brasileira, formosa morena de cabeça magnífica, que elle dizia ser a das Madonas de Raphael, de bellos olhos negros, lindo rosto, e corpo que, ainda na propria innocencia da donzella, apresentava fórmas graciosas que fallavam sem intenção á voluptuosidade.

Joanna, essa joven, era filha do mestre de obras João da Silva: tinha perdido, havia tres annos, sua mãe, honestissima, religiosa e prudente senhora, e ficára servindo de mãe a Propício, seu irmão, nove annos mais moço que ella que, em 1846, contava apenas dezotto.

João da Silva adorava a filha que herdára de sua chorada esposa as virtudes, a singeleza, e a mais absoluta submissão á sua vontade.

Joanna, que resalvava uma intelligencia infelizmente muito mediocre com a docilidade, veneração e plena confiança que devia a seu pae, embora não fosse indifferente ao amor de Ursini, recebendo uma carta em que este lhe requeria permissão para pedirl-a em casamento, entregou-a ao seu primeiro e natural protector.

João da Silva era homem de costumes simples, de illibada probidade e de moral severa: conhecia de Ursini o genio laborioso e activo; mas instinctivamente desconfiando do seu caracter, devolveu-lhe a carta, e recusou-lhe a mão de Joanna.

A filha submetteu-se; mas o italiano, em vez de mostrar-se resentido, procurou, frequentou João da Silva, o paciente, respeitoso, humilde, obsequioso e dedicado, empenhou-se em seduzir o velho.

João da Silva pouco a pouco foi tomando interesse pelo joven italiano; converteu, porém, no casamento mais cedo de que pensára; porque, aggravando-se antiga molestia pulmonar que soffria, e prevenido pelo medico de seu proximo passamento, não quiz morrer sem abençoar sua filha e Ursini casados perante Deus.

O mestre João da Silva morreu poucos dias depois do casamento de Joanna, em 1847.

VI

Ursini e Joanna amavam-se ternamente, e a intimidade do lar domestico e o tempo que é prova constante e evidente dessa intimidade, deram á esposa, além do amor que aliás poderia ex-

tingui-se no coração tão gosto o viciado do marido, a confiança e estima que as virtudes obrigam.

Joanna era uma das ultimas filhas do antigo e condemnado systema da educação da mulher, o o representava legitimamente, tanto na austeridade dos costumes, na vida modesta e recolhida, como na obediencia absoluta e irreflectida á vontade do homem a quem pertencia.

Joanna era esposa como tinha sido filha, voluntaria escrava de seu marido, como fôra escrava voluntaria de seu paó: tinha por todo seu mundo a sua casa, por toda a felicidade na vida o amor e a estima de Ursini, por seu primeiro dever a submissão mais completa ao senhor do seu destino, e com o trabalho assiduo o o maior zelo nos cuidados domesticos enchia tranquillã o satisfeta os dias que lhe iam correndo.

Julgava-se bonita, mas contentava-se de sel-o sómento para seu esposo: nem pedia, nem desejava divertimentos e festas: se Ursini a convidava para um passeio ou para ir ao theatro, aprazia-se de accolltar o convite, mas parecia accetal-o antes por agradar ao marido do que por gosto proprio de passatempos fóra de casa.

Aos antigos costumes da reclusão da mulher no seio cimento da familia, á educação moral e religiosa dada tão severa como rudemente por João da Silva, que era muito mais honrado e escrupuloso do que instruido, e que imprimia no coração da filha o amor de Deus e de proximo que nunca se exageram, o com exaggeração inconveniente o dominio illimitado do paó sobre os filhos, do marido sobre a esposa, e, enfim, do homem sobre a mulher, Joanna ajuntava espirito acanhado, faculdades intellectuaes fracas o notavel ignorancia, porque nem ao menos lhe tinham ensinado a ler.

Assim modesta, religiosa, rica de virtudes, ignorante, paciente e submissa, pobre ento passivo, amando seu esposo, não tendo accção propria, contente da sua dependencia que reputava natural, zelosa da sua obediencia que considerava dever sagrado, Joanna fez a felicidade de Ursini e vivia perfeitamente feliz com elle.

E' palpitante a inconveniencia da antiga educação que preparava a mulher para viver com a convicção de sua inferioridade e do seu dever de absoluta sujeição ao homem, sem as nobres reservas do entendimento e da consciencia, e que em um espirito fraco o rude, como era o de Joanna, levaria suas consequencias até a alheação completa da vontade e ao rebaixamento de uma creatura humana tornada automatico; essas consequencias, porém,

não podiam então crear pezares e mortificações para a joven es-
posa muito amada de Ursini, e ainda não atribulada pelas tempe-
stades do coração.

Ursini e Joanna amavam-se pois e eram ditosos.

O mestre João da Silva não deixára fortuna, e pelo contrario
legara no genro um filho adoptivo no cunhado.

Joanna adorava Propicio; Ursini, dous mezes depois do seu
casamento, voltou ás sessões nocturnas do *lasquet*; daquella
adoração e deste vicio surgiram as unicas nevoas que, passagel-
ras, toldaram o céu do amor dos dous esposos.

Propicio a custo aprendera a ler e escrever, e resistiu obsti-
nando a Ursini que se esforçava por obrigar-o a applicar-se a algu-
ma arte ou officio: seguro da protecção irreflectida e cega da
irmã, insensato e sem educação, tornou-se um peso para a familia,
e em desenfreamento de vadio seguiu caminho de perdição.

Joanna, em tudo escrava do marido, não encrespava jamais
juba de leão enfeada, mas vertia lagrimas de dôr silenciosa em
defesa do irmão cujo futuro ella involuntariamente compromettia,
e com o seu pranto desarmava a sabia energia do esposo.

Ursini trabalhava com animação e constancia e dava á sua
mulher vida relativamente suave e sem duvida livre de priva-
ções; dola-lhe, porém, a consciencia, porque a deixava só noites
inteiras para ir saclar seu vicio fatal, perdendo quasi sempre se
jogo quanto d'inhelro levava consigo, e ás vezes mais do que
podia perder.

O que, porém, muito mais o vexava e commovia, era a pacien-
cia angelica de Joanna que nunca o increpava do cruel abandono,
nem se lastimava da perda e estrago da fazenda commum, e
antes procurava esconder-lhe com generoso disfarce a tristeza e
a magua que naturalmente sentia.

Duas fraquezas, dous grandes erros acabaram cedo por harmo-
nizar-se pela necessidade de mutuo perdão.

Ursini, para dar consolação e aprazimento á esposa, tolerou
com indulgencia a ociosidade e a rebeldia de Propicio, e Joanna,
agradecida, desculpou dentro de si a paixão do jogo no marido
que era tão bom e tão condescendente com ella.

Ese accôrdo tacito era facil entre esposos que se amavam,
e que ainda mais estavam já enfeitados, vendo, a seus olhos
crescer, sorrir, brincar e bemaventural-os um mimo do ceu, um
anjinho que era a flôr dos seus amores puros, Rosina, que lhes
nascera no fim do segundo anno do seu casamento.

Rosina tinha de escapar aos erros da antiga educação amesquinhadora e deprimente da mulher; mas ainda mal que havia de cabir no extremo opposto, em que a educação moderna não menos se mostra viciada; accrescendo demais os perigos da influencia de um pae que em longos annos de miseria e corrupção devia ter estragado o coração e embotado a consciencia.

Joanna amamentara Rosina, embalara-a, até aos sete annos, fizera-a dormir em seu collo ao som de suas cantigas primeiro, depois ao enredo de infantis historias; ensinara-lhe em fabulas rudes, em lendas de santas as lições do bem, e de virtudes evangelicas, de pobre de intelligencia como era, mas filha de boa mãe, sem premeditação e sem arte era boa mão de sua filha, e em cantigas, em historias, em fabulas e em lendas entoadas e cantadas entre beijos e caricias maternas que abrem os labios, os ouvidos, os olhos e o coração, educara Rosina pequenina com essa sabedoria instinctiva, natural, sublime, cujo livro philosophico, magistral, inspirado, inimitavel, Deus, escreveu na alma da mãe, que a noite, embala, e ao collo magestosamente sagrado faz dormir a filha, ouvindo lições em musica, moral em contos fabulosos, exemplos em lendas de santas, e tudo isso tão facil, tão doce, tão angelico ao gozo de beijos purissimos e de caricias, que sorriem nos anjos!

Mas quando a menina começa a trojar seus vestidinhos enfeitados, a rallar com engraçados atropelos de palavras e a correr levada em visitas pela vizinhança, o pae, a mãe, o tio, os vizinhos, e quantos a viam, lhe diziam todos:

— Que linda menina!...

E nenhum lembrava-se de festejar-a, dizendo-lhe:

— Que boa menina!...

E attenda-se bem para o facto constante, todos os dias, e em todas as familias observado, facto cuja transcendente influencia passa despercebida.

Do menino diz-se, repete-se mil vezes ou por convicção, ou por illusão de amor, ou por lisonja aos paes:

— Esta criança ha de dar de si!... que talento prodigioso!... não de ver que elle fará brilhante carreira litteraria! — ou — que genio, que vocação para as artes!... que futuro de artista inspirado!...

E outras prophedas semelhantes.

Da menina dizem os paes, e com elles todos repetem:

— Que formoso anjinho!... que bonita criança! como é bem feita! que linda moça nella se prepara!...

É ainda é milagre que a pobresinha não ouça dizer no fim dos elogios de sua belleza esse immodésto, malavizado e muito commum gracejo:

Isto ha de ser a perdição dos rapazes!...

A influencia transcendente deste facto geral e constantemente observado está em que, desde a infancia, o menino pensa em ser soldado, padre, medico, magistrado, em estudar, em aprender, em seguir uma carreira, e a menina cuida sómente em ser bonita, em enfeitá-se bem para tornar-se mais bonita, e quando os paes podem o querem dar-lhe a limitadissima e quasi sempre superficial educação litteraria, e o ensino tambem superficial de artes agradaveis, a que chamam *prendas*, dizem-lhe no empenho de excitá-la a applicar-se, que é para ella ficar muito bonita.

Sobre este gravissimo erro commum Rosina teve ainda contra si os principios falsos, e a adulterada moral de seu paó.

Ursini amava com ternura e desvanecimento a filha, e ufano, so da sua acerba e prolongada experiencia, jurára a si proprio que Rosina, educada e dirigida por elle, seria feliz e teria brilhante futuro.

Embora presumido de religioso e de muito devoto da *Madona*, o italiano era comtudo pelas suas idéas sobre a felicidade humana, profundamente materialista. A escola philosophica do sensualismo não teria melhor campeão do que elle.

Ursini baseava a felicidade humana, no mais amplo gozo dos bens e dos prazeres materiaes, e consequentemente reputava a riqueza condição essencial para se realizarem todos os gozos da terra.

Em sua consciencia todos os meios para enriquecer eram licitos, desde que o codigo criminal dos homens não os marcava como delictos ou crimes, determinando o castigo.

Destes principios tirava Ursini todas as deducções.

Assim enriquecer a sua Rosina foi a idéa predominante que se enboreou; mas a nobre esperença de preparar-lhe avultada fortuna com o seu trabalho e com a capitalisação das suas economias não o illudiu; porque, além das grandes proporções do monumento com que se achava, tinha por inimigo certo e implacavel o fogo; elle, pois, calculou com a belleza da filha, que realmente promettia ser admiravel, e deu por seguro o recurso de casamento com algum negociante ou proprietario opulento.

O sonho de Ursini era e é o de muitos paes que, por natural e excusavel exaggeração de amor, consideram as filhas merecedoras irrecuráveis de todas as glórias e magnificencias do mais donoso destino; o italiano, porém, não parava em chimericas e innocentes imaginações, e resolvera educar a filha de modo e arte a realizar seu intento.

Ursini era homem de principios, embora de principios immo- rales e condemnaveis, e sabia com a força da vontade, da pacien- cia e da constancia chegar ao fim que visava.

Deixou Rosina crescer bafogada pelas lisonjas á sua lindeza, animou-lhe a valdade, e quando a viu completar doze annos, re- tirou-a do collegio, onde ella tinha aprendido além de leitura e escripta um pouco de francez, ainda menos de piano, e muito dessas malicias que, sem completar a sciencia do mal, perturbam e ameaçam a innocencia das pobres louquinhas que já procuram adivinhar o que não sabem.

Ursini deu em casa professores de canto e piano, de francez, e desenho a Rosina, quiz sobretudo que ella insigne se tornasse na musica, a bella arte que tão facil se presta ás seducções mais arrobatadoras, porque insinua a paixão em melodias, e abre os corações com a chave do sentimento; reservou, porém, para si, absoluta e exclusivamente para si, o ensino do que elle chamava lições da sua experiencia, o ensino da vida a viver, o ensino da apreciação do mundo, dos fundamentos da felicidade e dos meios de assegural-a, o ensino dos gecos, do calculo egolista, em uma palavra, o ensino da antithese mais absurda, o da *razão materia- lista*, mantado o espiritalismo sentimental do coração.

Ursini começou por conquistar toda a confiança de Rosina, fazendo-a esquecer sua autoridade do paé, e a força de amenas, expansivas e alegres conversações, obrigando-a a communicar-lhe todos os seus pensamentos e a fallar-lhe como a um bom e dedi- cado amigo, a quem nada se esconde.

Conseguida a confiança plena, tudo mais foi de simples faci- lidade: Ursini, dissimulando o mestre, imprimia suas lições no animo da filha, inventando historias, ridiculisando os principios severos da moral, e, mostrando no quadro da sociedade o imperio da riqueza e as gonfluxões dos homens deante do altar do ouro.

E, todavia, esse mau paé tinha para si que abria para Rosina o caminho da verdadeira felicidade humana, e que o fazia sem sa- crificio das santas noções da honestidade, porquanto antes do mais gravara no espirito da filha a firme convicção do que, por

d'ever e por principal interesse, a donzella tem na sua pureza *material* o seu maior thesouro, e o condão das suas mais arrojadas esperanças do futuro.

Salva esta reserva essencial, ou, como Ursini dizia, salva a *pureza*, a donzella não tinha que respeitar outros limites no seu empenho de agradar ao homem e de captival-o, e apenas lhe cumpria ter habilidade, arte e prudencia na escolha e no emprego dos meios,

Semelhante doutrina devia por força convir a uma menina vaidosa. Rosina aprendeu-a com extraordinaria comprehensão, e aos quinze annos de idade estava mestra.

Vaidade descommunal;

Sensibilidade, pelo menos apparentemente embotada;

Delirante ambição de enriquecer por casamento e presumpção de o conseguir;

Olvido do recato;

Subtilleza e arte na provocação de cultos á sua belleza;

Aprazimento e vangloria de ser namorada;

Mallicia e fingimento;

Ardentes affectos na physionoma, e indifferença e gelo no coração;

Orgulho do seu dominio sobre os sentidos, e inabalavel segurança de manter illesa a sua *pureza*, a pureza unica que seu pae lhe ensinára a defender;

E, enfim, como resultado de tudo isso, aos quinze annos — a mais consummada e audaciosa *namoradaira*: — eis os frutos da educação dada por Ursini; eis — Rosina.

Rosina era duplamente filha de seu pae.

VII

Em 1869, quando tantos olhos deslumbrara no *Prado Fluminense*, Rosina contava vinte annos e tocava o apogeu de sua esplendida formosura.

Muito joven ainda, ella comtudo já principiava a impacientar-se pela demora do noivo rico e do casamento de ouro. Se pae não podia proporcionar-lhe o luxo e o tratamento faustoso com que ella sonhava, e as sociedades aristocraticas, não abrindo suas portas ao humilde artista italiano, a condemnavam a viver real

ou pouco admirada em seu modesto recantô, e sem a glória da exhibição de sua belleza e de suas graças no theatro do brilhante luzimento do mundo elegante.

Rosina tonteava em estereis desejos, pensando nas carruagens, nos brilhantes, nos *toilettes* magnificos das esposas de homens millionarios, em seus titulos de nobreza, em suas côrtes de adoradores, em seus gozos de inebriado desvanecimento; Rosina imaginava os triumphos e as delicias do *Cassino*, das noites de recepção nas salas da alta sociedade, exagerava extraordinariamente o valor dessas vãs grandezas, por isso mesmo que se achava dellas privada.

Presumpçosa de mais para confessar o triste cansaço de suas esperanças, ostentava-se jubilosa e continuava a esperar, matando o tempo a distrahir-se com os seus galanteios.

E' verdade que alguns homens ricos já a tinham requestado; esses, porém, lhe haviam fugido desde que se convenceram de que a muito facil namorada era inconquistavel pela seducção, e só se prestaria a ser amante de seu marido.

Os outros seus apaixonados, e contavam-se por dezenas, artistas e estudantes alegres, mancebos casquilhos, e tambem ridiculos velhos namoradores, alguns dell'es ambicionando com ardor desposal-a, não serviam aos seus planos de futuro, e ella apenas os tolerava, e continha-os em esperanças, como sequito do escravo encadeado do carro triumphal de sua inconsiderada vaidade.

Rosina, pela fama de namorada, espantava do numero dos seus pretendentes os mancebos honestos e pundonorosos; mas ainda estava illosa de suspeltas que lançam negra mancha no véu branco da donzella.

Um dos vizinhos de Ursini, testemunha dos namoros de Rosina e juiz seguro de suas castas reservas, chamava-a, juntando a censura ao elogio, a *doida com juizo*.

Mas a filha de Ursini, pouco antes de completar os vinte annos, tinha encontrado um joven artista, que, captivo dos seus encantos, a impressionara, aliás sem commovel-a, pelo culto especial e novo para ella, que torna, mais gravemente lhe rendeu curvo a seus pés de rainha da belleza.

Este amor do joven artista influirá talvez tanto sobre o futuro e a vida de Rosina, que se faz preciso tomal-o em sua origem.

Ursini tinha-se relacionado estreitamente com o pintor scenographo que o adoptara por ajudante no theatro de S. Pedro de Alcantara.

Graciano, esse pintor, era casado e Clotilde, sua esposa, a melhor amiga de Joanna, levava Rosina á pia baptismal.

Em 1868 Graciano morreu, deixando por unico legado á sua viuva um nome sem mancha.

Clotilde tinha-se casado por amor e a despeito da mais enervada opposição de André, seu irmão, que lhe servia de pae, e que nunca lhe perdoou a desobediencia.

Ha abyssos que ás vezes separam até a morte dous homens: em d'elles é o ciúme odioso acceso entre artistas: André tambem era pintor, e se tornou inimigo de Graciano; dahi a sua reprovação desesperada ao casamento da irmã.

De genio melancolico e retrahido, rancoroso e obstinado, André nem mesmo depois da morte do cunhado procurava ver Clotilde.

Mas poucas mezes depois de Graciano, ainda no mesmo anno de 1868, André baixou por sua vez no cemiterio, deixando por herdeiro do sua palheta, de sua muito mediocre fortuna, porém não de seu odio, um filho unico, Angelo, joven artista de vinte e dous annos de idade.

Clotilde arrastara a viuvez e a pobreza com fortaleza nobre de animo: lembrando a intimidada rancorosa votada a seu marido, não quiz bater á porta de seu irmão, e á custa dos mais rudes trabalhos, lavando e engommando roupa com suas mãos finas e brancas que Graciano tanto gostava de beijar, costurando e bordando, se o tempo lhe sobrava, a digna senhora, que aos trinta e oito annos ainda era bonita, soube mostrar-se recatada e virtuosa, e sem sahir de sua humilde casa terrea, viveu independente, respeitavel e engrandecida pelo proprio infortunio.

Joanna, fiel á amizade, não esqueceu Clotilde, e para auxiliá-a sem abatel-a, conseguiu que ella se prestasse a costurar para a afillhada e a ser a sua modista dos vestidos de toilette domestico.

No fim de 1868 Angelo appareceu a Clotilde trajando carregado luto, e precisou dizer quem era para ser por ella reconhecido: a tia tinha deixado o sobrinho com cinco annos de idade e não o tornara a ver depois do seu casamento.

Clotilde amara extremosamente Angelo; abraçou-o pois, quando, e agradeceu-lhe mil vezes a consolação immensa que elle viera trazer; mas, com escrupulosa dignidade, repugnando apro-

veltar-se de qualquer recurso que parecesse da pequena fortuna deixada por André, negou-se teimoso e inabalavel a ir viver com o sobrinho, cuja frequencia em sua casa allias desejou e pediu.

Angelo não teve necessidade de explicar á tia as razões por que nunca a procurara; sabia que Clotilde vivera muitos annos sob a tutela do irmão; o filho não podia accusar o pae; e abençoou a generosidade da irmã offendida que, para poupar o sobrinho, não deixou perceber a máis leve queixa.

O joven artista era também pintor, e começava a distinguir-se como retratista, além de cultivar com severo estudo a pintura historica, merecendo gabos dos melhores mestres, que lhe asseguravam glorioso futuro.

Angelo tivera em seu pae não só o seu primeiro mestre de arte, mas o exaggerado mentor mais rígido, iracundo e inflexivel de sua educação moral e, até á morte de André, achara-se quasi esquecido ao mundo, vendo o vicio e o crime nas máis leves fraquezas da mocidade, tendo no trabalho, a que se entregava, e ao habituar-se a entregar-se apaixonadamente, a unica valvula para as flammas da juventude; sem amigos da sua idade, pois que não tinha liberdade para contrahir ligações, nem prazeres e festas para ter socios, o filho de André era como estrangeiro recém-chegado a uma terra desconhecida, o fugia á luz, aos homens, á sociedade, tinha o pudor de uma donzella, a inexperiencia de um menino, a lição anachronica de um velho, e a austeridade de um sauto.

Era um mancho alto e porfeitamente talhado de corpo; sua fronte elevada e ampla, throuo ostentoso de intelligencia superior, mostrava-se coroada por cabelos negros, luzidos, crespos, eucos de cujos caracões de ordinario lhe cahiam insubordinados ondoando sobre o meio da testa; seus olhos porém eram pardos e amortecidos, e como escravos de profunda concentração de vida intellectual; sua tez era macillenta, sua barba falhada, e seu rosto de longo oval e de faces abatidas tinha alguma cousa de triste e desconsolado, que ao primeiro aspecto o desengraçava.

Escravo do habito e amante apaixonado da sua arte, Angelo trabalhava de continuo e era invisivel de dia; mas á noite quasi sempre procurava suave e puro entretenimento na conversação amiga de sua tia; e foi nessas occasiões que por vezes se encontrava com Joanna e Rosina.

O joven artista a principio mostrou-se, não indifferente, mas um pouco alheio á bella moça; porque não ousava olhar-a tão

francamente como era preciso para apreciar-a em toda a sua riqueza de encantos; força lhe foi, porém, obedecer á invencível atração, e emfim contemplando-a enlevado, acabou por abrir o coração ao seu primeiro amor.

Adivinha-se que a namoradaira empregava de sua parte algum de seus artelhos recursos para ser amada por Angelo; mas fez-o sem grande empenho e apenas por costume; porque não o achou nem bonito, nem sympathico.

Rosina ainda assim deixou-se em breve preoccupar divertidamente da natureza um pouco original e muito nova para ella de amor acobruhado daquelle mancebo de vinte e dous annos.

Com effeito, Angelo denunciava a medo seus ternos sentimentos em cultos fugitivos e temerosos de enlevado olhar, e quando apanhado nessa adoração, confundia-se e corava, como em flagrante delicto de profanação da innocencia.

Joanna e Clotilde tinham applaudido essa nascente affeição que bem podia terminar pelo casamento mais feliz, e ambas de recordo, simulando conversações em intimidade, retiravam-se ás vezes para o interior da casa deixando os dous jovens a sós.

Todavia Angelo perdia o tempo de favor em extasis, e obrigado a fallar, ou não passava de allusões ternas, mas obscuras, ou depois de monosyllabos ou de palavras soltas em momentos de febril arrojio, estremeceia, e abrazava-se de pejo, como se fóra pudica denzella, e suspirando enleado, fazia logo observações banaes sobre a noite, a lua e o céu.

Educado com as exagerações de um pae austero e genioso, sem frequencia de sociedades e sem as lições condescendentes do mundo, amado pela primeira vez com a pureza de um coração virgem, com a consciencia mais melindrosa, Angelo temia ultrajar a linda Rosina, fazendo-lhe a confissão do seu amor, e em suas doces meditações do noites passadas em claro, sonhando a maior dita, resolvera emfim não declarar sua paixão sem santifical-a com a proposição de casamento; mas embora tão ingenuo e simples, ainda reflectido e grave queria primeiro consultar com sua tia.

Ora, ainda que se afigure ridiculo, é certo que Angelo demorava a consulta; porque vexava-se, tinha vergonha de confiar a Clotilde os extremos do seu amor, e o seu desejo e a sua esperanza de casamento.

Rosina comprehendera que havia feito a conquista de um coração innocente, e, apreciando a variedade, mas não sabendo mi-

cular o valor do thesouro que tão espontaneo lhe ia ser offerecido, determinou educar um namorado, e entreter-se algumas somas com os seus arrobatamentos.

A donzella *namorada* começou por tomar em brío vencer as confusões e os enlelos de Angelo, e recrear-se, obrigando-o a fazer-lhe solennes declarações de amor, contando com o regalo de extraordinarios exaltamentos ou de visiveis inconsequencias, perturbacoes o tormentos de menino pudibundo.

Assim, uma noite, apanhando o joven pintor abandonado ao seu capricho por Joanna e Clotilde que, como ás vezes faziam, tinham ido conversar seus segredos, Rosina fitou os olhos em um ramalhete de violetas que estava sobre a mesa da sala, e disse:

— Como são mimosas as violetas!... não gosta das violetas, senhor Angelo?

— Oh! muito!... respondeu o mancebo; ellas symbolisam no seu escondido florescer a modestia, e no seu perfume a pureza do amor.

— Eu ignorava a segunda parte do symbolo; mas por isso mesmo d'ora avante amarei em dobro as violetas.

Elle sorrindo felicemente, accrescentou:

— O senhor fica responsavel pelas consequencias deste pensamento de amor...

Angelo desse modo provocado, animou-se e disse a tremor:

— Em tal caso abenço o... o sentimento que me fez trazer... esse ramalhete de violetas...

— Ah!... foi o senhor?...

— Sim, minha senhora... fui eu... fui eu... que...

Mas Angelo não ousou completar o seu pensamento.

Rosina continuou logo:

— As violetas, cujo suave perfume symbolisa a pureza do amor?... tem razão: não pôde haver amor mais puro e santo do que o seu por minha madrinha...

Elle Rosina olhava para Angelo com olhos de matar...

O joven pintor respondeu, quasi murmurando:

— Mas não foi... confesso que não foi para minha tia que trouxe as violetas...

Rosina fingiu-se perturbada, duvidosa, anhelante, e balbucou:

— Ah!

Mas vendo que Angelo ainda se contrahia em afflictivos embatimentos, disse, com os olhos no chão e abafando um suspiro, que aliás se atalçou:

— Perdão!... eu não perguntei para quem o senhor as destinava...

E logo arrependida do que acabava de dizer, vergonhosa, corada de pejo, que aliás não sentia, inconsequente, perdida, balbuciou com adocidado protesto de reserva:

— Senhor Angelo... eu não perguntei coisa alguma...

Era perguntar demais: o pobre Angelo exclamou commovido:

— As violetas... eram para a senhora...

Rosina, a artificiosa namorada, estremeceu de love, e com os olhos no collo, e a fazer dobras no lenço, como se estivesse perturbada, murmurou:

— Não eram...

— Oh!... eu o juro.

E ficaram ambos em silencio por algum tempo, e as violetas sobre a mesa; Angelo tremulo de abalo, e de attonito embargo, Rosina a fingir-se confundida e agitada; mas rindo dentro de si, até que como cansada de tanto vexame seu; de proposito porém, affim de excitar o namorado tão puerilmente tímido, tornou dizendo sem levantar os olhos:

— Não eram... não eram... se o fossem...

— Se o fossem... ah! se o fossem?

Rosina ainda perdoou a pergunta, que fazia trocar as posições de requestador e de requestada, e respondeu com o mais terno alvoroço:

— Se o fossem... não estariam ali... esquecidas na mesa...

Era uma queixa exhalada a custo, e quasi dolorosa.

Angelo em arroubo subito e ardente tomou as violetas, e ajoelhando-se nos pés de Rosina, offerceu-lhe o ramalhete, dizendo com a mais viva commoção:

— Eram para a senhora!... mas eu tinha medo de offendê-la... porque...

E hesitou ainda.

Rosina recebeu o ramalhete e perguntou, suspirando:

— Porque?...

— Porque... nessas violetas eu queria confessar...

E acabou com um tremor de voz, que parecia accusar grande ousadia:

— Confessar... o mais terno amor... uma aspiração... a mais audaciosa...

— Ah! exclamou Rosina, levantando-se; se mamãe nos visse!...

Angelo ergueu-se logo sobresaltado, e olhando em torno, respirou, achando-se livre da surpresa que Rosina temera, e em breve recetoso, mas com indomito anêlo, procurou ler no rosto da donzella a sentença da sua condemnação, ou ver naquella céo ralar a aurora da sua esperança.

Rosina estava em pé e a dous passos delle, que a viu comovida, levemente corada, e anciosa, e com os olhos fitos no chão, voltar-se um pouco de lado como para esconder o que ia fazer, levar o pequeno ramalhete de violetas quasi encoberto na mão até a altura do seio, e com inhabil disfarce guardalo occulto nesse sacrário da innocência.

Angelo embevecido, transportado, jubiloso, feliz, erguen as mãos, e approximando-as, como em acto de adoração, pôde só dizer:

— Meu Deus!...

Quasi logo entraram na sala Joanna e Clotilde.

VIII

Rosina não era digna daquelle amor virginal, poetico e santo do joven artista, que no momento em que se arrobatára, vendo a mais terna accliação do seu amor na escolha do asylo para as violetas que offerecera, em vez de romper em palavroso vulcão de juramentos e finezas, olvidára a terra e se voltára todo para o céo, dizendo sómente — meu Deus! — agradecendo a felicidade suprema que imaginava na dita, que Rosina apenas lhe dolxára esperar.

A filha do Ursini guardára as violetas no seio, contando destruir por meio dessa acção provocadora as ultimas penas do acanhamento de Angelo, e gozar por minutos os extremos e os delirios da exaltada paixão daquella natureza virgem; mas ficou estupefacta, observando o embevecimento mudo, a felicidade radiante, porém suave e silenciosa, e aquella abstracção de si, da terra, della mesma, com que o joven artista na fé em sua gloria agradecido adorára Deus.

Rosina não comprehendia como, no abraçamento do coração, no ardor da commoção, e quando o poder da sua belleza, e a graça da esperança do seu amor deviam dominar absoluta o

exclusivamente Angelo, pudesse este não adorar sómente ella, e pudesse ao contrario com a alma ainda livre levar a alma perante Deus.

A Inconsiderada donzella não era ímpia; raciocinava, porém, a seu modo, e toria achado sublimes aquellas graças rendidas a Deus, se Angelo immediatamente depois houvesse rendido outras ajoelhado diante della.

Todavia Rosina estava segura do amor que inspirára ao joven pinto; pudico, original e em todo caso por isso mesmo divertido e interessante namorado.

A *namoradaira*, chegando á sua casa, e recolhendo-se ao seu quarto, esquecera completamente as suas violetas; mas ao despertar-se, vendo cahir a seus pés o pobre ramalhoto, apanhou-o, sorrindo-se e foi archivarlo em uma gaveta já rica de flôres murchas e secas, que ella conservava como louros de conquistadora.

Pensando nessa noite em Angelo, Rosina lembrou-se, naturalmente, das ultimas palavras que elle lhe dirigira.

O mancebo lhe dera nas violetas a confissão de um *grande amor*, e a *mais audaciosa aspiração*.

Que aspiração a *mais audaciosa* seria essa que Angelo não explicava ?...

Em amor que se dizia *tão grande* a aspiração só podia ser de casamento; se, porém, era de casamento, porque elle havia de qualificar a de — a *mais audaciosa* ?

Rosina se explicava bem esta qualificação pelo seu inexcedível merecimento de formosa donzella e pela modestia e timidez do seu apaixonado e pretendente a noivo; entretanto, o superlativo da audacia agulhoava sua curiosidade e accendia-lhe a imaginação.

Se, em vez de um joven menino, de um inesperto, novel, innocuo, innocente mancebo, pobre lubrifico do sagaz e abusiva namoradaira, Angelo fosse um hypocrita e refalsada especie nova de seductor ?...

Rosina não o acreditava; mas imaginava-o, e arrependia-se de haver interrompido a declaração de amor que Angelo lhe fizera, e de não ter exigido completas informações.

Sua exclamação interruptora fôra instinctivamente calculada para impedir uma proposição de casamento e para espaçar o desengano que havia de privar a dos esperançosos cultos amadores do apazivel namorado contemplativo, poetico e bisouho; mas Rosina não se perdoava esse erro de escrupulo infantil ou

irreflectido, e riu-se de si mesma, perguntando-se que mal, que inconveniência havia em dar esperanças de casamento, em promettel-o até a Angelo, se fosse essa a sua aspiração a mais audaciosa.

Ponderando levemente assim, não tendo em séria conta qualquer compromisso a que se expuzesse, vivamente desejosa de chegar ao fundo do segredo que possivelmente se podia ter escondido naquella declaração *aspiração a mais audaciosa*, o confim attrahida pelo gosto sacrilego da zombaria, do destructo indecoroso o cruel do mais nobre e santo sentimento, Rosina adormeceu embalada pela revelação travessa, immodesta e imprudente de alimentar as esperanças de Angelo, inflamar-lhe a paixão, simulando corresponder a ella, tomar por passatempo aquelle amor innocente de menino, ou enfim, dada improvavel hypothese de um seductor astuto e santilão no joven tímido e sentimental, castigal-o com o seu mais profundo desprezo de pois de allucinal-o e enloquecel-o com os fulgores da sua belleza, e com os amavios da sua magia de namoradaira.

Rosina esperou sem impaciencia porque não amava, mas naturalmente querençosa, novo encontro o nova conferencia com Angelo, e teve-o logo em uma das proximas noites: quando, porém, contava ter diante de si o mesmo amoroso ingenuo e perplexo, ou talvez encoberto em apparentes innocencias, trede e manhoso seductor, maravilhoun-se de ser obrigada a reconhecer um homem reflectido e grave no mancoço que a amava.

Angelo em sua nobre e candida simplicidade se considerou em divida sagrada para com Rosina, desde o momento em que ella depositára as violetas em seu seio de virgim, e sentindo-se realizado pela graça que obtivera, e forte pela consciencia de um grande dever a cumprir, ufano do seu amor, aguardou ansioso a oportunidade de fallar á donzella, sem mais pensar em previos conselhos de sua tia.

A oportunidade chegára: Angelo fallou ácanhado ainda; mas já livre da hostilção.

— Minha senhora, disse elle; ousei declarar-lhe o meu amor; permita agora que ou vá além e que esquecido do pouco que mereço manifeste a felicidade que aspiro?...

— Ah... sim; disse Rosina.

— E' a sagração do amor pelo casamento.

Rosina não respondeu, reflectia, deixando-se parecer alvo-rogada e vergonhosa.

Angelo continuou, dizendo commovido.

— Simplez artista, ainda rude pintor que trabalha assiduo para conquistar alguma gloria, por ora tenho só a offerecer-lhe o amor mais puro e a segurança da fidelidade mais terna.

Rosina cada vez se perturbava mais.

— Peço-lhe uma palavra que me autorise a dirigir-me a seu pae; disse Angelo, cuja voz estremecia então.

O pretendente esperou a resposta.

Rosina, obrigada a fallar, murmurou, mentindo:

— Eu o amo...

— Oh!... é tudo!... exclamou Angelo.

A namorada o interrompeu:

— Mas... não sei... o casamento... eu sou... meu pae é tão pobre...

— E acaso eu o julgava rico?... tambem sou pobre de fortuna...

Rosina levantou o rosto que inclinára para o collo, e olhando apalxonada e suavemente o joven pintor, disse com doçura:

— Amo-o! oh, sim! amo-o; mas se é deveras pobre, que lhe seria a esposa, senão peso embaraçador da missão do artista, senão involuntaria impositora de sacrificios?... amo-o!... amo-o mancebo que me tomou o coração, amo-o artista de genio; ai de mim, porém!... eu não quero que o meu amor o infelicite!...

O egoismo e a indifferença se disfarçam nas ternuras da voz de Rosina; mas as blandicias e a musica dessa voz allucnavam o amoroso e inexperiente Angelo.

— E' verdade, respondeu elle; ainda ganho pouco, e ha na vida condições e exigencias materiaes imprescindíveis; mas, dona Rosina, meu pae deixou-me a casa em que móro e que chega bem para dous noivos, e o rendimento de dez apolices, que em todo caso é recurso; minha palheta, embora novel, já me garante mais do que o dobro desse rendimento, e nós, animados, beneficiados pelo gozo da mais santa felicidade, repartindo o tempo entre o amor e o trabalho...

Rosina tornou a interromper Angelo.

— Trabalho?... fui e sou tão malcreada para filha de pobres!... exclamou ella, sorrindo.

E estendendo os braços, mostrou quasi junto dos labios do mancebo suas mãos pequeninas, brancas, assetinadas ao tacto, maravilhosamente bellas aos olhos.

Angelo, encantado e feliz, contemplou deliciosamente, e não ousou tocar com um beijo aquellas mãos tão mimosas.

— Tem razão!... disse elle; mãos de anjo... seria um crime condemnal-as ao trabalho!...

Mas Rosina, habil e comica, fingiu-se logo melancolica, e suspirando, tornou-lhe:

— Obrigado, senhor Angelo; porque mostrou-me o céo!... eu, porém, o amo...

— Então?...

— Não quero que o meu céu seja o seu purgatorio.

— Ah!... rejelta-me?

— Oh! quando confesso que o amo!...

E cabiram duas lagrimas dos bellos olhos de Rosina.

— Pedil-a-el em casamento a seu pae! disse Angelo inebriado de amor.

— Em casamento?... perguntou Rosina.

— Dentro de um mez!

— E as condições e as exigencias inflexiveis da vida material depois do casamento?...

— Bastam-me dous annos de estudo e de trabalho fervoroso d'ora avante inspirado e impellido pelo amor, para fundar minha reputação e meu renome de artista... ganharai muito!...

— E nos dous annos?...

— Tenho as apolices que me deixou meu pae, o que assegura vida modesta; mas sem privações...

Rosina instinctivamente delicada e melindrosa não feriu a susceptibilidade do orgulho do esperançoso artista, pondo em duvida a realização de seus sonhos de gloria; mas com seductora meiguice dos olhos e da voz, requintando em suavidade e em artificial agrado, perguntou:

— Devéras ama-me?

— Se a amo! exclamou Angelo que nessa noite se desatira das prisões do vexame; se a amo!... amo-a religiosa e infinitamente!

— Como eu o amo!... ainda bem!...

— Então que importa a nossa pobreza?...

- Temo-se do tempo?...
 — Por mim, não.
 — Nem eu por mim.
 — E portanto?...
 — D'aqui a dous annos que idade terá?...
 — Vinte e quatro annos.
 — E eu vinte; disse ella, mentindo.
 — Ah!... quer dizer...
 — Que ainda então seremos duas primaveras a amar-se.

Angelo comprehendeu que Rosina lhe propunha o adiamento dos sagrados laços que os deviam unir, e guardou por momentos triste silencio. O coração lhe dizia que não era da donzella, que se confessava tão amante que deveria partir aquella proposição de espaçamento medido por calculo reflectido e prudente.

Rosina percebendo o que se passava na alma do mancebo, e affectando tambem melancolica languidez, disse abaixando o rosto e dando á voz o encanto dessas melodias suaves, de rhythmo moroso, em que se esvae a queixa ou se acalenta a dôr:

— Amar... julgar-se noiva... e ter de esperar dous annos custa muito!... e no entanto...

Angelo perguntou, suspirando:

— E posso contar com a firmeza do seu amor?...

Rosina, em vez de responder, levantou o rosto, mostrando seus olhos que humidos de lagrimas brilhavam então fulgurantes, e seus labios expandidos por angelico sorriso. Ella tinha posto a mão direita espalhada sobre o coração, e depois avançou solemnemente, como se quizesse prestar um juramento.

Angelo fez segunda pergunta com accento abalado, mas notavelmente grave:

— E convém em considerar-se desde hoje minha noiva, como eu me considerarei seu noivo?... e toma portanto commigo compromisso leal, imprescriptivel...

Rosina não deixou o credulo e nobre mancebo acabar a proposição, e com ardor jubiloso o interrompeu, exclamando:

— Oh! sim... sim!...

— Dona Rosina!...

— Sim! repetiu ella.

Angelo radioso, mas ainda grave, disse:

— Deus permittirá que não preciseemos esperar dous annos: vou trabalhar com dobrada energia: o nosso amor e a sua imagem me darão inspirações, e me farão avassallar os segredos da arte!... diante da tela a senhora estará commigo, e eu conseguirei que a fortuna me venha sorrir antes do prazo imposto pela minha pobreza!

Rosina levantou-se e dando um passo para Angelo, disse com amoroso arrebatamento e alegria transbordante:

— E eu quero mais do que a fortuna do meu noivo, oh! quero adereçar-me com a gloria e com o renome do meu artista!...

A filha de Ursini sabia em que fibra tocava, fallando assim ao joven pintor.

Os olhos de Angelo scintillaram, seu rosto illuminou-se com as flammias da mais exaltada esperanza; mas o artista se conteve quasi logo, e o noivo extremou-se no exclusivo cuidado do mais ditoso empenho.

— Amanhã procurarei seu pae; disse elle.

— Para que?... perguntou Rosina ingenuamente, mas escondendo desagradavel impressão de contrariedade.

— Irei pedir-lhe a approvação e a benção do nosso compromisso: pedirá-el em casamento, e tomarei sobre mim as condições do longo prazo para...

— Oh! não, disse Rosina.

Angelo fez um movimento de surpresa, e olhou para Rosina admirado.

— Perdão, tornou esta; eu sei o que digo... confieço meu pae... elle me adora... mas...

— Mas?...

— Elle é meu pae! murmurou Rosina, como podendo para não fallar.

— E tambem será meu pae; observou o presumido noivo com seriedade.

Rosina fallou como violentando-se.

— Elle... tem idéas singulares... sobre mim; oqueira de pae!... quer-me esposa do homem muito rico... — olhos

do pae!... suppõe-me formosa e pela formosura... ah! perdão outra vez... elle não abençoaria facilmente o nosso amor, e conhecendo-o... e tendo de seu lado o tempo... dous annos... comprehende-me?...

— Um pouco; mas quizera ouvir tudo, respondeu Angelo turbado.

— Ah!... primeiro, quantos embaraços a nossas encou-tros aqui!... depois que lutas em casa para matar o meu amor! haveria duas victimas a penar, o senhor e eu; ou, porém, penaria em dobro.

A voz de Rosina penetrava dolorosa no coração de Angelo.

— Mas... em tal caso... que esperar?... perguntou o mancebo tristemente.

— Tudo; porque eu o amo.

— E seu pae?...

— E eu?...

— Que fará?...

— Em um anno, em dous annos destruirei todos os projectos de meu pae com o gelo da minha indifferença, ou do meu desprezo, que afugentará qualquer pretendente á minha mão...

— Oh!... disse Angelo; a riqueza tem fulgores que deslumbram!...

Rosina sorriu-se com soberana e majestosa seguridade.

— E durante um anno, durante dous annos consolada, aní-mada, feliz no gozo sereno do cultivo mysterioso do nosso amor innocente e santo que terá por templo esta sala, por egide o segredo, por divisa a gloria nossa virtude, eu vencerei meu pae com a prova e evidencia das suas desillusões, ou ainda no meio dellas, quando brilhar o dia marcado para a nossa união, a ternura e o poder da filha garantem, eu o juro sem receo de errar, mais do que a benção violentada, a benção do coração do pae.

— Portanto o nosso amor...

— Deve por ora ser inviolavel segredo...

E sorrindo outra vez, mas então feiticelra, e enlevadora-mente, a *samoradeira* acrescentou:

— E pois que não podemos effectuar já o nosso casamento, o amor assim... amor ameaçado; mas defendido pelo segredo... temeroso e anhelante, esperançoso e forte pela confiança, feliz na confiança mutua, romanesco pelo mysterio, a marcar de dous lados para um só ponto de horizonte côr de rosa... risonho... afortunado... absorvente de dous corações... ah!... não é mais encantador, o mais acatulado assim?..

Palpitante, arrebatado, escravo de magica influencia, Angelo disse com ineffavel ternura:

— Pois que é minha noiva, mande sobre mim, governe-me!

— Pois que sou sua noiva, mando que o nosso terno e decidido compromisso... seja thesouro escondido em dous corações de avarentos zelosos.

— Minha noiva!... exclamou Angelo, misturando com os desvarios de confiança insensata e enthusiasmo do amor mais poetico, e mais extremos: minha noiva!... a senhora é pois minha noiva!...

— Se o sou!... respondeu Rosina.

E, corando um pouco, offereceu com gracioso sorriso nos labios sua mão direita ao mancebo, dizendo-lhe docemente:

— Eis a mão de sua noiva.

Angelo tomou entre as suas a mão de Rosina, imprimiu nella o seu primeiro beijo.

IX

Este solemne compromisso tomado pelos dous jovens precedera apenas algumas semanas ao dia em que Rosina tão facelra e tão innocenta se mostrára no *Prado Fluminense*.

A filha de Ursini não tomára portanto muito ao sério o seu ajuste de casamento e os votos que trocára com Angelo.

Apanhada de surpresa pela attitude seria, e pela proposição instantanea e positiva do mancebo artista, Rosina, que já havia pensado um pouco sobre a hypothese que se realizava, aproveitou o recurso do alvoroço do pejo que tão natural devia parecer na occasião, e guardando silencio, fez suas ultimas reflexões e decidiu-se a conceder promessa de casamento.

Cansada de esperar noivo de ouro e sabendo que Angelo era artista, em quem se depositavam esperanças de grande futuro, quiz prendel-o, prestando-se ao compromisso que elle lhe propunha, e no entanto assegurou-se do espaçamento de dous annos, que lhe deixavam campo aberto e tempo longo para alguma conquista que pudessem realizar seus sonhos de riqueza.

O dolo escandaloso, a perfidia com que iludira o mais nobre mancebo, nem de leve perturbavam a consciencia da filha de Ursini, que ao contrario se applaudia dos faciles e felizes resultados de seu ardil.

Além disso, Angelo era o mais singular, o mais suave e o menos incommodo dos seus apaixonados: era para o caso o para os calculos da noiva o noivo mais precioso.

Confiando no amor de Rosina, fiel ao culto de sua arte, e pelo amor, almejando encurtar o prazo de dous annos, e pela gloria consagrando-se com ardor incansavel ao estudo, Angelo trabalhava ainda mais do que dantes, e zelando, como promettera, a segredo dos laços que o ligavam já a Rosina, soffria dolorosa, mas pacientemente, os tormentos agriçoes da saudade, e apenas duas ou tres noites por semana se expandia feliz, gozando por breves horas a companhia da bella noiva na casa de sua tia.

Rosina não procurava, nem desejava amar o joven pintor; foi, porém, obrigada a estimal-o ainda mesmo a despeito da sua vaidade louca que não podia perdoar, o que lhe cumpria admittir no noivo.

Angelo não tinha mais junto de Rosina nem timidez, nem vexames; o seu amor, porém, requintava o respeito, e no respeito tributava como religiosa adoração escrupulosa a uma moçeta, a um anjo, que não lembrava nunca as voluptuosidades da terra.

A pureza de Angelo quase que offendia Rosina, acostumada a thuribulações, que traziam nas ondas de perfumes o veneno da sensualidade civilisada.

Todavia, Angelo ao menos não incommodava Rosina, que continuava a fiebrar-se em sua vida de *namoradeira*.

As corridas do *Prado Fluminense* no mez de Maio tinham dado a Rosina alguns novos e sollicitos frequentadores da modesta rua onde Ursini morava.

Desses novos tributarios de amoroso empenho, alguns, naturalmente os mais recommendaveis á calculação da bella

ven, eclipsaram-se, desapareceram no fim dos primeiros ensaios de galanteio; e a razão era bem simples: a condição obscura do Ursini, cujo nome não se elevava pela estima publica, e a fama de namoradeira que Rosina já gozava, espantavam aquelles que por ventura tinham concebido a idéa de casamento, e ainda bem que a noticia e conhecimento da esquivaça da donzella a pretensões revoltantes e criminosas afugentavam os seductores que não queriam perder o seu tempo em namoros vão.

Rosina consolou-se da facil deserção de seus admiradores captivados no *Prado Fluminense*, occupando-se especialmente de um que mais constante, e sem duvida intencionalmente, passava uma vez em cada tarde pela sua rua, olhando-a com interesse, e affectando gravidade, e certa apparencia de habitos de grandeza.

Era um homem de estatura regular e bom proporcionado, de cabellos pretos, olhos da mesma côr e a flôr do rosto, que era oval e pallido, de labios grossos, de barba á ingleza, do perfeito esmero no trajar, e nos modos, na expressão physionomica, nesse *que* que não se explica, e que dá a convicção ou a presumpção estampando-se na face, no exterior, no ar da pessoa, indicando superioridade, e assegurando pujança de riqueza.

Esse homem trazia dissimulação evidentô nos cabellos e na barba de côr negra, e por pouço que fosse attentamente olhado, denunciava-se velho demais de cincoenta annos artificialmente remoçado pelas magias do toucador e pelas illusões do trajar.

Era um velho que teimava em ser moço.

Mas, velho ou moço, e em definitiva velho pretencioso de mocidade, esse homem passava deante das janellas de Rosina em carroagem que não era de aluguel, pois tinha gravadas na portinhola as iniciaes do nome do dono, e o cocheiro e o pagem ostentavam ricas librés, e os cavallos eram soberbos.

Rosina havia desde a primeira tarde reconhecido esse homem: era um dos quatro cavalheiros do grupo que muito della se occupára na hora de mais vivo interesse nas corridas do *Prado Fluminense*; era aquelle amator que declarára ter apostado por *Lucifer*, e que logo depois, tendo ouvido a exclamação ou o voto de sua vaidade interessada pelo cavallo do jockey que trajava a côr do seu vestido, dissera ilsonjavelmente:

— Apostei por *Lucifer*; mas abençoaria a derrota de *Lucifer*, se *Romeo* vencesse.

E esse homem tinha applaudido entusiasmado a victoria do *Romeo*, que allás o fazia perder uma aposta.

Rosina sentiu-se prevenida a favor do elegante velho que fizera votos contra a sua aposta pelo capricho da bella desconhecida: essa prevenção tornou-se curiosidade sympathica pelas apparencias imponentes do nobre senhor, que' ainda se distinguia pela ostentação da carruagem, pela abaloada libré dos lacaios, e pelo valor patente dos formosos cavallos de tiro.

A filha de Ursini não pensou na idade que podia ter o velho que se indicava opulento: em uma tarde olhou-o docemente; na seguinte sorri-lhe de passagem; na outra correspondeu sem vexame ao seu cumprimento que de mistura trazia respeito falso e intenção maliciosa.

Rosina começava a sonhar sonhos doudos, sonhos de grandeza e de esplendor magestoso...

E no outro dia á tarde o carro desse homem parou á porta da casa, ou antes da officina de seu pae; porque a casa era de sobrado, e a officina de Ursini no andar terreo.

Rosina concebeu esperanças deslumbradoras... esperanças de casamento de ouro...

Dez minutos depois o rico senhor entrou no carro, que partiu immediatamente...

Ursini subiu ao sobrado...

Sem duvida o pae vinha dar á filha a noticia mais lisonjeira...

Rosina entusiasmada correu a receber Ursini, e perguntou-lhe o que havia.

— Novo e estapendo freguez, e faustoso balle na chacara do senhor commandador Ernesto de Athaide.

— Ernesto de Athaide... é o seu nome?... e é commandador?

Estou encarregado de preparar e dispôr a illuminação do jardim da sua chacara com todos os esplendores e segredos dos effeitos physicos e...

— Mas esse balle...

— E' de estrondo! vaidade de homem riquissimo, que para esbanjar o dinheiro que nos falta, o que lhe sobra, toma por pretexto o quinquagesimo anniversario de sua mulher!...

— Casado!... exclamou Rosina desconsoladamente.

— E que confessa uma mulher com meio seculo e ainda a festeja assim!...

— Casado!... murmurou outra vez a joven em triste desilusão.

— Que ha de novo?... é a segunda vez que me repetes esse adjectivo casado, uma vez em tom maior e outra em tom menor?... que quor dizer isso?...

Rosina não tinha ainda segredos que escondesse de seu pae.

— Meu pae, respondeu ella; eu tinha chegado a pensar que o homem, a quem chama Ernesto de Athaide, amava-me...

— Ah! exclamou Ernesto, como tocado por um raio de luz inesperada...

— Mas é casado...

E abaixando a voz, Rosina murmurou tristemente:

— Ainda uma desillusão!...

Ursini poz-se a coçar a cabeça, olhando para a filha, e depois retirou-se, dizendo:

— Este mundo!... este mundo!...

X

O commendador Ernesto de Athaide é um opulento capitalista de grande e bem firmado credito; como observa escrupulosa pontualidade no desempenho de seus compromissos na praça, e dirige suas transacções com prohibida nunca desmentida, goza fama de *honradissimo*.

E' franco, generoso e muito presumido do seu merecimento pessoal. Em moço tinha sido bonito, gracioso de figura, ardente de paixões; e entrando no mundo já rico pela riqueza consideravel dos paes, fôra sempre festejado nas sociedades, que se lisonjeavam de possuil-o, e que lhe perdoaram, de mais, iniquos e repetidos abusos.

Ernesto, impellido por sua natureza volcanica, ajudado por seus dotes pessoais, e pelos cortejos á sua fortuna, e, enfim, desatado de todo respeito aos principios da religião e da moral, se tornara nudacioso seductor, levando o infortunio e a desordem ao selo de algumas familias, e deixando remorsos abafados em não poucos e muito imprudentes corações.

Aos quarenta annos de idade o famoso e até então incorrigivel seductor e inconquistavel celibatario, surprehendeu a todos, ligando-se pelos laços conjugaes a uma senhora apenas quatro annos mais moça do que elle, e que nem pela riqueza, nem por dotes physicos ainda notaveis se fazia recommendavel.

Mag no casamento de Ernesto e Amella, allás celebrado com muita sumptuosidade, não entrára o amor nem do noivo, nem da noiva.

Amélia era uma mulher alta, magra, de bellos olhos que sacrificavam sua natural doçura ao olhar altivo e desdenhoso; de nariz aquilino, labios finos, rosto oval e muito branco, faces abalidas e queixo em demasia saliente; suas mãos não podiam ser de mais extrema delicadeza; mas o seu peito era secco, e sua figura privada de toda graça, e de distincção nos contornos.

Presumçosa e soberba, presumindo talvez o mundo todo occupado com a idéa da sua estirpe e da nobreza que lhe vinha do avô, grandes fidalgos que já o eram na época da fundação da monarchia portugueza, Amélia, escrava dos prejuizos aristocraticos de seus paes, ficára solteira até os trinta e seis annos á espera de noivo da sua igualha.

O enfado natural do celibato involuntario, e talvez a insolencia da nova sociedade, que não acatava bastante a sua alta condição de grande fidalga, tinham aggravado a acrimonia do genio e offendido o orgulho da senhora aristocrata e presumçosa de alta e superior condição.

Mas a fortuna, cada vez mais sinistra e menos respeitosa, ia sempre augmentando os rigores da situação economica da familia fidalga, e os paes de Amélia, cedendo enfim á imposição democratica da necessidade, chegaram um dia a pensar que os cofres do commendador Ernesto valiam, nas revoltantes realidades da vida, muito mais do que os seus velhos pergaminhos de nobreza anachronica.

Esta convicção custou muito mais a entrar no animo de Amélia, e só depois de porfiada e longa luta, vencida por seus paes, mas não convencida pela razão, a fidalga prestou-se a *descer*, casando-se com o riquíssimo capitalista.

Tambem de sua parte Ernesto, ufanoso, possuido de van-gloria e de ridicula tumefacção moral, quiz por esposa e por mãe de seus filhos uma senhora a cuja nobre linhagem a alta sociedade rendia prelo na terra e na monarchia da nobreza democratica.

O casamento não podia ser melhor: os noivos acharam-se mais felizes e mais a gosto do que talvez o sonhavam: Amélia teve magnificencias em seu tratamento; Ernesto liberdade inteira em sua vida e em suas acções.

Soberana absoluta em sua casa, Amélia, olhando o marido como vassallo afortunado que devia realizar, e effectivamente realizava todos os seus caprichos, todas as suas fantasias, estimando-o um pouco talvez; não o amando, porém, porque não podia amal-o, julgando-o sempre somenos della, vivia de festas, de luxo e de

ostentação, e não se abalçava a pensar na vida que levava o marido, a quem apenas tolerava por dever social e por impulso natural na representação publica do seu estado e na convivência íntima e obrigada do lar e do leito.

A eohërba aristocrática de Amélia manifestára-se imponente a Ernesto em uma exigência antes e em uma negativa annos depois do seu casamento.

A exigência estampara-se em um artigo do contracto de casamento; porque os paes de Amélia quizeram que os filhos prováveis desta tivessem o seu nome de família sobre o nome de familia de Ernesto.

A negativa ostentou-se mais tarde; quando, durante certo periodo da guerra do Paraguay, foi facil obter titulos de nobreza á custa de donativos pecuniarios, Ernesto annunciou a Amélia que se propunha a abrir seus cofres para ter o título de visconde, afim de que ella tivesse o de viscondessa.

— Não, disse-lhe Amélia; não quero que um titulo comprado se misture com a nobreza que herdai de meus avós.

Alfóra esta grande fraqueza, que pelo leite e pela educação dominava o caracter da esposa de Ernesto, era esta de exemplar e altiva honestidade, caridosa com ostentação de magnificência, e orgulhosa e exigente quando se dignava conceder sua protecção a alguém.

Doas filhas que do seu casamento tivera, não modificaram seus sentimentos o seu systema de vida, nem ao menos para tornal-a mais amorosa e mais terna companheira de seu marido: Amélia continuou sempre a ser esposa recatada e respeitavel, mas ceremoniosa e fria; tendo leito e aposento á parte dos de seu marido, como etiqueta da pudor e lição de decência na familia.

A' principio um pouco resentido das pretenciozas manifestações de superioridade da nobilitarchia da esposa e da vida artificial a que teve de sujeitar-se em casa, Ernesto logo depois abençoou a paz do gelo que ahi lhe era dada pela guerra de fogo que podia impunemente fazer longe o fóra do lar domestico.

Ernesto, livre e solto, apesar de casado, entregou-se, como dantes, aos seus instinctos e aos seus habitos de sensualidade e de seducções, e nem mesmo delles se corrigiu, quando a velhice implacavelmente lhe foi annunciada pelo numero dos annos, e por aquella decadencia, o aquelles vestigios que de balde e ridiculamente alguns procuram dissimular.

Ernesto contava já sessenta annos, quando pela primeira vez viu Rosina no Prado Fluminense.

A impressão que a provocadora e linda moça deixou na alma do velho libertino foi extraordinária.

No mesmo dia, Ernesto conseguiu precioso recolher informações circumstanciadas da família de Rosina, e da posição social, condições, costumes e moralidade de Ursini.

O velho quase sexagenário meditou conquistar a joven de vinte annos. Tinha alcançado já dous conhecimentos preciosos: o da pobreza da família de Ursini, que apenas ganhava para mantel-a muito modestamente, e o da moralidade equívoca desse mesmo Ursini, que era o pae de Rosina. O seu primeiro empenho foi consequentemente, além de insinuar-se desde logo no animo da donzella por indicações de riqueza e de amorosa attenção, relacionar-se com o artista italiano e dominar sobre elle.

A festa esplendida com que costumava solemnizar o anniversario natalicio de sua esposa, serviu a Ernesto para abrir a porta da officina de Ursini.

Da officina á casa da família era um passo, e o velho seductor presumia ter nos seus cofres guardada a chave da porta da escada por onde se subia para o sobrado que ficava por cima da officina.

Ernesto acabava portanto de pôr sua mão avelludada do capitalista millionario sobre o hombro do pae de Rosina.

XI

Ursini não precisava esmerar-se na illuminação do jardim da chacara de Ernesto para merecer os gabos e a protecção deste, ajudado, porém, pelo concurso de ajudantes que podiam ser seus mestres, e fazendo-se crer o genio inspirador de todos os trabalhos, realizou maravilhas de pyrotechn'a, arvores com folhas de flammias, volcões em selos de verdura, repuchos de fogo e agua, um jardim encantado no jardim pouco notavel, mil e uma noites magicas em uma só noite de festa.

A illuminação custara a Ernesto maior despesa do que o banquete e o baile; mas tão satisfeita ficára Amelia, que no dia seguinte mandou a Ursini uma gratificação particular de seu bolsinho, e fez com que o marido o encarregasse de alguns melhoramentos no jardim.

Ursini exaltou-se com a confiança que a orgulhosa fidalga começava a depositar na sua habbilidade, e pensou que havia encon-

trado duas protecções focundas na mesma casa, embora nas raras occasiões em que Amelia lhe apparecera e lhe dirigira a palavra, mal pudesse medir a distancia em que ella abaxo e longe o del-xava com o seu tom de superioridade que ordenava sem consulta, e com o simples e frio *estd bem* que marcava sem agradecimento a satisfação de sua vontade zelosamente obedecida.

Foi então e como se tudo devesse concorrer para facilitar os criminosos projectos de Ernesto, que Joanna completou novas esperanças do marido, dando á luz um menino depois de dezoito annos de esterilidade subsequente ao nascimento de Rosina.

Ursini enthusiasmado com o filho que por tantos annos almejára debalde, propoz á esposa dar-lhe por padrinho e madrinha o commendador Ernesto e D. Amella.

Joanna concordava sempre com o marido, e achou optima a escolha do compadre e da comadre, aos quaes nem de vista conhecia.

Mas no seio da familia pronunciaram-se uma inutil reprovação franca, e uma cautelosa prevenção confidencial contra essa idéa de Ursini.

Propicio disse á irmã:

— Joanna, teu marido fez uma escolha de compadres que é propria de adulador interesseiro: procura para madrinha de teu filho uma senhora que não supponha fazer-te honra quando te chamar comadre, e para padrinho um homem melhor que teu marido, mas artista como elle.

E acrescentou em tom de lição:

Gente pobre mettida com *essa* gente rica perde sempre no jogo em que pretende ganhar.

Propicio, vadio pobre, tinha como quase todos os vadios pobres, odio aos ricos; mas ao menos deusa vez o odio lhe inspirára sábio conselho.

— Todavia Joanna respondeu-lhe rindo:

— E's um tolo.

Rosina fallou confidencialmente a Ursini.

— Meu pae, disse ella, eu creio que não escolheu com acerto o padrinho para o menino.

— Porque?

— O Sr. Ernesto continua a passar todas as tardes pela nossa rua.

— Se é o seu caminho!...

— Mas não o era antes das ultimas corridas do Prado Fluminense.

— E que tem isso?... ora!

— Previno-o de que apesar de ser casado, o Sr. Ernesto olha-me e corteja-me com suspeitosas intenções.

— Desconfiada!... desconfiada!... disse Ursini, encolhendo os hombros.

Rosina impacientouse, e tornou dizendo, com firmeza e sem corar :

— Elle me namora, meu pae.

Ursini riu-se e respondeu:

— Casado e velho, e commendador Ernesto não pôde olhar com designtos perversos para uma donzella recatada; mas ainda nos velhos e casados é natural a innocente admiração da tua belleza.

Rosina abriu um grande olhar e o fletou no rosto de seu pae.

— Fica certa, tornou-lhe este, que o commendador Ernesto não te namora.

Rosina não insistiu; mas ficou certa de que Ernesto a namorava e de que seu pae não duvidava disso.

Ursini logo que dias depois concluiu a contento de Amélia as obras de que fôra incumbido, mandou pedir-lhe uma audiência, e, no fim de uma longa hora, recebido na sala para onde o conduziram pela soberba senhora que nem se levantou, nem o convidou a sentar-se, deu-lhe parte do nascimento de seu filho e requereu-lhe a graça de ser madrinha do innocente e de conseguir que o commendador Ernesto fosse o padrinho.

A idéa do compadresco desagradou á altiva fidalga que deenhava relações com pessoas de humilde condição; parecia-lhe, porém, não cruel, mas pouco *nobre* furtar-se a um dever de religião e de santa caridade.

Impassível, soberba e enregelada, tendo Ursini em pé deante de si, Amélia reflectiu em silencio cerca de dez minutos, que ao sollicitante pareceram dez dias; finalmente e ainda sem a mais leve expansão de physionomia, e quase sem olhar para o pobre plebeu, disse :

— Sim.

E fez com a mão signal de despedida.

Ursini retirou-se, julgando-se com alguns palmos de menos em sua estatura natural, arrependido da comadre que tomára; mas bom determinado a não confessar á familia a humilhação por que passára.

Procurando depois, como já era forçoso, a resposta de Ernesto, achou neste compensação pelo mais agradável acolhimento.

Marcou-se o dia do baptisado; mas na vespere Ursini recebeu em sua casa Ernesto, que pretextando molestia da esposa, apresentou passada por ella uma procuração, trazendo logar em branco para o nome da pessoa que na pia baptismal devesse represental-a como madrinha.

A fidalga ovidára um grande perigo, e não escapou a elle: expuzera-se a ser representada por alguem que da sua egualha não fosse; e isso aconteceu; porque o nome de Clotilde cobriu o espaço em branco deixado na procuração.

Amelia tinha dito a Ernesto:

— Livra-me dessa gente.

E assignára a procuração como um recurso.

Ursini não acreditou na molestia da comadre; mas applaudindo interiormente a sua ausencia, jurou esquecer-se da soberba senhora.

Todavia Amelia queria sempre ostentar-se fidalga de altas açções.

Effectuara-se o baptisado, e no dia seguinte Amelia, que em todo caso era madrinha do menino, mandou levar á casa de Ursini uma escrava moça e de valor, com carta de doação feita por ella ao affilhado.

O valioso presente animou ainda Ursini a levar a familia em visita de agradecimento á generosa comadre.

A visita era um dever e uma homenagem; Amelia porém desdionhou ambos.

Os crendos despediram a familia de Ursini, declarando que a senhora estava doente, e que para poupar o incommodo de alguma outra visita inutil, ella faria prevenir a Ursini, quando pudesse receber sua familia.

Joanna e Rosina, resentidas da clara repulção immercedida, voltaram para a cidade, devorando em amargo silencio a sua vergonha. Joanna ao meno sera humilde e paciente e soffria sem se revoltar; mas Rosina, habituada a honjas, e presumçosa do seu merecimento, estava colerica e respirava affrontada.

Ursini tanto mais confundido que era o unico responsavel pela esculha da comadre, desejou consolar a esposa e a filha, e já quasi a chogar á casa, disse, rindo ou fingindo rir:

- Ainda bem!... tanto melhor!... tanto melhor!...
- Joanna murmurou tristemente :
- Tanto melhor?... porque?...
- Porque estamos livres della.
- E delle?... perguntou com voz surda Rosina indignada.

SEGUNDA PARTE

I

Desde o dia em que ouvira a seu pae que Ernesto, o velho ostentativo de riqueza que a requestava tão frequente depois das corridas do *Prado Fluminense*, era acasado, Rosina não podendo mais esperar delle o do amor que lhe inspirasse, a realisação do seu projecto de casamento de ouro, prompta mudára de proceder para com o estollido ou atrevido namorado: ao voLo passar á tarde em seu carro, deixava-se á janella, pouco se lhe dando, ou ainda se aprazendo de que sua belleza o allucinasse cada vez mais intensamente; mas fingia completa abelhação ao culto que lhe era tributado, e nem de leve indicava ter presenciado no longe, ou sentido de perto esse homem que de passagem a devorava com os olhos e de balde a cumprimentava.

A's vezes por indifferença artificialmente cruel Rosina chegava, em requinte de malicioso tormento, a contemplar os arrogantes cavallos de tiro, sem de relance ao menos olhar o dono da carruagem.

Havia nessa indifferença, que mais parecia esquivança, não prudencia de donzella cautelosa, mas certa especie de vingança pela desillusão que desfizera o ultimo sonho da noiva interesseira e ambiciosa, a quem até um velho, desde que fosse opulento, para marido convinha.

Todavia Ernesto nunca passava despercebido: quasi todas as senhoras, e especialmente as namoradeiras, possuem o maravilhoso segredo de ver sem olhar, ou ao menos sem parecer olhar.

Rosina gozava com satisfação um pouco barbara os esforços insistentes e estereis que Ernesto empregava para merecer ou rebover a attenção e sorrisos que já tinha obtido; folgava dentro de si do mal que fazia ao velho, seu requestador; mas com surpresa sua teve de observar no fim de algumas semanas que tambem Ernesto mudára subitamente de proceder para com ella.

Logo que conviera em ser padrinho do filho de Ursini e de Joanna, o elegante e inconfesso velho tornára-se outro em relação a Rosina; continuando a passar todas as tardes por diante de suas janellas, não a olhava mais com fogo, e, sómente respeitoso e cortez, tirava-lhe o chapéo sem procurar ver se era correspondido; em vez de amoroso empenho mostrava consideração quasi amiga, em vez de ardimento, gravidade serena.

Feito o baptisado do menino que recebeu o nome do padrinho, este pareceu tomar a peito obrigar seus compadres a esquecer a despedida rude com que Amelia os repellira, captivando-os com a sua sollicita e generosa amizade.

Ernesto foi por vezes á casa de Ursini, e tanto viu e abençoou o afilhado, que acabou por tomar-se de amores por elle, mudando consequentemente as suas visitas; durante essas porém era tão expansivo com os compadres e com o lindo Ernesto, como respeitoso e até certo ponto reservado com Rosina.

Ursini enthusiasmou-se por essa nascente affeição; Joanna pensava que seu filho, o seu querido anjinho, merecia tudo; Rosina, porém, desconfiou dos exagerados extremos do padrinho de seu irmão, e, apesar das ceremoniosas reservas com que era tratada, considerou-se especial objecto da obsequiosa frequencia do Ernesto na casa de seus paes, e de sobre aviso preparou-se para confundir o encoberto namorado que não podia ter direito a amala.

Ernesto foi pouco a pouco captando a gratidão dos paes do seu afilhado, ora enriquecendo o enxoval deste, ora trazendo á comadre presentes delicados, e ainda de insignificante valor extrinseco para serem recebidos sem alvoroço de susceptibilidade.

Estas frequentes relações com a familia de Ursini produziram a sua natural consequencia, gastando gradualmente e offim destruindo de todo as péas de respeitosa cortezia, que Ernesto mantivera, a principio, sempre que se dirigia a Rosina.

Mas, com inspirado trastorno de todas as suas conjecturas, a suspetosa donzella observou que Ernesto, despreendendo-se do

tratamento ceremonioso que até pouco antes lhe dera, em vez de ensaiar as primeiras e subtis tentativas de galantelo proprias para experimentar-lhe a condescendencia, ao contrario sómente lhe manifestava com agrado simples e franco sympathia protectora, e affabilidade como paternal que perfeitamente assentavam em sua idade avançada e em sua condição de homem casado.

Rosina sentiu-se cabindo das nuvens; tinha de antemão parado vigorosa e nobre repulsa que deveria ao mesmo tempo desorientar, desenganar e punir esse velho que na declaração do seu amor ia irrogar-lhe uma affronta; desejava porém furtivamente ou rir delle, quando o tivesse cahido a seus pés, e em flagrante delicto de condemnada paixão; mas ao revez desse, com que contava, duplo triumpho de seu desvanecimento e da sua honestidade, era ella que se achava confundida pela amizade desinteressada, seria e honorifica, pela benevolencia suave, mas isenta de todo sentimento menos decoroso, e pela tranquillia segurança de animo que Ernesto lhe mostrava sem affectação ou artificio que se atraiçassem.

Essa attitude placida e generosa do elegante velho, em vez de socegar, intrigava a filha de Ursini.

Rosina era muito presumida da sua formosura para que não guardasse no coração a duvida do enregelamento do terno affecto de Ernesto, e essa duvida era infelizmente um agulhão da vaidade.

Ou Ernesto deveras se retrahira, e tinha conseguido vencer um amor escandaloso, que o deshonraria duas vezes, des-honrando-o pela infidelidade á esposa, e pelo abuso de confiança da familia que o recebia em sua amiga intimidade; ou nutria idéa de seducção da donzella, e em tal caso era seductor astuto e tenivel; porque sabia dissimular profunda e longamente, esperar sem impaciençia e sem medir o tempo, e entender garras atrezes cobertas de velludo e ouro para mostrar-as sómente quando a victima incauta e despercebida não pudesse mais escapar-lhe.

Em qualquer das duas hypotheses o agulhão da vaidade de Rosina era um perigo; na primeira podia ou reacender flammas impudicas ou não reacendendo-as, autorisar suspeitas de falhas em seu pudor de donzella; na segunda chegaria a unimar projectos ignominiosos.

Rosina, apezar seu, reflectia demasiado na contradicção e na mudança repentina e absoluta dos sentimentos de Ernesto: affigurava-se-lhe inverosímil a metamorphose, ou sómente podia explicá-la, admitindo que elle fingira ternura, que não sentia realmente, quando fervoroso até poucos dias antes a namorava; mas semelhante explicação fazia resultar um ludíbrio que a deprimia.

Ella não amava, nunca poderia amar esse homem, repugnava-lhe então até a idéa de aceitar ainda mesmo por zombaria o ridiculo galanteio do velho, a que aliás já se havia prestado por julga-lo rico e solteiro; não comprehendia porém e muito menos se sujeitava a acreditar que Ernesto pudesse ter deixado de amá-la tão facilmente, nem que houvesse força de vontade capaz de quebrar os ferros do captiveiro imposto pela sua belleza.

E, todavia, Ernesto apenas a olhava, indicando suave affecto paternal!

Rosina vacillava, reflectindo.

Dous mezes tinham passado depois do começo das visitas frequentes do amoroso padrinho, quando, em uma tarde, elle entrou com Ursini na sala no momento em que Rosina começava a tocar no piano uma peça de fantasia de classico autor allemão.

A joven pianista quiz levantar-se; mas cedeu logo ás exigencias de Ernesto, que approximando uma cadeira, sentou-se para ouvi-la de perto, ou talvez para apreciar a lindeza e a postura graciosa e artistica de suas mãos, cujos mimosos dedos tinham de brincar ligeiros sobre o teclado.

Rosina tocou o melhor que pôde; mas incontestavelmente o piano era indigno de seus dedos maravilhosamente delicados, francos e lindos. Era um velho piano de *Erard*, gasto e amarrimbado por dez annos de aturado serviço, e que chegára em segunda mão á casa de Ursini.

— Perfeita execução!... exclamou Ernesto no fim da peça; mas que instrumento ingratisimo!... dona Rosina se sacrificou, gastando segredos de delicadeza e de inspirada expressão em semelhante piano invalido e estragado.

— Piano de pobre, meu compadre, disse Ursini: ainda alguns mezes do serviço, e eu lhe juro que ha de ouvir minha filha tocar uma peça nova em piano tambem novo.

— Pois que me convida a ouvir, não posso esperar tanto tempo.

— Mas... compadre...

Rosina adivinhou o pensamento de Ernesto, e hesitando entre o vivo desejo de possuir um piano bom e novo, e a repugnancia instinctiva de receber um presente que bem podia ser insidioso, olhou para o compadre de seu pae, e viu-lhe no rosto a mais perfeita serenidade.

Entretanto Ernesto fallou, dirigindo-se a Ursini.

— Não acha que o padrinho do irmão desta menina, sendo além disso casado e quasi velho, tem seus direitos de melo-pae na sua familia?...

— Do segundo pae do Ernestinho; observou Rosina.

— Só!... pois bem, tornou Ernesto, sorrindo: em tal caso tambem não quero favores sem gratidão retributiva: a senhora embala o meu affilhado com as suas melodias... portanto... ora... que mal pôde haver em que eu lhe faça um pequeno presente?...

— Compadre!...

— Oh! não; disse Rosina, abaixando o rosto.

— Menina, porque orgulhosa se alvoroça por tão pouco? não fallemos mais nisto.

Rosina não procurou desculpar-se; pareceu-lhe muito mais acertado guardar silencio; porque havendo indicado que não queria o piano, deixava ainda assim ao velho rico a faculdade de lh'o mandar, e tanto mais que o não accitaria sem o consentimento, aliás infallivel, de seu pae.

A inconsiderada moça ardia por ver chegar o seu piano novo, e sophismava comsigo mesma, julgando-se, pela recusa apenas insufficientemente enuncjada em um monosyllabo, livre da responsabilidade de um grande erro.

Ernesto pedira o affilhado, como costumava fazer, e tendo-o visto e acariciado, despediu-se, dizendo a Ursini que tinha empenho em fallar-lhe na manhã seguinte em seu escriptorio.

No outro dia Ursini acudiu ao emprazamento do compadre e, de volta para casa, trouxe á filha o melhor piano que se pudéra encontrar nos competentes depositos do Rio de Janeiro.

Rosina presentiu da sala a chegada do magnifico instrumento, ao ouvir a cantiga usual e acompanhada de chocalhos que entoavam os negros carregadores, e correu á janella, radiando de alegria.

A imprudente donzella não quiz comprehender que a entrada daquello plano era talvez o primeiro passo para a abertura da campanha traiçoera da seducção, nem percebeu no ruído aspero da cantiga e dos chocelhos dos carregadores o annuncio da murmuracão publica que havia de ferir o seu credito.

II

Ursini morava e mora na rua de... uma das mais modestas da cidade velha do Rio de Janeiro.

A casa é de dous pavimentos: tres portas no andar terreo, duas são da officina de Ursini, a outra é a do corredor do sobrado, e communica tambem com os aposentos do fundo do pavimento inferior, que pertencem a Propício, e são inteiramente fechados e independentes da officina.

O sobrado tem tres janellas de frente quasi unidas e com grades de ferro, e consta de sala de visitas, tendo no fundo tres portas, a da entrada á direita, a do centro que é da alcova principal pertencente a Ursini e Joanna, a da esquerda que é do corredor que vae acabar na sala de jantar; no corredor ha duas portas que abrem para dous quartos, um o de dormir, outro o do toucador de Rosina, e esse é ainda esclarecido por outra porta que dá communicacão para a sala de jantar.

Joanna zéla com escrupulo que se tornára habito, o socego e segurança de sua casa: salvo caso excepcional nenhum estranho entra além da sala de visitas: o proprio Ernesto só nesta tem sido recebido: á noite ella tranca as portas do corredor do segundo pavimento, do que Ursini tem segunda chave para, quando volta do fogo, entrar sem incommodo da mulher.

A porta da rua derme um pobre velho escravo, condemnado a despertar duas vezes em horas mortas para abri-la a Ursini e a Propício, ao jogador incorrigivel, e ao vadio e desenfreado tunante.

Joanna é a actividade e o labor incessante em todas as horas do dia: estabelecera o seu throno domestico na sala de jantar, donde sae mil vezes, como rainha fiscal, e como exemplar executora do servico domestico.

Rosina é a feliz ociosa, que só tem por occupação o estudo do pheno e canto, o cuidado de se vestir com delicadeza, e a arte

de mostrar-se á janella e de esperar ahí a passagem, e os tributos de namoroamento dos seus numerosos requeredores sinceros ou fingidos. Rosina tambem é rainha, e tem por seu reino a sala de visitas, e por triplico sólio as tres janellas de grades de ferro.

O presente do piano encantára a jóven pianista que estava desde muito aborrecida do velho e falseado instrumento.

Mas Ernesto déra ao generoso mimo pretexto embora futil, explicações capciosas ou de real favor innocente, que ou ainda escondiam reservado mas ardente sentimento, ou manifestavam isenção perfeita do amor que Rosina lhe havia pouco tempo antes inspirado.

A vaidosa loureira ardía em desejos de resolver o problema: aquelle homem, pouco importava que fosse casado o velho, mas aquelle homem que em todo caso, ainda tinha olhos para ver e coração para sentir, poderia com effeito ter tão grande poder sobre si mesmo que depois de haverla adorado de longe, conseguisse, por frio e reflectido conselho da razão, vela de perto, ouvir-a, forçosamente experimentar a influencia de seus encantos sem abalo nem commoção, sem ao menos indiciar internamente, e na reserva respeitosa tormentoso sacrificio?...

Rosina que tão receiosa vira Ernesto entrar na casa de seu paiz, e tão justamente repugnara a idea do amor do homem casado, já estimulada pela valdade e inconsideradamente desejosa de aniquillar o que suppunha retrahimento premeditado, começava a illudir-se a si propria, imaginando desculpas para affoutezas arriscadas e reprehensiveis.

Assim ella se dizia que muito mais se expunha, quando sem intenção de casamento, alimentava os namoros de mancebos em condições de merecer favores que comprometteriam o seu credito, do que excitando com innocentes e duvidosos invites o amor de um velho casado, que por casado e velho ninguém se lembraria de considerá-lo amado pela donzella de vinte annos.

E dizia ainda mais a si mesma que ella, aprazendo-se tanto de atear paixões e entreter galantefios ás vezes chelos de ardores e de arrebatamentos, devia divertir-se muito com a ternura comica de um velho namorado que lhe era mais do que indifferente, desagradavel.

Mas Rosina não se dizia que esse velho casado era riquissimo e gozava de atacadora reputação de libertino, e menos ainda lembrava que esse velho rico, frequentando assiduamente

a sua casa, chegaria a dar á ternura que ella chamava comica, um outro caracter nocivo e tristissimo na opinião dos maldizentes e nas suspeitas dos curiosos.

El Rosina tambem não ponderava que ha em todo galanteio uma ladeira ingreme, pela qual o homem sobe sempre em atrevimentos, e a mulher vai sempre descendo em concessões e facilidades.

Emquanto, porém, Rosina já estava sophismando assim, Ernesto adeantava-se consideravel e animosamente, embora ainda dissimulando as suas intencões.

Aproveitando a confiança da familia, o padrinho do pequeno Ernesto principiára a dispensar a companhia de Ursini, e subia só ao sobrado, encontrando Rosina tambem só na sala.

A facil tolerancia do presente do piano o animára a repetir as dadivas e já, sem previa licença e sem o intermedio dos paes, trouxera a Rosina, um dia, leque delicadissimo, em outra tarde lindissimos brincos de brilhantes, e não hesitára em mandar a Joanna finos cortes de vestidos de distincto toilette domestico, que certamente não seriam para ella.

Rosina aceitara os presentes um pouco vexada, e os apre-sentára á sua mãe que, contente ao primeiro, mas hesitante ao segundo, fez a Ursini leve observação sobre o caso.

Ursini riu-se e respondeu:

— Deixa: sobra o dinheirão ao compadro, e a sua protecção nos aproveita.

Joanna não sabia oppôr-se aos juizes do marido, que desde muitos annos, pensava por si e por ella, em tudo que não se referia a Propicio.

Rosina, lisonjeada pelos presentes que testemunhavam lem-brança e cuidado, mas ainda confundida pelos modos serenos e paternos do padrinho de seu irmão, decidiu-se emfim a pro-vovalo habilmente sem parecer namorada, deixando-se embóra indiar leviana.

Ernesto realstiu, em duas tardes de encontro e conversação a sós com a imprudente mas amestrada *namorada*, aos artísticos e bem medidos requebros, ao olhar ora scintillante, ora vago, á magia de sorrisos e aos gracejos espirituosos com que ella procurava negligentemente desatinal-o sem desatinar-se.

O astuto seductor, que via bem quanto estava ganhando por meio de seu systema de refalsada dissimulação, jurára a si pro-

prio não deamascarar-se senão quando cativesse seguro de indizível domínio sobre a victima.

Mas Ernesto não contava com a indifferença glacial de Rosina, nem com os audaciosos recursos da loureira.

A resistencia do velho refinado em seducções inflammou a vaidade da sagaz namorada.

Rosina esperou Ernesto, sentada ao piano, onde desde alguns dias elle costumava achala.

O velho inconfesso entrou annunciando-se apenas pelo ruido de seus passos.

Rosina retirou as mãos do piano para saudar a Ernesto: mas logo depois, urgida por elle, continuou a tocar, o ponce a pouco se foi tornando tão absorvida no estudo ou na execução da musica que, parecendo esquecel-o, desamparou-se como em desculdo á contemplação livre, commoda e audaz do observador que lho estava a um lado e de pé.

Ernesto apenas ouvia sem attender á musica; seus olhos cubulosos vagavam do rosto para o collo, o do collo para as mãos da donzella, acompanhavam deliciosamente o gracioso movimento de inclinação de seu tronco, quando ella se dobrava um pouco para ver de mais perto as notas de um compasso duvidoso, e contavam ebrios as pulsações do coração que trazia em suave arfar o peito formoso e virginal.

Rosina, sem precaver-se contra esse olhar indiscreto, fazia engraçados momos de desgosto, sorria-se alegremente, e commovia-se torna, conforme executava menos bem, ou com perfeição a musica, e quando das melodias transprava sentimento apaixonado ou doloroso.

Ernesto devorava nessa variedade de expressões physiomicas, nesse eloquento fallar dos olhos, dos gestos e dos risos, e nessa absorção musical da bella pianista, o quadro fiel da natureza impressionavel e mobil, da sensibilidade exquisita, e das abstrações transportadas de sua alma: quando, porém, mais seguro do embevecimento de Rosina, elle tambem embevecido a admirava, de repente ella retirou as mãos do teclado, e voltando o rosto, e olhando-o com fixidade deslumbrante, perguntou:

— O senhor Ernesto ora um homem que, antes do baptisado de meu irmão, passava por esta rua de carruagem todas as tardes, desde certo tempo?...

Ernesto, que se perturbára no olhar inesperado de Rosina, muito mais se confundiu, ouvindo-lhe a inconveniente pergunta

...da de repont
...for se elle
...sua. (apare)
... Tra...
...Rosina volt
...em impetu
...— Que...
...E continha
...vira, mas se
...e com a bri
...estradas dos
...Ernesto tra
...de sufficient
...se que perdia
...to, abalado,
...alvo perplex
...minis a subit
...sto tocar, an
...algum Unid
...to uma pres
...Ernesto, qu
...nial e tom en
...este immedi
...to e sustenta
...como tempo e
...dava paternal.
...E esse pro
...um manifestaç
...no em ambos
...abandonam
...Rosina tinh
...— Que enc
...— Fusa d
...— Se o m
...— Pensar e
...nos a palavra
...— Nem se
...de...
...— Se sei
...do piano.
...— Puffete

feita de repentino assalto; e sentindo fitos nos seus com potente ardor os olhos mais luciferos e bellos, obrigado a responder, hesitou, gaguejou, e por fim disse:

— Era... mas... porque?...

Rosina voltou os olhos e o rosto para o teclado e respondeu com ingenua simplicidade:

— Ora... perguntel por perguntar.

Elle continuou logo a tocar a musica que interrompera; já, porém, menos absorvida nella, e sorrindo-se a mludo e fugazmente, como a brincar com pensamentos da alma nas expansões e contracções dos labios.

Ernesto tranquillizou-se em breve, e sem ainda comprehender sufficientemente a significação da pergunta de Rosina, porque se perdía o seu tempo, e já demais o perdera, encobrendo-lhe, astucioso, sentimentos que ella não desconhecia, e apenas se achou perplexo e duvidoso na apreciação do intento que determinára a subita interrogação: era um desengano habil para fazê-lo recuar, antes de manifestar-se claro o empenho que devia obrigar Ursini a fechar-lhe a porta de sua casa; ou pelo contrario uma provocação lisonjeira?...

Ernesto, que já então acreditava menos que pouco na severidade e nos escrupulos da moral de Ursini, determinou esclarecer-se immediatamente sobre o impulso significativo da pergunta que o atarantára, procedendo de modo a poder indicar-se ao mesmo tempo ou ainda protector desinteressado, usando de confiança paternal, ou já confesso e atrevido amante.

E esse profundo contraste era possível, porque nos afagos, nas manifestações de amor santo ou criminoso, ha liberdades que em ambos são iguaes pelo modo, e absolutamente diversas e absolutamente differentes pelo sentimento que as determina.

Rosina tinha acabado de tocar.

— Que encantadora musica!... disse Ernesto.

— Pensa devéras que o é... perguntou Rosina.

— Se o não pensasse, porque o teria dito?...

— Pensar o fallar... sentir e dizer... não julga que no homem a palavra é o mais constante vehiculo do peccado?...

— Nem sempre, e nem em todos os homens; mas na mulher?...

— Eu sei?... murmurou Rosina docemente, levantando-se do piano.

— Felicelra menina!... disse Ernesto.

E, avançando o braço, tomava já Rosina pela cintura, aflectando porém suave afago de velho amigo e protector.

A joven donzella deu rapida volta com o corpo e, escapando ao braço audacioso, recou alguns passos.

— Porque me foga assim, menina?... perguntou Ernesto.

Rosina respondeu seccamente:

— Porque o senhor nunca me tratou deste modo diante do meu pae ou de minha mãe.

— Ah! tranquillise-se pois: não tornarei a abraçala; mas não fui eu quem imaginou malicia no abraço.

— Devéras?... em tal caso a malicia foi minha... todavia... não me arrependo.

Ernesto viu que o resentimento de Rosina se applicára facilmente, pois que voltára a seu rosto a expressão habitual de viveza e de alegria; approximou-se pela sem recelo e disse-lhe com agrado:

— Menina, eu tenho perto de cincoenta annos.

— E eu ainda não tenho dezolto completos.

— Pela minha idade poderia ser seu pae...

— Mas não é.

— Não o sou, não; bem o sei; amo-a porém como a uma filha querida.

— Ah!...

— E desejo tornala immensamente feliz...

Rosina fixou outra vez os olhos no rosto de Ernesto, e dando á voz tom de viva curiosidade e no semblante certo ar de innocencia e simplicidade, perguntou:

— Como é que o senhor deseja tornar-me immensamente feliz?...

Pela segunda vez nessa tarde Ernesto embarçou-se confuso, tendo de responder a Rosina; mas Ursini vinha então subindo a escada muito opportunamente para o seductor, que ao ouvir-lhe as pisadas, respondeu em voz baixa á joven:

— Amanhã lhe direi.

III

Alguns dias tinham já passado, Ernesto viera em quasi todos elles á casa de Ursini; por mais de uma vez se achára a sós com Rosina e não lhe explicára o modo por que desejava empenhar-se em felicital-a a vida.

O seductor contava ser provocado a fallar, e admirava-se de que lhe estivesse fallando a curiosidade, de que elle se propunha aproveitar-se sagazmente, inflammando a imaginação da donzella com a perspectiva de dealumbrante futuro e sem alvorocala por immediata exigencia de condição affrontosa; contrariado, porém, pela incuria ou pelo desinteresse de Rosina, e não tendo mais que disfarçar o seu amor, tratou de manifestal-o com adeantamentos ainda comedidos, e ostentando-o em enlevos, meiguices e finezas.

Rosina, que havia conseguido a satisfação da sua vaidade, obrigando Ernesto a renovar-lhe seus cultos, fingira-se esquecida da explicação que pedira e lhe fôra promettida, começara a divertir-se doudamente com o penar do seu velho namorado, requintando em facelrice, em travessos modos, em lodice e graça, e deixando-se incensar, adorar, namorar; mas, tão astuta como Ernesto, ora fugidiva, ora indifferente, sempre imperturbavel, se não mostrava esquivança, parecia ainda mais fortalecida pela insonção.

Com effeito, Rosina estava perfeitamente segura de não amar Ernesto; apesar da elegancia irrepreheusivel com que elle trajava, da natureza feliz que, ajudada pelas commodidades da riqueza e por vigorosa saúde, e ainda pelos meios artisticos que lhe aprumavam o tronco e lhe enegreciam os cabellos, poderem autorisal-o a furtar dez annos em sua idade, ella o achava frio e muito velho para o seu amor, e, pela condição de casado, fôra dos seus calculos de casamento.

Por isso mesmo não receiando chegar a interessar-se por Ernesto, a loureira, rindo entre si dos requiebro do velho, zombando de sua paixão serodia, e promettendo-se pôr-lhe breve termo com a imposição do seu desprezo, recrelava-se no entanto com esse extravagante namoro a quo não correspondia, mas que cruelmente abusava la tolerando por escarneo.

O impulso arriscado da valdade da Rosina, que tão nocivo lhe poderia ter sido, fôra-lhe por outra força de severa logica de proveito e conveniencia, com que ella nem sonhára; porque o seu manhoso e refalsado seductor, que evidentemente la ganhando vantagens com o systema de dissimulação traçoieira que empregava, coagido a tirar a mascara, e logo consequentemente levado a fazer ternissima e abrazada côrte amorosa á donzella que tão pouco a attendia, e tão sagaz e fria estava procedendo, perdera

desde então o elemento que lhe dera superioridade, e ficara á mercê de uma terrível tentadora, tanto mais perigosa quanto menos se deixava tentar.

Travava-se a luta franca entre o seductor e a *namoradaira*.

Ernesto conseguira a concessão de um favor, e tomára um direito que fracamente lhe foi disputado: o favor foi beijar a mão de Rosina, o direito foi chamala simplesmente pelo seu nome sem o título de cortezia, atuando-a, quando estavam sós.

Rosina não convetu em corresponder á liberdade do tratamento; mas por indecoroso costume, já absolutamente inadmissivel nas circumstancias em que se achava para com Ernesto, abateu-se bastante para receber delle novos presentes: uma tarde acceitára um album de musicas preciosamente encadernado, em outra uma pulseira de esmeraldas.

Os vícios de educação rebaixavam a donzella pobre, a lição do paer desbriloso a aviltava; a vaidade insensata e o amor do luxo afogavam-lhe o instincto do pudor.

No doce veneno dos presentes de valor, e na vergenhosa e verdadeiramente interessante tolerancia dos paes que permittem recebê-los, está envolvido o sagrado da triste degradação em dois aveltes que injustamente maculam algumas donzellas.

Entretanto Ernesto, allucinado e attonito pelos enfeitamentos e pelas caprichosas contrariedades de Rosina, ora animado por fugazes e dúbiles invites, ora estimulado por ostentações de repulsa, mas atrevido-se a esperar tudo pelo simples facto da acceitação dos seus presentes, resolute combinava e se dizia punha a desenvolver seus planos de seducção.

Em uma tarde elle penetrou sem se fazer annunciar na sala da casa de Ursini e foi pé por pé sentar-se a um lado o um pouco para traz de Rosina, que inteiramente occupada de severo estudo, procurava interpretar com entusiasta paixão de artista uma das sublimes inspirações de Haydn.

Rosina se fingira tão exclusivamente senhoreada pela sua musica magistral, como naquelle dia em que confundira Ernesto com a pergunta inesperada, que lhe nullificara a dissimulação systematica; mas no apertar de seus labios e a comprimir zombeteiro sorriso mal escondeu que se aporcebera da chegada do seu namorado, e que de arte queria deixal-o suppor o contrario.

A bella loureira trazia ao pescoço um lençinho branco e finissimo, atado na frente com facelra negligencia, e como dentro em pouco sentisse a respiração de Ernesto a bafejar-lhe o hom-

bro, comprehendeu que sem duvida dous olhos avidos o indiscrotos, lançando-se além, estariam a procurar devassar-lhe quanto pudessem o seio mal defendido; mas, sem que por isso se atralçoasse, mostrando-se resentida, e não querendo conceder por mais tempo gozo tão subido e desrespeitoso áquelle olhar lascivo, simulou descansar breves instantes, e tomando então as pontas do lenço, prendeu-as com alfineta ao corpinho do vestido e bem no mole do peito.

Imediatamente depois continuou a tocar, como que de todo alheia á presença de Ernesto, e executando um pensamento musical repassado de amor e ternura, suspirou docemente.

Ernesto não se conteve e imprimiu-lhe um beijo no hombro.

— Ah! exclamou Rosina, voltando-se sobresaltada.

— Sou eu, Rosina, disse Ernesto; sou eu, o pobre doudo que endoudeceste.

A joven oncrepou severamente as sobranceiras, e tornou enfadada:

— O senhor adeanta-se demais, e abusa da nossa confiança...

— Oh! mas se és tão formosa, Rosina!... tenho eu culpa de amar-te?...

— O senhor illudia-me pois, quando jurava amar-me com amor de pae?... com que fim me illudiu?...

— O illudido fui eu, pensei querer-te como filha o... agora...

— Acabe! disse Rosina com olhar colérico.

— Sou teu escravo, não é melhor para ti?...

— Um homem casado!... que quer que eu entenda?... diga!...

— Ah!... não me julgues vil e perverso seductor, não!... adoro-te muito apaixonadamente; mas o meu amor se santifica na tua pureza, e na minha alma não ha sacrilegio de intenção, que te desalre!... adoro-te como a um anjo!... que mal te faz faz este innocente culto?...

Rosina, ouvindo essa tirada de sentimentalismo absurdo, acalmon o agastamento verdadeiro ou fingido, e cruzando os braços no peito, respondeu, perguntando:

— Esse culto?... o que bem me faz elle?...

— Bella menina! escuta-me antes de condemnar-me; toca e cecuta-me; quero abrir-te o meu coração...

— Com que fim?... o seu coração com amor não me serve por mais que o senhor o abra infinitamente; um homem casado não póde ser meu marido.

— Ah!... se eu fosse solteiro, meu Deus!...

— Acha que estaria resolvida a questão?... não poderia faltar ainda alguma coisa?...

— Toca e escuta-me! repetiu Ernesto.

Rosina começava a escarnecer:

— Quer pois fazer-me as suas declarações a compasso de musica?

— Toca e escuta-me, e saberás como te peço pouco e que immensa dita te offereço.

O pernicioso habito do galanteio abriu os ouvidos da estouvada moça que nessa offensa do recato autorizou então mascarados, e no futuro francos ultrajes ao seu pudor.

Rosina sorriu-se e disse:

— Confesso, conseguí tornar-me curiosa: quero ver como o senhor arranja o paraizo no meio do inferno.

E principiou a tocar delictosas harmonias e suaves preludios em pianissimo; seus dedos brancos e finos brincavam indolentes no teclado, um meio sorriso malicioso enfeitava-lhe os labios, e seus ouvidos esperavam o canto envenenado do seductor.

Ernesto fallou com ardor e ternura.

— E's formosa e pura, Rosina! eu adoro extremosamente a tua formosura, e respeito e zêlo, como objecto sagrado, e zelarei sempre ainda contra os meus proprios anhelos, zelarei austera e religiosamente a tua pureza.

— Isso diz-se: murmurou a joven.

— Tens direito por tua belleza e por tua virtude ao mais bonito, nobre e rico noivo; o teu casamento será para mim tormentoso sacrificio, motivo de inveja atroz, e quem sabe se tambem da minha morte?...

— Creia tão pouco nisso, que estimaria fazer a experienciã, disse Rosina, tocando sempre.

Ernesto continuou:

— Pois bem: eu te dou a minha palavra de honra que no fim de seis mezes concorrerei para o teu casamento com o homem de tua escolha, dando-to dote condigno, e tomando teu feliz marido sob minha protecção.

— Não acha que elle desconfiaria da protegida e do protector?...

— Rosina!...

— Naturalme
fazle os seis me
— Sim, peço é
era como hoje; m
durte seis mezes
... religioso,
... e santo?...
— Esse plano é
— Qual é?...
— Falta de mem
— Por que?...
— Porque nunca
... é que
... que amasse
... locava sem
— O senhor não
... é...
— ... pois, e
— ...?...
— ... nada; p
— ... e o que
— ... de belis
... do... no
... dispostida em
... loureira
... com requie
... um pouco:
— ... arbor de
— ... respeito e
— ...?...
— ... e seja nos
... em ac
... religião...
— ... não faz me
— ... em possivel
... e naturalme
... que o senhor
— ...?...
— ...?...
— ...?...
—

— Naturalmente o senhor vai agora dizer-me o que será durante os seis mezes de esperança do noivo, não é?

— Sim, peço-te sómente doce e encantado martyrio; serás pura como hoje; mas por bondade e compaixão permittirás que durante seis mezes eu te olhe embevecido, que te ame com amor platonico, religioso, contemplativo, e tão sublime como respeitoso e santo?...

— Esse plano é estupendo, mas tem um grave defeito.

— Qual é?...

— Falta de senso commum.

— Por que?...

— Porque nunca se amou assim.

— Oh!... é que nunca houve homem casado tão honesto como eu, que amasse donzella linda e arrebatadora como és.

Rosina tocava sempre e sem se interromper.

— O senhor não será seductor, eu o creio, disse ella; mas o contrato é...

— Acelta-o pois, e eu o cumprerei á risca.

— Devéras?... não exigirá nada mais de mim?

— Exigir, nada; pedir, talvez... certamente...

— Ah!... e o que me pedirá?...

— A graça de beijar-te as mãos todos os dias, e uma unica vez... uma só... no ultimo dia o gozo inoffavel... extremo, o favor da despedida em um beijo nos tous labios!

E a donzella loureira não se revoltou, ouvindo aquelle voto lascivo; antes com requebrada e impudica zombaria, perguntou, corando um pouco:

— Mas no ardor deesse beijo?...

— Sempre respeito e veneração ao teu angelico recato.

— E' inverosimil.

— Talvez o seja nos momentos mais vulcanicos da minha paixão; porque emfim eu sou homem, tu és involuntaria, mas tree. loucadora tentação...

— Ah!... isso faz medo... não o pensa?...

— Sei que em possiveis instantes do passageiro delirio terás para salvar-te e salvar-me a egide da tua virtude.

— Eu juro que o senhor não conta muito com ella.

— Rosina!...

— Fazendo, porém, de conta que tomo ao serio o seu contrato...

— Dizes... que...

— O senhor me garante no fim de seis mezes dote e noivo á minha escolha...

— Sob minha palavra de honra.

— E durante seis mezes o senhor terá o direito de amar-me platonica, contemplativa e santamente, e de beijar-me as mãos todos os dias, e no ultimo, no fim dos seis mezes, na hora extrema da despedida o gozo ineffavel de um beijo nos meus labios...

— Sim... sim... e é muito... e é tudo!...

— Só isso?... só?... só?... perguntou Rosina, tocando ainda.

— E que mais poderia eu aspirar!... juro-o outra vez.

— O senhor jura muito e facilmente..

— Rosina!...

— Que quer?...

— Decida!... convém no que te digo...

Rosina deixou então de tocar; mas sem mudar de posição e ainda com os olhos no teclado do piano, murmurou, como a reflectir:

— Se eu aceitasse a sua proposição... se eu a aceitasse...

Ernesto abriu o coração á esperanza.

— Se eu aceitasse, repetiu ainda a joven, dando á voz, quasi sumida, suave tom annunciador de submissão.

— O seductor conteve apenas o jubilo pela certeza do vencimento, e disse affectuoso e doce:

— Rosina!... que cruel hesitação!...

A donzella que parecia cada vez mais commovida e vergonhosa, continuou com a mesma voz abafada e já um pouco tremula:

— Se o senhor propõe tudo isso... seriamente... e eu seriamente aceitasse tudo...

— Então?...

— Haveria um problema difficilissimo a resolver...

— E qual?... perguntou Ernesto.

— Rosina encarou de face o seductor, e mudando inesperadamente de tom, respondeu jovialmente:

— Decidir qual de nós dous era mais nescio, se o senhor a propôr, ou eu a aceitar.

E desatou a rir.

IV

Ursini era máo pae; porque, como homem, ajuntava o menos-preço das noções severas da virtude á cubiça e ao baixo genio interesseiro. Avisado pela filha, elle que simulára não acreditar nas insidiosas pretensões de Ernesto, havia-as sentido e reconhecido e em vez de revoltar-se, dellas se applaudira, desde que os presentes vallosos começaram a entrar em casa.

O immoral e insensato pae estava longe de querer immolar a filha nas aras da riqueza do seductor; elle porém entendia por immolação, em taes casos, só exclusivamente o extremo sacrificio da honestidade, e como estava certo de que Rosina não amava Ernesto, e conhecia-lhe a habilidade de namoradeira sagaz e cautelosa, que sabia expôr-se sem temer perder-se, não achava inconveniente algum em explorar com grande proveito da familia esse amor affrontoso de homem casado.

Ursini não pensava ou não queria pensar que a frequencia quasi diaria de Ernesto em sua casa, os donativos que nem todos se podiam esconder, e, sobre tudo isso, a fama de seductor que o seu compadro millionario gozava, ameaçavam Rosina de suspeitas que chegavam a arruinar sua reputação.

Joanna, confiando absolutamente no amor paternal e na prudencia de Ursini, embora com a consciencia já inquieta, limitava-se a aconselhar cuidadosas reservas e recato á filha.

Rosina, enfim, abandonada pelo pae, mal defendida pela mãe, entregue ao seu pernicioso vicio de namoradeira, avançava desastreada para negro precipicio.

Intelligente e atilada, comprehendera que Ursini tolerava a côrte aviltadora que Ernesto lhe fazia, e com apreção certaera explicava esse facto pela cubiça dos presentes de valor.

A explicação desabonava Ursini; mas Rosina, é triste dizelo, não podia queixar-se muito do pae porque tambem, urgida pela vaidade, pelo gosto da facéitice e do luxo, aprazia-se das jóias e dos novos e bonitos vestidos que estava recebendo.

Segura de si, olhando Ernesto com indifferença perfeita, talvez com desprezo, Rosina nem se lembrava de arrealar-se d'elle; mas infelizmente por isso mesmo, e pelo seu estouvamento, indifferença, e, diga-se mais, pelo incentivo das jóias e dos vestidos, a in-

considerada donzella, depois do justissimo escarneo com que fôlminára as proposições absurdas e perfidias do velho seductor, pensou nella mais de uma vez, corando embora ante a consciencia.

Rosina nem se illadiu, nem procurou illudir-se: viu claramente no singular contrato proposto por Ernesto um rude e toscos andilho que não honrava a imaginação e a sagacidade do seductor; como esse contrato, porém, lhe estava offercendo seis mezes do culto a de comedia divertida, e seis mezes de toilettes novos, de brilhantes que ella tanto desejava, invejava, e nunca tivera; seis mezes de gozos de luxo, talvez ou sem duvida de theatros e de festas, e tudo isso sem sacrificio da sua honestidade, segundo as idéas de honrabilidade de mulher, que de seu pae aprendera, e com a mais plena liberdade de namorar e de amar quem lhe parecesse, a loureira, que escarnecera do absurdo contrato, não conseguiu esquecer-o e tanto mais que ao lembral-o, achava sempre do que rir, e sempre com que calcular.

E como Ursini por egoismo e desmoralisação, Rosina, por inadvertida, por precipitada e por graves defeitos de educação, olvidou-se dos melindres do seu credito, e não teve em devida conta aquelle chamuscar de suspeita, e aquella serpente da calumnias, que saem da murmuração do publico, esse terrivel, ás vezes injusto e sempre implacavel fiscal da moralidade.

E os vizinhos de Ursini, e os interessados namoradoras da Rosina já desde algum tempo murmuravam, avantajando concessões e glórias que Ernesto bem longe estava ainda de conseguir.

Mas na familia de Ursini havia, além do pae e da mãe, o tio de Rosina.

Propício era um vadio presumpçoso de character, grossoiro de trato, desmoralizado pela frequencia de más companhias, o pela ociosidade, desalmado, com pretenções a valentão porque ora forte de pulso, agil de movimentos e de recursos de gymnastica nas lutas, o muito jactancioso do que elle chamava sua hora, thesouro problematico nelle.

Rescendendo sempre a pessimo cigarro, jurando de continuo, tivemos de dia nos peores tilhares publicos, e de noite nos theatros, onde ganhava pobre salario de clakista official ou de partidario alugado a actriz em rivalidade, Propício era quasi estranho á familia, e raro com ella se entretinha.

Intimidado com Ursini, que não lhe perdoava a ociosa vida e o consequente onus que Joanna o obrigava a carregar, Propício de ordinario almoçava só, porque dormia até muito tarde, e tambem para não encontrar-se com o cunhado.

... estava tentava fó...
 ... havia amar Joanna...
 ... sempre cês...
 ... a esquece...
 ... dos cuid...
 ... um membro legiti...
 ... da familia, a qu...
 ... irmã...
 ... uma manhã Prop...
 ... entregados e com...
 ... sés elle á mense...
 ... acabou de alm...
 ... com voz le...
 ... boatem, á tarç...
 ... fol po...
 ... faça idéa: ...
 ... decida em mes fu...
 ... Luis Alberto, que h...
 ... de teu cunhado...
 ... a magre á cara; ma...
 ... um caso?... — e o p...
 ... é o affilhado e...
 ... e tu ...
 ... beijos...
 ...
 ... vergonha!... disse...
 ... que vergonha!...
 ... breves moine...
 ... não mais ao bibe...
 ... aprazível para di...
 ... e some de min...
 ... a não se ramos para v...
 ... me em casa o v...
 ... admos dechar a p...
 ... com o respeito dev...
 ... trançamos; porqu...
 ... a grande humilhaç...
 ... a minha. Sei de to...
 ... a filha.

Em regra jantava fóra de casa.

Parecia amar Joanna, a irmã, que era na terra a sua providencia, aliás sempre céga e condescendente; amára muito Rosina em pequena. ô a esquecera e como que a não via mais em moça resentido talvez dos cuidados que systematicamente o separavam della.

Era um membro legitimo da familia, que intratavel se afastava rudemente da familia, a que o continha unicamente a amorosa protecção da irmã.

Mas uma manhã Propicio foi sentar-se a almoçar com os sobrinhos carregados e com physionomia turva.

Estavam sós elle á mesa e Joanna em pé a olhal-o apprehensiva.

Quando acabou de almoçar, Propicio voltou o rosto para a irmã e disse-lhe com voz levemente alterada:

— Mana, hontem, á tarde, fiz uma estralada no bilhar.

— No bilhar?... foi pois um escandalo?...

— Se foi!... faça idéa: eu jogava uma partida de honra e acabava de decidil-a em meu favor, dando uma carambola estrependa; e logo o Lulz Alberto, que havia apostado contra mim, exclamou: "o compadre de teu cunhado ainda carambola melhor por tabella" Velo-mo o sangue á cara; mas ainda perguntel-lhe: — "que queres tu dizer com isso?... — e o patife respondeu-me: "o que todas sabem: a tabella é o affilhado e a carambola é em tua sobrinha".

— Propicio!... e tu... perguntou Joanna revoltada.

— Quebrei-lhe os bolços com o taco e esbofeteel-o antes que nos separassem.

— Que vergonha!... disse a mãe de Rosina com o rosto abrazado em fogo; que vergonha!...

E no fim de breves momentos de silencio, tornou dirigindo-se ao irmão:

— Não volta mais ao bilhar...

— Que esperança! para dizerem que tenho medo?...

— Ah!... o nome de minha filha!...

— Já anda de rastos pela vizinhança, e o culpado é o teu bom marido, que metteu em casa o milhafre.

— Não podemos fechar a porta ao nosso compadre, que aliás trata Rosina com o respeito devido.

— Pois arranjem-se; porque eu não quebro outro taco; no caso, porém, de segundo insulto, ou de noticia que me toque no sal que trago na moleira, hei de tomar contas a dous aristocratas que não vão ao bilhar.

— A' quem!...

— A' jola do pae que negocia com a reputação da filha, e ao padrinho que quer dar benção com a mão esquerda á irmã do afilhado.

— Propicio!...

— Claro como a luz do dia, tornou Propicio, torcendo o bigode; hei de mostrar que sou tio de sobrinha para alguma cousa: tu tons a tua tesoura para cortar as mangas que o teu compadre está pondo do fóra, e se as não cortares, torei eu o gosto de imprimir na face do fidalgo milhonario estes cinco mandamentos!

E estendendo o braço e espalmando a mão, Propicio mostrou seus dedos grandes e grossos, e immediatamente sahio apressado.

Joanna ficou afflicta e confundida pelo que acabava de saber, e não menos temerosa de que o demostrado irmão ainda mais compromettesse Rosina com actos violentos e escandalosos.

Felizmente Propicio não se encontrou nesse dia com Luiz Alberto, e engolphando-se nos prazeres grosseiros e na vida libertina que vivia, nem mais pensou na sobrinha.

V

Ursini observára durante o jantar que Joanna estava abatida e triste: demorou-se a conversar para distrahi-la e depois do café, enquanto Rosina fazia o seu toilette do costume, affim de mostrar-se á janella, fez signal á esposa, que o seguiu até á sala de visita.

— Que tens?... perguntou-lhe.

Joanna respondeu doiorosa:

— Á vizinhança já murmurou...

— De que?...

— Da frequencia do nosso compadre nesta casa e de suas relações com Rosina.

— Deixa-a murmurar: é inveja.

— Ah! Ursini!... e o credito do nossa filha?...

Ursini copou a cabeça, o que era nelle signal do embaraço ou contrariedade; mas depois de curta reflexão, disse:

— Vocês usam muito em portuguez de um anexam que é sabio: *Não se comem frutas a bragas oxuzas*.

O coração de mãe revoltou-se.

— Tu não ama

— Se a amo!...

— O que?...

— Isto!...

— Que é isto?

Ursini tornou a e

quanto a ella, tomou

— Conta-me o qu

á esposa repetiu

— É a primeira

de leuavel; mas fo

— Que o fosse, cu

com cumprir o nos

— Joanna, penser

— Mas não esqueç

— É por isso m

— Explic-te.

— Ora; ta por un

se outro com o vi

uma supeditar...

— Se não ygassem.

— Não jago, que di

— É d'ahi?...

— Conta com pacie

se attop com mal, e

na bida, apainnoc-e

na.

— É isso: e tód?

— A distancia com e

propio se encurrada:

mas e portanto má

de se ter tentar a sed

— Mas agora já o sab

— Ora; porin um po

de plano, e de vesti

de arte luctos, joan

na janella e em passad

na não fez, mas que

— Ora... se protesta

— Contem, e atty foi

na que não se perdia,

— Tu não amas Rosina; murmurou Joanna com enfado.

— Se a amo!... achas que me custa pouco?...

— O que?...

— Isto?...

— Que é isto?... perguntou Joanna.

Ursini tornou a coçar a cabeça; fez a mulher sentar-se, sentou-se junto a ella, tomou-lhe uma das mãos, e disse-lhe:

— Conta-me o que sabes.

A esposa repetiu o que ouvira ao irmão.

— E' a primeira vez que esse vadio incorrigivel pratica uma acção louvavel; mas foi só para não mentir á sua balda de valentão.

— Que o fosse, cumpriu o dever de tio brioso: nós tambem devemos cumprir o nosso.

— Joanna, pensemos bem...

— Mas não esqueças que és pae de Rosina.

— E' por isso mesmo...

— Explica-te.

— Oh!; tu por um lado com o teu libertino e vadio irmão, e ou por outro com o vicio infernal do jogo, esbanjamos o que podíamos capitalizar...

— Se não jogasses...

— Mas jogo, que diabo! não me posso vencer, e o caso é este.

— E dahi?...

— Escuta com paciencia: o compadre tem dinheiro, como um bom cortiço tem mel, e, apesar de casado, velho e padrinho de nosso filho, apaixonou-se pela nossa Rosina, e evidentemente namora-a.

— E' isso: e nós?

— A confiança com que recebemos em nossa casa esse homem não pôde ser censurada: Ernesto é nosso compadre, sabemos que era casado e portanto não podíamos pensar que elle tivesse a audacia de vir tentar a seducção de nossa filha.

— Mas agora já o sabemos...

— Sim; porém um pouco tarde: soubemol-o, quando já os presentes do piano, e de vestidos novos e de luxo superior ás proporções dos meus lucros, joias e vestidos com que Rosina se tem mostrado á janella e em passeios, a tornaram suspeita de condescendencias que não fez, mas que os maldizentes propalam...

— Oh!... eu protestei em tempo!...

— Confessô, o erro foi meu: todavia a afronta está feita e é afronta que não se perdôa, e que a todo transe ha de ser punida.

— Punida?... e que podemos nós contra um homem tão rico e poderoso?...

— Ah!... começa a chegar-te á razão?... ainda bem: escuta pois tudo.

Ursini, que a principio não sabia como explicar sem torpeza o seu procedimento e as suas combinações relativamente a Ernesto, achava por fim o fio da rêde em que desejava prender a mãe, justamente alvoçada; continuou pois a fallar com dobrada animação.

— Filho da Corsega, trago no meu sangue a implacabilidade da vingança. Ernesto me ha de pagar a affronta que Rosina recebeu!

— Ursini!... disse Joanna a tremor, vendo a subita exaltação do marido.

— Eu te escondia a minha raiva, continuou Ursini; deado muitos dias sei o que só hoje soubeste, e soubeste ainda incompletamente: custa-me a dizel-o; vou magoar-te; mas agora é preciso que nada ignores.

E Ursini continuou com voz abalada e tremula de colera:

— Nossa filha... nossa filha... é já considerada por muita gente... como... seduzida... e amante do commendador Ernesto.

Joanna soltou um gemido pungente e escondeu o rosto com as mãos.

Um outro gemido abafado pareceu responder como um eco ao que soltára a pobre mãe: mas nem esta, nem Ursini o ouviram.

O pae proseguiu, dizendo com os dentes cerrados:

— Eu tinha tres partidos a seguir: um era fechar a porta da nossa casa ao infame tentador de seducções...

— Sim... sim... murmurou Joanna.

— Sim? mas esse partido não salva a reputação de Rosina, e deixa impune o miseravel... o supposto feliz... o...

— Ursini! exclamou Joanna, descobrindo o rosto banhado em pranto.

Ursini disse enraivado:

— O outro expediente é mais simplea... é matar Ernesto.

— Oh! não!... não!...

— Joanna!

— E nós?... e tua filha?... e eu?...

— E' isso, tornou Ursini; tenho pensado muito matar esse homem e quase confessar o que não existe, a deshonra de Rosina; e demais eu seria perseguido, preso, condemnado, e tu, nossa filha, e nosso filhinho ficaríeis em desamparo e miseria...

— Não! meu homem fatal...

— E a vingança Ursini, o com...

— Já pensei

— Qual é?...

— Aproveitar

mãe; mal com v

— Não entendo

— Pois trata

mat' esse homem

que incendios na

em fogo de desejo

dele...

— Ursini!

— E' preciso q

apagada, reflectida,

escura endonoeça

da es entraqueça,

simulado nunca ced

— E para que?

— Para que, ap

na de arranque da s

na e que não posso

de minha vingança.

O terror simulado

na dançar e que

— Ah, Ursini! dis

na e desdouro de m

— Eu sei: é indig

nae; é necessario as

gumina; mas no fim

polica do homem infar

— E' impossivel!

— Já tomei minha

nae de minha confis

espelees as circumstan

na injusto compromett

nae e partidos manejo

— E elle?... que é

— Não! matar, nunca! fechemos a porta da nossa casa ao homem fatal...

— E a vingança?...

Ursini, o comico habili, sorriu-se satanicamente, e proseguiu dizendo:

— Já pensei muito, e quero adoptar o terceiro partido.

— Qual é?...

— Aproveitar o mal por ora irremediavel, e fazer a Ernesto o maior mal com vantagens seguras para nossa filha

— Não entendo, ou tenho medo de entender.

— Pois trata do perder o medo. E' preciso que Rosina atormente esse homem dia por dia, que lhe inflame o amor e lhe atire incendios na alma lasciva, que o traga durante alguns mezes em fogo de desejo infernal, sempre em labaredas e nunca satisfeito...

— Ursini!

— E' preciso quô Rosina faça tudo isso e que impassivel, enregelada, reflectida, incapaz de ceder, mas exigente, imperiosa, fascinadora endoudeça esse homem, e sem que por um momento vacille ou enfraqueça, deixe esperar tudo, nada promettendo, sempre resistindo, nunca cedendo, e nunca desenganando de todo.

— E para que?...

— Para que, aproveitando o phrenesi desse velho sem brio, eu lhe arranque da sua riqueza para segurança do futuro de Rosina o que não posso tirar-lhe em sangue das veias para satisfação da minha vingança.

O furor simulado, com que Ursini enunciou esse plano, não pôde disfarçar o que havia nelle de immoral e vergonhoso.

— Ah, Ursini! disse Joanna; assim tornarás muito mais verdadeiro o desdouro de minha filha!...

— Eu sei: é indispensavel resignação corajosa durante alguns mezes: é necessario assoberbar juizos indecorosos e apparencias de ignominia; mas no fim é certa e positiva a confusão e a punição publica do homem infame... e a completa justificação de Rosina...

— E' impossivel!

— Já tomei minhas providencias para isso: convoquei quatro amigos de minha confiança, quatro dos nossos melhores vizinhos; expuz-lhes as circumstancias em que nos achavamos, a innocencia e o injusto comprometimento do credito de nossa filha; os perversos e perfidos manejos do seductor, e minhas idéas de vingança.

— E elles?... que disseram elles?... perguntou a credula esposa.

— Julgaram insufficiente e nociva á reputação de Rosina a simples despedida de Ernesto, quando a calúnia já tão ferocemente nos morde; reprovaram o meu intento de matar o homem sinistro... ah!... reprovaram... sim!

— Ainda bem!

— Applaudiram, como o mais sabio dos recursos, a zombaria bem merecida e caríssima para o malvado velho, e vingativa e util para nós.

— Oh! mas essa utilidade é feia...

— E fizeram mais, comprometteram-se a dar publico testemunho da virtude de Rosina, e o ludibrio de Ernesto, annunciando a seu tempo, opportunamente a todos, a historia dos aleives que nos revoltaram, o da desforra planejada por mim, e por mim imposta á minha filha e á ti, e corflada de prevenção a elles, para que no desenlace da intriga justifficassem a donzella calumniada, e aggravassem o desespero do ridiculo velho com a publicidade do seu opprobrio.

Joanna abaixou a cabeça com tristeza e dôr.

— Que dizes tu a isto?... perguntou Ursini.

— Pobre de minha filha, disse Joanna; ah!... a culpada não fui eu!...

— Não foste, não; o culpado fui eu!... tens razão: é melhor que eu carregue com as consequencias...

— Como?

— Sei o que hei de fazer.

— Não!

— Joanna!

— Profiro tudo ao horror do crime.

— Pensas?...

— Eu não sei pensar; submetto-me.

Calaram-se ambos; havia no semblante de Joanna amargura, no de Ursini restos de affectação de furor, e interno e occandaloso nocego.

No fim de alguns minutos elle tornou:

— Rosina é incapaz de aviltar-se...

— Isso eu juro; disse Joanna.

— Sei que ella despreza Ernesto.

— E que o não desprezasse... respondo pela honestidade de minha filha, tornou Joanna ainda com orgulho maternal.

— Pouco exigirei de Rosina além da sua virtude; esta a conservar sempre digna de si e de nós, e alguns mezas do artificiosa tolerancia da paixão criminosa, e o simples adiamento do mais po-

para desenganar
trago ardente
se dá a custa d
de ser odio, no
de nome despre
— Ursini! o
— Ursini! o
— Mas sem
ria o odio que m
selector?... o di
pote da caluma
monstrar sua f
si ambaria, da
do publico, deixa
mente rica para
surde que a m

— Mas sem
ria o odio que m
selector?... o di
pote da caluma
monstrar sua f
si ambaria, da
do publico, deixa
mente rica para
surde que a m

— Talvez se
aria com o bac
e no erro que

Joanna não
— Se pôdes,
A pobre mãe
dito via o mal;
da se expoz, a
pote por demo

— Ursini! o
— Ursini! o
— Mas sem
ria o odio que m
selector?... o di
pote da caluma
monstrar sua f
si ambaria, da
do publico, deixa
mente rica para
surde que a m

— Talvez se
aria com o bac
e no erro que

Joanna não
— Se pôdes,
A pobre mãe
dito via o mal;
da se expoz, a
pote por demo

— Ursini! o
— Ursini! o
— Mas sem
ria o odio que m
selector?... o di
pote da caluma
monstrar sua f
si ambaria, da
do publico, deixa
mente rica para
surde que a m

— Talvez se
aria com o bac
e no erro que

Joanna não
— Se pôdes,
A pobre mãe
dito via o mal;
da se expoz, a
pote por demo

— Ursini! o
— Ursini! o
— Mas sem
ria o odio que m
selector?... o di
pote da caluma
monstrar sua f
si ambaria, da
do publico, deixa
mente rica para
surde que a m

— Talvez se
aria com o bac
e no erro que

Joanna não
— Se pôdes,
A pobre mãe
dito via o mal;
da se expoz, a
pote por demo

— Ursini! o
— Ursini! o
— Mas sem
ria o odio que m
selector?... o di
pote da caluma
monstrar sua f
si ambaria, da
do publico, deixa
mente rica para
surde que a m

sitivo desengano, deixando uma alma depravada conceber esperanças audazes e criminosas, vão assegurar á nossa filha leonjeiro dote á custa do estúpido velho, que sómente reconhecerá o poder do meu odio, no dia em que fór expulso da nossa casa aos pontapé de nosso desprezo.

— Ursini! o teu odio não excluo o interesse que neste caso é vill: o teu odio me parece indecoroso... perdôa.

— Mas sem interesse calculado pela vingança para que prestaria o odio que não tirando sangue, não tirasse ouro do pretencioso seductor?... olha: Rosina já tem a reputação mordida pela serpente da calumnia, e eu não descubro recurso mais seguro para demonstrar sua innocencia do que este que patenteia uma ostentosa zombaria, da qual é o velho ridiculo no meio das gargalhadas do publico, deixando nossa filha, além de justificada, sufficientemente rica para gozar os encantos da vida em companhia do um marido que a mereça.

— Marido que a mereça?... Ursini, a nodca ainda mesmo injusta lançada no vestido branco de donzella, raramente ou nunca desaparece.

— Talvez seja assim... mas a nodca já foi lançada e eu quero lavá-la com o ludíbrio que confundirá o velho insensato e máo, e co mo ouro que exaltará a victima justificada.

Joanna não respondeu.

— Se podes, dá-me conselho melhor, disse-lhe o marido.

A pobre mãe, coitada, não podia lutar com Ursini. O seu instincto via o mal; o seu amor porém, e os seus habitos de obediencia ao esposo, a enredavam facilmente no tecido de sophismas daquelle pae desmoralisado.

Ella perguntou momentos depois:

— E Rosina?... já lhe communicaste essas... tuas idéas...

— Não; e sinto-me um pouco embarçado; disse Ursini com fingido vexame.

E accrescentou logo, refinando o falso e comico acanhamento.

— Tu és mãe... podias explicar-lhe...

— Ah! exclamou Joanna; eu não!... ou nunca!... o meu coração reprova isto!...

— Pois eu fallarei a Rosina, e hei de fazê-lo hoje mesmo, tornou Ursini, levantando-se.

E apenas se havia levantado, quando ouviu o leve ruído de passos apressados e furtivos de alguém que fugia pelo corredor.

Ursini corriu.

— Ella nos escutava, disse Joanna, suspirando.

— Melhor! observou o indecente pae; Rosina já ficou sabendo o que devia saber.

VI

Apprehensiva da grande tristeza de sua mãe em todo aquelle dia, e presentindo na conferencia evidentemente confidencial de seus paes segredos que a interessavam, Rosina sahira de seu quarto ainda mal vestida, apenas espartilhada e viera pé por pé nuvir ás escondidas da porta do corredor a reservada conversação.

Curiosidade tão reprehensivel só poderia ser desculpada por uma duvida gravissima e ansiosa que trazia em serios cuidados o espirito da filha de Ursini.

Rosina estava com razão convencida de que seu pae tolerava os avanços e insolentes pretensões amorosas de Ernesto; não sabia, porém, ainda qual era positivamente o seu designio, nem até onde premeditava levar essa ameaçadora tolerancia.

Uma idéa sinistra e repugnante a sobresaltava: a cubiça de seu pae tocaria ao extremo de levá-lo a sacrificar a um homem casado, a preço do ouro torpe que este a mãos cheias estava prompto a derramar?

O simples recibo desse crime de lesa-natureza era na alma da filha a condemnação do pae; mas a duvida e as apprehensões se justificavam pelo procedimento de Ursini.

Rosina não se arreceava das seducções de Ernesto: preferia, porém, esclarecer-se sobre os intentos de seu pae, porque nelle devia conservar a força da sua confiança ou precaver o maior perigo na falha da defesa do seu primeiro protector.

Esta cautela não se achava em contradicção com as imprudencias da *namoradaira*, que presumia não aviltar-se, deixando-se requestar pelo seductor, e divertindo-se a provocá-lo; mas que, em caso algum, consentiria em perder na mais ignominiosa degradação a estima de si propria e a de todos.

Mas levada a
esperava, tivera
de Joanna
ela temendo ser
tracarse no seu

A vergonha e
do seu descredo
mãe modesta e c
dele, choraria co
mais severo recibo

estimada a assoc
pintados, enraive
sentença que a tita
de que lhe impu
de saber e abysmar

Se primeira ho
pelo redimir, so
fo em prostração.

Em seguida, pe
de e da cohera que
segu a reflectir, le

Elle havia dervi
seu; porque além

Seu pae era o
que, em sua com

talvez encontrara
tudo como presen
tudo extremo de

A riqueza de
de Joanna, como a

estil para aterra.
de que Ursini que

lido com esperan
de sua cohera de o

Neste plano immo
aria para enganar o e
de obter a seducção;

se passava em immo
de plano entendi
estação de Ursini.

Mas levada por sua curiosidade, Rosina ouvira mais do que esperava, tivera animo para ouvir até o fim as tremendas confidencias de Joanna e de Ursini, e só quando este se levantára, ella temendo ser apanhada no seu indiscreto posto, corrêra a trancar-se no seu quarto, vergonhosa, revoltada e attonita.

A vergonha e a revolta do animo provinham do conhecimento do seu descredito, que ella reputava immercedo: uma donzella modesta e circumspecta, vendo-se accusada assim injustamente, choraria com amargura, e pensarla em rehabilitar-se pelo mais severo recato no seu proceder ulterior: Rosina, a loureira acostumada a assoberbar o reparo publico em seus condemnaveis galanteios, enralvecia-se contra os ousaões juizes que lavravam sentença que a ultrajava, e, envorgonhada, a pezar seu, da mancha que lhe imputavam, ao mesmo tempo ardia em assanhos de colera e abysmava-se em desordenada afflicção.

Na primeira hora de seu doloroso recolhimento Rosina não pôde raciocinar, soffrea, chorou embraveceu-se, desatinou e cahiu em prostração.

Em seguida, pouco a pouco foi dominando a violencia da dôr e da colera que allás voltavam em terriveis accessos, e começou a reflectir, lembrando tudo quanto ouvira.

Não havia duvida sobre os alevies que maculavam a sua honra; porque além de seu pae, sua mãe não mentia.

Seu pae era o principal culpado da sua diffamação; ella, porém, em sua consciencia, não podia mais accusalo, porque tambem concorrera para as apparencias do seu desdouro, acellando ricos presentes, e não repellindo e antes excitando os ferventes extremos de Ernesto.

A vingança ideada por Ursini era rude embuste para illudir Joanna, como a ameaça de sangue e de morte dâra outro ardil para aterrala.

O que Ursini queria era explorar a paixão de Ernesto, e embaíndo-o com esperanças vãs e fallazes, tomar-lhe quanto pudesse dos seus cofres de ouro.

Neste plano immoral o pae exigia da filha complacencia fallaria para enganar o seductor, e indifference real e fortaleza para não ceder á seducção; portanto Rosina não temia mais que seu pae pensasse em immoiala sem reservas á sua cubiça.

O plano entendido assim era absolutamente conforme com os principios de Ursini, e o dote conseguido dessa arte para Ro-

sina era incentivo que o fazia desprezar todas as considerações do decóro.

Fazendo estas reflexões, a donzella já ultrajada por calumnias suspeitas, estremeceu aterrada, imaginando as torturas por que teria de passar, se obedeendo a seu pai, abandonasse durante mozes seu nome e seu credito ao favor da maledicencia e da detracção atijada cada dia mais pela verosimilidade de seu opprobrio; ainda assim, porém, ella ousou lembrar mais de uma vez as vantagens da riqueza que poderia proporcionar-lhe tratamento ostentoso, luxo e brilhantismo que sublimariam suas graças.

Esta simples lembrança em horas em que a confusão, o pejo, e a dôr mais afflictiva não deviam permittir suaves devaneios da imaginação, e ainda menos idéas que depuzessem contra escrupulos bríosos, não dava seguranças de que Rosina tomasse alguma sabia resolução nas circumstancias verdadeiramente criticas em que se achava.

Entretanto ella nada resolvia; seu espirito vacillava em contradições, em tormentos, em impetos de ira, em votos de desprezo do juizo publico, em turbações e vergonha, em consternação ás vezes, em sonhos de consolação raros, em desordem de cogitações sempre.

E mais de tres horas tinham passado assim, de modo que Rosina fihou nessa tarde á janella.

Mãe Joanna, a pobre mãe, que dissera a Ursini: "cu não sei pensar," estivera todo o resto da tarde pensando em sua filha.

Joanna que não sabia resistir á Ursini; mas que compensava a pobreza da intelligencia com os thesouros do coração, repugnava os calculos do marido e o deslustre moral de Rosina, qualquer que fossem as conveniencias materiaes que d'ahi para esta resultassem, e, não sabendo pensar, pensou em salvar a filha, salvando-lhe a reputação de honesta.

Era quasi noite, quando Joanna, que desde mais de uma hora menos angustiada meditava sobre um recurso que se lhe afigurava inspiração do céu, foi bater de manso á porta do quarto de Rosina.

A filha presentiu o soccorro maternal, e graça que nunca se espera debalde, e abrindo logo a porta, mostrou-se obumbrada, dolorida, mas ainda ativa.

... em vez de gastar
... perguntou com

... Basta, quero ir á
... estremeceu toda
... inspiração, e respondeu
... fizesse.

... sabia que Angelo
... com ella. Clotilde
... discreto mancoço, respeit
... julgara autorizado
... e a madrinha de Ro

... por vezes procuraria
... e disposições da filha
... respondendo com e
... a saber que se estava
... e Joanna o santelmo d
... e no casamento de p

... comprehendea o j
... explicitidade do convite q
... e sempre sem hesita
... para os perigos que a
... e reprovada, desme
... e assaz posição em
... tal estado. No men
... de os desatinados

... para a tarde a soffri
... alguma os recur
... para tentar sua in
... que se via perdida
... a lembrança de Angelo
... e se amozou exaltar d
... esse estopimento e

Joanna em vez de gastar inutilmente o tempo em estereis consolações, perguntou com voz melancolica e um pouco abalada:

— Rosina, queres ir á casa de tua madrinha?

Rosina estremeceu toda ao influxo d'esse convite que era uma inspiração, e respondeu immediatamente:

— Vamos.

VII

Joanna sabia que Angelo amava sua filha e que esperava a dita de casar com ella. Clotilde lhe confiara esse segredo, o unico que o discreto mancebo, respeitando as reservas que Rosina lhe impuzera, se julgara autorizado a revelar á sua tia.

A mãe e a madrinha de Rosina interessavam-se pelo amor de Angelo.

Joanna por vezes procurára sondar o coração e conhecer os sentimentos e disposições da filha; esta, porém, se negára sempre a esclarecê-la, respondendo com sorrisos, evasivas e affectado pejo.

No dia acerbo que se estava passando, o instincto maternal mostrara a Joanna o santelmo de salvação para Rosina no amor de Angelo, e no casamento de prompto realizado.

Rosina comprehendeu o pensamento generoso e santo de sua mãe na simplicidade do convite que recebera para ir á casa de sua madrinha, e abraçou-o sem hesitar; porque, casando-se com Angelo, escapava aos perigos que a ameaçavam, ao supplicio de uma situação falsa e reprovada, de mentia a calumnia, voltava á estima publica, e assumia posição embora modesta e não deslumbradora, como tinha sonhado, ao menos porém honrosa e respeitavel.

Na adversidade os desatinados têm momentos lucidos de bom senso.

Rosina passára a tarde a soffrer, e a reflectir desconcertada e tumultuosamente, esgotára os recursos do seu espirito, e quantos expedientes püdera inventar sua imaginação para sahir do dedalo tormentoso, em que se via perdida, e nem por um instante, nem uma só vez se lembrára de Angelo que tão facil acudira as ancias do coração e ao amoroso cogitar da alma de sua mãe.

A razão desse esquecimento era triste: Rosina não amava Angelo.

Mas a gravidade das circumstancias não permitia á donzella consternada e offendida fazer questão de amor em casamento que seria salvação para ella.

Além d'isso era certo que a leviana donzella, embora não amasse o joven artista, continuára sempre a adital-o com as mais suaves illusões, robustecendo-lhe a confiança no compromisso do desposados.

A frequencia de Ernesto na casa de Ursina não tinha prejudicado as visitas tambem frequentes que Joanna fazia a Clotilde, e nem Rosina achara inconveniencia em receber á tarde os cultos dos seus namorados, mostrando-se á janella, e os do padrinho de seu irmão, que gozava a liberdade de adoral-a de mais perto, e em tr' emfim algumas noites conversar tornamente com o nobre mancoço que se suppunha seu noivo.

O verdadeiro merecimento obriga a estima; não pôdo, porém, obrigar o amor: Rosina já estimava Angelo pelo alto e irrecusavel aprego de seu character generoso e distincto, e talvez por isso mesmo, e porque nenhum estímulo de opposição excitasse as reacções de seu genio de moça caprichosa, não se sentira amorosa do mais digno e mais delicado dos seus apaixonados.

Em Rosina e Angelo havia como que duas naturezas oppositas, impedindo que se entendessem e se combinassem os dous corações.

Rosina era ardente e inconsiderada; Angelo era tímido e reflectido.

Elle provocava o galanteio vehemente; elle só sabia amar com enlevo respeitoso.

Elle queria impor-se amada allucinadora; elle teimava em venereal-a, como a um anjo de innocencia.

Em quatro mezes passados depois da solemne e mutua promessa de casamento, Angelo, cada dia mais captivo de Rosina, e desvanecendo-se de confessar-l'ho, nem uma só vez a fizera corar, pedindo-lhe ou roubando-lhe a gloria de um beijo, que não fosse o de torna reverencia deposite em sua mão de noiva.

Rosina, em quem o melindre da sensibilidade se gastára o embotára nas contrafacções de amor em sua pratica de loureira, não reconhecia a elevação, delicadeza e primor dos sentimentos de Angelo, e apenas o attendia, o esperancava, o o tinha presc em encantada rédo de illusões, como ao ingenuo ndolescente, namorado contemplativo, inexperiente, pobre cretelo das horas va-

que as namoradeir
 a Molatr'a immerecida
 mas esta mesma fa
 de Angelo encora,
 do empenho que
 fira sómente por e
 que pastor se embra
 a não á face de Des
 não receberia com p
 em b'eres dias o o
 esta restitue-se com
 da tarde affli
 que a estava anima
 a hora da decisã
 e interessante
 Ha estrou com sua
 e embra: tinha nos l
 mystério suave
 Angelo já estava lá e p
 sua tia, recebendo a o
 puzera ao sobrinho.
 haza, sobressaltando-o
 e logo serenou,
 poucos minutos depois
 haza, a pobre mãe, t
 Angelo, ficando a só co
 em silencio, e como q
 de que Clotilde o a
 haza não podia que
 haza vacilar sob esse
 Angelo pôda exprimir em
 haza suspiria.
 porque estava triste
 Angelo les um movimen
 haza sorrir:
 haza não sabia que o est
 haza pôde-se enlo
 haza: a alma pens
 haza afflicta, e lá veno
 haza sua porço.

gas, que as namoradeiras professoras se aprazem de ver a seus pés em idolatria immerecida.

Mas esta mesma falsa apreciação do amor profundo e docorroso de Angelo encorajára Rosina que reputou facil o conseguimento do empenho que sua mãe lhe inspirára.

Pôra sómente por condescender com as suas exigencias que o joven pintor se submettera ao adiantamento dos laços que os deviam unir á face de Deus e dos homens, era portanto quase certo que elle receberia com prompto jubilo a proposição para se realisar em breves dias o casamento já ajustado.

Rosina vestira-se com estudada simplicidade e, em parte pelos abalos da tarde afflictiva e procellosa, em parte pela esperanza que a estava animando, e pelo alvoroço natural em quem tocava a hora da decisão da sua sorte, mostrava-se ainda mais embellecida e interessante.

Ella entrou com sua mãe na casa de Clotilde, indicando alegria e anhelos: tinha nos labios leve sorriso encantador e no seio palpitante mysterio suave a revelar.

Angelo já estava lá e parecia não esperar nessa noite Rosina; pois sua tia, recebendo a comadre e a afilhada, queixou-se a ellas da tristeza do sobrinho.

Rosina, sobresaltando-se, lançou um olhar investigador sobre o mancebo, e logo serenou, vendo-lhe radiante o rosto.

Poucos minutos depois os dous jovens foram deixados em liberdade.

Joanna, a pobre mãe, tinha pressa.

Angelo, ficando a sós com a escolhida de seu coração, contemplou-a em silencio, e como que cahindo involuntariamente na melancolia de que Clotilde o accusára.

Rosina não podia que:el-o assim a despertar-lhe apprehensões e a fazel-a vacillar sob essa inspecção muda e talvez magoada, que tanto podia exprimir encio de amor, como sentida desillusão ou penosa suspoita.

— Porque estava triste?... perguntou ella maviosamente.

Angelo fez um movimento de ligeira commoção, e disse, procurando sorrir:

— Nem eu sabia que o estava! foi minha tia que deu por isso.

— Mas pôdo-se então estar triste sem consciencia da tristeza ...

— Pôdo-se: a alma pensa e reflecte; mas o coração sente, presente, adivinha, e ás vezes se aperta e se comprime sem que a alma saiba porque.

— Assim pois ainda está triste?...

— Não sei; pergunto-lh'o: ainda o estou?...

— Ainda; respondeu Rosina, suspirando entidamente.

— Achando-me a seu lado é um crime: perdõe-me!...

— Não exagere, não tome para si a culpa alheia... talvez que a culpada seja eu....

— Como?... perguntou Angelo com leve tremor da voz.

— Sim, disse Rosina; é possível que eu já não possa o que podia; e nesse caso a culpada sou eu: porque mereço menos.

— Accelto o castigo; mas a ironia é injusta: eu a amo sem pre com a pureza do primeiro dia: só o ardor com que a amo, é que tem mudado, porque recresce cada vez mais.

Rosina olhou temente para Angelo, inundando-o de ondas magneticas e dominadoras, e sorrindo-lhe amorosa e com ir-resistível graça, disse-lhe:

— Não quero que esteja triste!

O moço olhou-a tambem terno, rendido, captivo mas ainda com um não sei que de doloroso no olhar mais abrazado do que até então se permitira.

E como não tivesse respondido á carinhosa ordem que recebora, Rosina tornou-lhe:

— Se ainda lhe sou cara, se não deixou de amar-me, prohibo-lhe tristezas; o horizonte de nossa vida é côr de rosa; não vê?

— O que eu vejo é o seu bello rosto, e o scintillar de seus olhos que me deslumbram...

— Pois veja-me assim... sempre... e muito? e vendo-me assim, alegre-se, pensando que eu sou sua noiva, e que o futuro é nosso.

— O futuro!... disse Angelo.

E após alguns momentos de silenciosa concentração, levantou o rosto que balzara e disse senão melancolico ao menos serio, e talvez observando disfarçadamente Rosina:

— O futuro?... quem sabe se era elle que me entristecia?...

— Ah!... então!...

— O futuro?... fallava do nosso?...

— Não temos só um?...

— Mas está tão longe!!!

Rosina mal pôde conter a sua exultação; mas graduando tanto quanto era conveniente a alegria, respondeu:

— Se fosse isso!!!

— E se fosse?... perguntou Angelo ancioso e com os olhos fitos na sua amada.

— Eu abençoaria a sua tristeza que me daria a melhor prova do seu amor.

— Mas a bênção havia de ser longa, porque a minha tristeza seria do durar quase dous annos!...

Rosina saudou dentro de si a tão facil realiação da esperança que trazia: era o seu proprio noivo que se adeantava, pedindo o que ella viera pedir-lhe.

— Tem medo do tempo?... disse jubilosa; de quem duvida?... de mim ou de si?...

— Sem ter medo do tempo, nem concebendo uma duvida, que offenderia qualquer de nós dous, não seria natural que o amor marcasse as proporções da sua maior força e ternura em nossos dous corações pela maior impaciencia da demora mais cruel?..

— Quase que tom razão.

— Quase?...

— Não a tem toda; porque insinuou um juizo falso.

— Qual?...

— Pretende que o seu amor seja mais forte e mais terno que o meu.

— Perdão! eu não pretendo; tenho o certeza de que o é.

— A injustiça me ilsonja; mas ainda assim protesto! ohe; tenho ás vezes medo de que o meu amor seja um peccado; pois devendo tudo a meu pae e a minha mãe, amo-o muito mais do que a elles!

E Rosina toda innocencia e pudor fingidos, pareceu confundida pela ingenua confissão.

Angelo respirava anhelante e em viva exaltação.

— Ama-me pois?... só a mim?... ama-me?... ama-me?... perguntou.

— Oh!... exclamou Rosina; e porque o pergunta assim?...

— Responda-me! eu lh'o peço!...

— Meu Deus!... e ainda preciso responder!!! murmurou a donzella.

E estendeu para Angelo seus dous braços, e em resposta offereceu-lhe as mãos aos labios, e disse:

— Seu sua noiva... e amo-o!...

O joven pintor beijou-lhe as mãos com fervor; logo porém, tornou:

— Mas quer esperar dous annos!...

Rosina aproveitou o momento oportuno, e prorompeu:

— Não! não!... eu não quero esperar dous annos! eu quero...

— Diga!...

A astuta moça abayamou-se em vergonha e vexame, e accrescentou em voz baixa e commovida:

— Eu quero só... o que o senhor quiser...

Angelo começava a respirar livremente e dir-se-ia que uma grande consolação vinha expandir-lhe a physionomia até então, « seu pezar, contrahida.

— Oh!... disse-lhe; e se eu ousasse pedir-lhe a revogação desse prazo de dous seculos?

— Já não é de mim que isso depende; murmurou Rosina.

— De quem então?...

— Do senhor sómente: revogue-o!

Angelo transbordava de alegria beatificadora.

— Mas se em meu ardor assim tão animado pela sua doce condescendencia, eu quizesse, exigisse a celebração do nosso casamento antes de um anno... antes de seis mezes...

Rosina levantou a cabeça, e mostrando o rosto inundado de pejo e de alegria, com flamma de amor nos olhos e riso de encantamento nos labios, interrompeu o nolvo, dizendo-lhe:

— Seja antes de um mez.

— Oh!... juro-me que esta nova resolução lhe é agradável!

— Seja pois em quinze dias: não é isto melhor que um juramento?...

— Dona Rosina!...

— Póde sel-o em oito dias?... é tão facil estar prompta para a felicidade!... quero ser quanto antes a mais amada, porque hei de ser a mais amante das esposas.

— Que isto não seja uma illusão, meu Deus!... exclamou Angelo com os olhos inundados de santo fogo e o rosto em expansão de jubilosa graça.

E ficou por momentos assim, como em suspensão dos sentidos, a gozar immensa dita que lhe enchia a alma evidentemente desafiada do peso de sombrias idéas.

Rosina arrancoo o ao poetico embevecimento, fazendo-lhe aquella natural e interessante pergunta que a donzella mais modesta ou innocente, desde que é já nolva, se permite, modulando a voz entre o abemolado do amor e o tremulo do pejo:

... quando...
largo estremeceu
e terroroso ao
sorriso-se desvi
de ganhar a partida

... bella e sapez filha
da sua victoria, am
o respirio lhe agitaes
de estava aos pés,

... quando... ser
tomou-lhe e ap

... Correm pois em ser

... perguntou elle em

... sim... sim...

... sim... sim! minha m

... não resolve á min

... pois será minha

... e espero.

... Ah, dona Rosina! cor

... beijou com pro

... bibou nellas, a'ém do

... amar.

... já segura da sat'ed

... a vehemencia de

... noite mostrava Ang

... sentido na manife

... gran-se alegre e ad

... como esquecido da p

... da avoz, perguntando

... não se pôde fallar a meu

... a responder, e a

... obrigado!.

... do coração! ha dis

— E... quando... será?...

Angelo estremeceu como electrizado e lançou-se de joelhos rendido e fervoroso ao pé da formosa seductora.

Rosina sorriu-se desvanecida e deliciosamente, vendo que acabava de ganhar a partida.

VIII

A bella e sapaz filha de Ursini não se allucinou com a facilidade da sua victoria, antes apurando a artificiosa magia, fez que um suspiro lhe agitasse o seio, e offereceu as mãos ao mancebo que lhe estava aos pés, repetindo mais tímida e desejoamente ainda:

— E... quando... será?...

Angelo tomou-lhe e apertou-lhe as mãos com extrema ternura.

— Convém pois em ser minha esposa em um dos proximos dias?... perguntou elle em embriaguez de felicidade.

— Sim... sim...

— Autorisa-me a ir fallar a seus paes amanhã?...

— Sim... sim! minha mãe conhece e abençoa o nosso amor, o meu paé não resiste á minha vontade.

— Assim pois será minha?...

— Amanhã o espero.

— Ah! dona Rosina! como me abriu o céu!...

E Angelo beijou com profunda commoção as mãos que apertava e deixou nellas, além do fogo do beijo, duas lagrimas de ternura e de amor.

Rosina, já segura da satisfação do seu grande empenho, estava curiosa a vehemencia dos affectos e o extraordinario afano que nessa noite mostrava Angelo, sempre tão temeroso e respetosamente contido na manifestação de seus extremos; vendo-o, porém, levantar-se alegre e aditado, e sentar-se junto a ella em silencio, e como esquecido da pergunta que tanto o exaltara, lembrou-lha de novo, perguntando por outro modo e com requintada meiguice:

— Vae amanhã fallar a meu paé?...

Em vez de responder, o amoroso mancebo disse-lhe enternecido:

— Obrigado! sim, obrigado!... oh, D. Rosina! mal sabe que peso me tirou do coração! ha dias sinistros em que o homem che-

ga a perder-se em duvidas sacrilegas, e sómente pôde salvar-se pela guarda do seu anjo. A senhora salvou-me hoje.

— E como?...

— Para que lembrar a tempestade que passou?... para que recordar a turva fonte onde se bebeu veneno?... esqueçamos a noite de tormenta: sinto-me mais feliz do que nunca: não lhe basta?...

— Duvidou de mim?...

— Nem sei o que pensava: estive doído; na minha loucura aquelle prazo de dous annos, que adia para tão longe o complemento dos nossos votos, affigurou-se-me recurso de indifferença ou de barbaro folguedo de valdosa formosura...

— Ah! senhor...

— Já me castigou: tenho na alma arrependimento beatificador: o seu coração abriu-se para mostrar-se chelo de amor, e á minha primeira queixa a sua santa vingança foi convidar-me a levá-la ao altar para ser minha esposa. Obrigado! oh, D. Rosina, obrigado!...

E Angelo apertou de novo as mãos de sua noiva.

— Amanhã o senhor irá fallar á meu pae?... perguntou Rosina outra vez.

— Não; respondeu o mancebo docemente; não devo, nem hei de abusar de sua condescendencia angelica.

A noiva estremeceu de leve.

Angelo proseguiu:

— Já condemnamos o dilatado prazo de dous annos: agora, perfeitamente tranquillo e ufano, posso esperar alguns mezes: a senhora tinha razão: fóra de minha parte impiedade o egotismo sacrificial-a tão delicada, mimosa e bella a uma vida de incessante e rude labor domestico e de privação de todos os prazeres e distraçções.

— Basta-me o seu amor: balbucion Rosina.

— Em alguns mezes tenho feito milagres de trabalho, contínuo o joven pintor; merecidamente ou não meu credito de retratista augmenta: em Janeiro do anno proximo serei professor de desenho em dous collegios, e já nesse tempo terei exposto o meu primeiro quadro de pintura historica, que é tambem seu pela inspiração...

— Já é portanto opulentissimo e demais para mim; disse a donzella fatigada deusas confidencias de artista.

— Seis mezes ainda: tornou este; e no fim corrido: a seus pés, e poderei garantir-lho, não faustoso e deslumbrante trata

partia mas vida tu
... Estamos em
Fevereiro de 1870...
— Seis mezes:
Angelo não se en
ocorreu:

— Se lhe apraz,
... festas e de content
... alegrias de todos
...!

— No domingo
...mente a donzella.

... e este Angelo r

— Que tem?... pe

— Assim pois, dia
... de experiencia e

— Minha senhora...

— Não ha que fugi
... com exaltação
... me recusa aquillo

— En reduzi dous
...!

— Suspeita por sua
... não contava co

... pelo um pretexto pa

Angelo pareceu adm

... em quem antes desca

... a seu casamento

... de modo por proveng

... e disse-lhe:

— En sei que a senh

— Não duvidava: ar

... um mudon de

— É por certo que

— Se não mudon, far

... casamento a meu

— Rosina que en

— Amanhã...

— Amanhã responde

... volta volta-se com

... e derramando

mento, mas vida facil, commoda e amenisada por modestos rego-
lhos. Estamos em Setembro: D. Rosina, nós nos casaremos em
Fevereiro de 1870...

— Seis mezes!... murmurou resentida a vaidosa donzella.

Angelo não se apercebeu do agastamento de sua noiva, e ac-
crescentou:

— Se lhe apraz, marquemos o dia da minha dita... um dia
de festas e de contentamento geraes... a noiva felicidade no meio
das alegrias de todos... o nosso casamento no domingo do car-
naval...

— No domingo do carnaval... seis mezes!... repotiu sus-
tamente a donzella.

Só então Angelo reparou no resentimento de Rosina.

— Que tem?... perguntou.

— Assim pois, disse ella, ainda ha pouco eu era simples obje-
cto ou de experiencia ou de zombaria!

— Minha senhora...

— Não ha que fugir dahi; porque eu innocente e entornecida
accetei com exaltação quanto o senhor me propoz, e agora o se-
nhor me recusa aquillo mesmo que exigira de mim!!

— Eu reduzi dous annos a seis mezes; respondeu Angelo,
vacillando.

— Suspeita por suspeita! tornou Rosina tremula de despolto;
o senhor não contava com a minha condescendencia, e tinha pre-
parado um pretexto para quebrar seus juramentos...

Angelo pareceu admirado de um assanho que tanto se exagora-
va em quem antes dessa noite mais cuidara em adiar do que em
apressar o seu casamento, e ou perplexo pelo que observava, ou
desconfiado por provencões que renasciam, fitou os olhos em Ro-
sina e disse-lhe:

— Eu sei que a senhora não duvida de mim.

— Não duvidava; agora porém... qual de nós em menos de
moia hora mudou de sentimentos ou de idéas?...

— Eu por certo que não.

— Se não mudou, fará o que me propoz, indo amanhã pedir-
me em casamento a meu pae.

— Recelava que eu não fosse?... veja como é injusta! hei
do ir.

— Amanhã?...

— Amanhã, respondeu Angelo sem hesitar.

Rosina sorriu-se com o mais feliz sorriso dos seus sorrisos de
loureira, e derramando magias de embriaguez na doçura abun-

dante o ineffavel do olhar, e seduzindo com a voz a melodiar, com o seio a arfar anhelante, com as mãos tão brancas, pequeninas e lindas ambas sobre o peito, como a conter o coração, com uma leve e graciosa inclinação lateral de cabeça a insinuar quase languidez e a completar o prestigio da tentação, fallou murmurante, commovida, e dulcíssima:

— Amanhã meus paes... em quinze dias Deus... e logo... amor de benção sempre!... em quinze dias!... sim?... sim?...

Angelo agitou-se arrebatado por esse canto de anjo, e ia prostrar-se vencido deante da irresistivel seductora, quando ao seu primeiro impulso para ajoelhar-se, deteve-se de subito, ouvindo o ruído de gargalhadas, que soavam na rua.

Impetuosa e instinctivamente o mancebo correu á janella, abriu-a, e olhou: as gargalhadas partiam de um grupo de conversadores grosselros, talvez de escravos, que estavam á distancia parados á porta de uma taberna.

Angelo fechou a janella, respirando desafrontado, mas em evidente preocupação, e como se tivesse recebido agouro sinistro.

Rosina olhou-o attonita.

Angelo approximou-se della, apertou-lhe uma das mãos entre as suas, e disse-lhe:

— Amo-a! ama-a-ei toda a minha vida... ama-a-a desgracado, se a perdesse... se perdesse o seu amor!... amo-a!...

— E eu?...

— Amo-me pois! ah!... ame-me, como uma noiva a seu noivo, e será minha esposa no fim de seis mezes.

Rosina que se tinha levantado, recuou um passo, retirando a mão que Angelo apertava:

— Eu quero sel-o em quinze dias... exclamou irada e impetiosa.

O mancebo que tão tímido e complacente mostrara-se sempre, cemorou a cortezia, renovou seguranças e juramentos de fidelidade e de amor, e comtudo manteve-se inabalavel em sua resolução.

Rosina irritou-se violenta, sentindo na obstinação ou na firmeza do noivo uma quebra do seu poder.

Visivelmente atormentado por affectos diversos que lho tempestecavam o animo, Angelo recbia tremulo e pezaroso os raios de colera que os olhos ardentes da donzella dardejavam sobre elle.

— Espero que e
lhora me ha de per
rosos... e eu sero
me escravo...

Rosina riu-se co
mildicidos e secco
Angelo continuou

—E desde ama
me pas me verá de

— Amanhã é m
me com acre e tres
sumção.

— Ah! não que
— Não; prefiro
arrepender.

— D. Rosina!...

— Que dere pod
lugas estiver dispo

— Não irei am
firmemente.

Rosina levantou
de escamoso:

— Minha mãe!

E ficando de pro
arretor, não viu qu
pouas lagrimas que

De volta para c

lamma liza no roci

se desastrosos cruce

ludos que deviam

lugarre a unave exp

amor maternal.

Pouco depois, al

laxante:

— Vae dormir;

E vendo Rosina

e batinho com os e

— Espero que em breve me fará justiça; disse enfim; a senhora me ha de perdoar a desobediência desta noite acerba e dolorosa... e eu serei mil vezes mais, e para sempre e em tudo seu escravo...

Rosina riu-se com ironia que lhe convulsou nos labios empallidecidos e soccos.

Angelo continuou triste, compungido, mas grave:

— E desde amanhã, ah minha bella noiva! desde amanhã seu pae me verá de joelhos, pedindo-lhe a sua mão de esposa...

— Amanhã é muito cedo para seis mezes de espera; murmurou com acre e tresloucado despeito Rosina, ferida em sua presumpção.

— Ah! não quer?... perguntou Angelo inquieto.

— Não; prefiro deixar-lhe seis mezes de liberdade para se arrepender.

— D. Rosina!... que devo entender?...

— Que devo pedir-me em casamento, quando sem inúteis de longas estiver disposto a receber-me no altar.

— Não irei amanhã; disse Angelo, abaixando o rosto sombriamente.

Rosina levantou-se impetuosa, e chegando á porta do corredor, exclamou:

— Minha mãe! são quase dez horas da noite!...

E ficando de propósito á porta, e com o rosto voltado para o corredor, não viu que Angelo afflicto e attribua enxugava duas grossas lagrimas que lhe tinham corrido pelas faces.

IX

Do volta para casa a mãe e a filha não trocaram palavra: Joanna lera no rosto de Rosina a confusão e o resentimento do que desengano cruel e, com instinctiva delicadeza, poupou cor-filhas que deviam ser dolorosas, e sepultou naquella silencio lugubre a suave esperança que poucas horas antes lhe inspirava o amor maternal.

Pouco depois, abençoando a filha, Joanna disse-lhe melancolicamente:

— Vae dormir; não pensa... dorme!

E vendo Rosina recolher-se a seu quarto, murmurou triste e baixinho com os olhos pregados na porta que se fechára:

— Dormir!... ella dormir... coitada!...

Mas foi sómente a pobre mãe que nessa noite não dormiu.

Rosina voltara da casa de sua madrinha menos possuida de apprehensões e temores do seu descredito publico tão recentemente annuciado, do que da supposta offensa que em seu orgulho recebera de Angelo.

Fôra facil a qualquer, e muito mais o foi a ella, cujo espirito ora tão atilado, reconhecer que duvidas escuras e talvez turvas suspensas relativas ao seu amor e á sua lealdade, obumbravam o animo do seu ternissimo e susceptivel noivo e que, por isso mesmo, eram as condescendencias mimosas e a submissão captivadora que podiam dissuadir e tanto mais que a consciencia de Rosina certamente estaria dando razão a Angelo.

O prazo de seis mezes marcado por elle para o casamento não devia parecer excessivo, a quem muito maior houvera exigido, e o perigo da delonga sendo igual em quinze dias pelo facil conhecimento das imprudencias e levandades compromettedoras, tornava-se menos ameaçador em seis mezes, pois dava tempo á namorada deo do passado para mostrar-se recatada e sabia, reconquistando ou por desmentido apparente a feias imputações, ou por arrependimento franco e sincero a confiança do noivo.

Mas Rosina não pôde pensar assim; tinha começado habilmente a redução de Angelo; desde, porém, que contou com a victoria, desde que o extremo mancebo lhe propoz o casamento em *uns dos proximos dias*, e ao receber o seu consento, prostrou-se ajoelhado a seus pés, sua vaidade exaltou-se, e ao immediato desencanto sublevoou-se desatinada.

Sobretudo Rosina não perdoava a Angelo o ter-lhe pedido, alcançado e tomado o vote e a promessa oultante de sua união nupcial em brevisimos dias, para logo depois confundil-a com a negativa obstinada a essa mesma aspiração que provocára o conséguida.

A vaidosa sentira-se desmerecida e desdenhada, escarneida e humilhada pelo homem a quem considerava escravo dos seus caprichos e facil de submeter-se ao imperio de sua vontade.

Entretanto, embora encolerizada pelo desgosto por que passára, Rosina ainda não se reputava vencida, ainda tinha a presumçosa esperanza de vingar-se do seu desvalimento de uma hora em um breve o escravo rendimento do estremeido noivo,

e sómente por quando lhe o senad.

Contrariado da e arrogante longe de si o que lhe cobria passando em pe desculpada, e he

Meia hora p um, e como se no da bella qu diaço a força fi to, a opulencia pito, a graça a

E contente, e se devaneada, e a arrastou de

— Elle ha e se delitar.

pra imagem na e porse extravasar ilusões e pelos se

Em parte pe hta e de esperan da separação do a culpava, Rosin alijando:

— Elle... ha

A breves dese os primeiros galpo Fura em sua rep ferar, analisand em e finto conde propria leitera, dá nidade, e portanto

Resista desperdi te ou que adomec Alacamente, dita

— Elle... ha

e sómente por isso se contivera, e não rompera de todo com elle, quando lhe ouvira dizer triste, mas resolutamente: "*não trei amanhã.*"

Contrariada, em desasocego quasi febril, mas ainda presumida e arrogante Rosina, encerrando-se no seu quarto, atirou para longo de si o manto, tirou com impeto nervoso a fina camisinha que lhe cobria o peito, desatou seus bellos e longos cabellos, e passando em pé diante do espelho, contemplou-se, a princípio desculpada, e logo depois com a mais viva ufanía.

Mêa hora pelo menos ella reviu-se na reflexão da sua imagem, e como se fôra solícito e transportadamente curioso namorado da bella que admirava, passou em ufaneosa revista e apreciação a força fascinadora do seu olhar, a formosura do seu rosto, a opulência dos seus cabellos, o incanto voluptuoso do seu peito, a graça arrebatadora de sua figura.

E contente, e orgulhosa de si, adorando-se adoravel, sorrindo-se desvanecida, e desvanecendo-se de seu sorrir, quando a custo se avançou do espelho, murmurou com deliciosa convicção:

— Elle ha de vir amanhã...

E foi deltar-se mais do que consolada, feliz, com a sua propria imagem na memoria, feliz com essa confiança no futuro que parece extravasar da selva opulenta da mocidade, feliz pelas illusões e pelos sonhos de flôres na primavera da vida.

Em parte pela fadiga de tantas horas do soffrimento, de luta e de esperanças rebatidas, em parte pelo influxo liçozeiro da segurança do valor immenso de sua formosura que tão doce a embalava, Rosina não tardou muito a adormecer e adormeceu, balbuciando:

— Elle... ha de vir... amanhã...

A leveza desse coração de donzella, que tão facil esquecia os primeiros golpes já recebidos e a ameaça de outros ainda mais graves em sua reputação, o tão prompta e tranquilla se deixava dormir, acalentando a alma, pouco antes afflicta e amotinada, com o fatuo contentamento que a inebriava pela evidencia da propria belleza, dá a medida das immensas proporções de sua vaidade, e portanto dos desatinos a que esta será capaz de levar.

Rosina despertou na manhã seguinte, sorrindo ao pensamonto com que adormecera, e correndo ao toucador, e vestindo-se cuidadosamente, dizia ainda entre si:

— Elle... ha de vir hoje...

— Mas o dia passou todo e Angelo não se apresentou.

Rosina, já ficou dito, não amava o joven pintor; mas ardia por velo entrar em sua casa arrependido e subjugado, almejava ouvirlo a pedir sua mão de esposa, rendido á sua discrição, e emprazando o casamento não mais para quinze, como ella ordenára, porém para oito ou para tres dias, e ardia e almejava isso muito menos pelo interesse do seu credito, do que pela satisfação da sua vangloria.

E, todavia, Angelo ainda no segundo dia fez-se esperar de balde.

A filha de Ursini começava a enfurecer-se ultrajada pela desillusão, e comtudo, abafando e encobrindo os impetos que o desengano excitava, ainda contemporisou.

— Mais um dia e basta; repetia ella a si mesma.

E já então havia duas tardes que, pretextando padecimentos que não soffria, tinha ella despedido friamente Ernesto, ou se obstinado a não ouvi-lo.

Joanna, acompanhando attentamente o proceder, e estudando a physionomia e as impaciencias da filha, adivinhára que ella ainda contava com Angelo e reanimára-se um pouco a essa idéa de consolação embora duvidosa.

Mas a manhã do terceiro dia passou como as dos dous antecedentes, sem que Angelo se fizesse annunciar.

Rosina procurou disfarçar a irritação exaltada de seu espirito, queixando-se de incommodos nervosos que, até certo ponto, se explicavam verosimelmente pela susceptibilidade excessiva e por estremecimentos convulsivos que ella não podia dissimular.

Como extrema concessão ao retardatario, como extrema esperança de sua vaidade, Rosina disse a si mesma:

— Ainda é possível que elle venha hoje á tarde...

Mas foi sómente Ernesto que á tarde velu fazer a côrte a Rosina.

Ainda antes da noite havia mais de uma hora a passar, e Angelo bem podia apparecer.

Ernesto achou Rosina intratavel, e desabridamente nervosa, e teve de retirar-se mais cedo do que pretendia.

Fez-se porém noite e Angelo não se mostrou.

A filha de Ursini não prorompeu em inúteis imprecações; silenciosa, mas com a fronte annuviada e os olhos flammigeros sahii da sala e dirigiu-se para seu quarto.

A pobre mãe,
da filha, pensou
dessa vez mal
como quatro noites
— Queres ir
— Não! não,
— Ah! e por
— Porque me
deixara.

A's vezes por
in a mulher che
sacrifica.

Rosina, dizem
nada, annunciava
e a sua proprio

Profundamente
abandonára, e p
procedimento do
ignoração de
suspeitas relac
três determino
debrar-se seu no
trajava, e com a
tore.

A tresloucada
indecisosos de U

Rosina, julga
tra asobertar e
bulo riqueza pe
em um marido,
na sociedade com
mas ante o oppr
supplia penhora

Não era mal
estovada e de p
estilamento do
de ouro do do e

A pobre mãe, a quem não escapava uma só das afflicções da filha, pensou que era tempo de acudir-lha com o seu amor, e, dessa vez mal inspirada, foi ao seu encontro, e perguntou-lho, como quatro noites antes lhe havia perguntado:

— Queres ir a casa da tua madrinha?...

— Não! não, minha mãe! respondeu vivamente Rosina.

— Ah! e porque?...

— Porque meu pae tem razão; disse ella com voz surda, mas decisiva.

X

A's vezes por despeito, ás vezes por desvalio do amor infeliz, a mulher chega a imaginar que se vingará, quando apenas se sacrificará.

Rosina, dizendo á sua mãe que era seu pae quem tinha razão, annunciava ter adoptado essa especie de vingança que era o seu proprio sacrificio.

Profundamente resentida do frio olvido em que Angelo a abandonára, e presentindo mais explicitamente que havia no procedimento do joven pintor que tanto a amava conhecimento e reprovação de seus devaneios de *namoradaira* o talvez do suas suspetosas relações com o commendador Ernesto, a filha de Ursini determinou ferir e confundir aquella a quem fizera considerar-se seu noivo, com o desprezo do desdem com que a ultrajára, e com a ostentosa e aggravada continuação de seus namoros.

A tresloucada resolução firmou-se ainda mais nos sophismas indecorosos de Ursini, e nas revoltas do mais falso orgulho.

Rosina, julgando-se iniquamente condemnada pelo publico, quiz assoberbar o juiz, e aturdi-lo com audaciosa affronta; alme-jando riqueza para gozar, impor-se ao mundo, e comprando emfim um marido, que seria o escravo de seus caprichos, brilhar na sociedade com todo o esplendor da sua belleza, não recuou mais ante o opprobrio de excitar a paixão de Ernesto, deixando-o auppolla penhorada do seu amor e facil de seduzir.

Não era mais questão de namoro, entretenimento de donzella estouvada e de pouco sizo, era projecto de namoro-negocio, triste aviltamento do coração, venda de sorrisos e requebros a preço de ouro ou do que valesse ouro, transacção ignominiosa, que a

desculpa de uma reserva, da reserva extrema, allás problema-tica no futuro, não absolvía a indecorosa moça, nom mesmo diante de sua propria consciencia.

Rosina ia, pois, lançar-se na ingreme e escorregadia ladeira para onde Ursini a empurrava, e tão certo era que ainda lhe repugnava essa miséria da alma que, em seu impetuoso desvario de valdade, temendo arrepende-se da resolução tomada, declinase a expôr-se e a adeantar-se logo tanto, que não lhe fosse mais possível voltar atrás.

A desastrada armou-se de fogo e gelo.

Pelo gelo da indiferença mais profunda ella queria ser o calculo vivo, intelligente, astuto, imperturbavel a recolher despojos de victorias o a manter sempre indefectivel a segurança da defesa.

Pelo fogo de fingidas flammias amorosas estava certa de abraçar do paixão o presumçoso seductor, e de allucinalo a ponto de o tornar tão incapaz de seduzilla, como de fugir do sua rede de flôres envenenadas pelo prestígio da ombraguez voluptuosa, sedenta, sempre aspiciosa, nunca satisfeita.

E pelo gelo e pelo fogo Rosina se preparava para ser, nessa baixa comedia de amor, um demónio de tentações.

A comedia começou logo com vigor e excesso impudentes na tarde que immediatamente seguiu ho terceiro dia de esperança illusoria e de violento assanhe de despoitosa colera.

Rosina mostrou-se á janella com ostentação de facolices insolente.

Trajava de branco, e o corpinho de seu vestido da mais fina cambrala de linho, descia dos hombros com inclinação immodesta do modo a formar um angulo em figura de — V — bom no meio do peito, denunciando nos lados e quasi mostrando a parte superior dos seos entoadados: era um angulo afonto e impudico em figura de — V — que parecia estar dizendo: — “Vê” —!

Uma gravatinha azul, terminando em pontas de renda, ornava-lhe o pescoço e o peito nú e alvejante; e, maior provocação ainda, um lindo botão de camelia côr de rosa prendia-se sob a gola do corpinho de seu vestido, mas tão conchegado á axilla, e em pender tão pouco innocente, que se adivinhava o pedunculo escondido além e por baixo da axilla.

A *namoradeira* tinha ás orelhas brincos de opala, nos pulchros pulcraes de cameralda, e na cintura flos de ouro prenden-

do o relógio que se abrigava a um lado coberto pelo cinto de fita azul, chamalotada, larga e terminando em longas pontas.

Rosina pouco se demorou á janella: tinha apenas querido fazer acto de presença: sorriu consecutivamente a tres namorados; provocou reparos e inveja, e foi depois sentar-se ao piano que ha quatro dias se conservava fechado.

O piano era o posto favoravel e commodo, onde, quando vinha, as melodias abafavam as vozes em seus colloquios com o commendador Ernesto, a quem Rosina esperava anhelante nessa tarde.

Ernesto não tardou a chegar; entrou na sala com a illbordade já de costume, e todavia receloso do frio e aspero acolhimento com que nos ultimos dias fóra recebido pela caprichosa donzella.

Rosina, tendo presentido a chegada do seu presumido seductor, mascarou-se de melancolia e acrimonia; mas saudou-o me-nos rispida, e offerceu-lhe a mão, limitando-se a impedir que elle lh'a beijasse.

Ernesto mais animado sentou-se junto de Rosina, e disse-lhe:

— Ainda tão triste! que tens?... ha quatro dias que me maltratas: que tens?

— E' o senhor, e o tempo... duas cousas horriveis!... respondeu a filha de Ursini; é o tempo, porque não pára; e é o senhor, porque é força que pare...

— Que tenho eu com o tempo?

— O senhor? nada: eu muito: perco-o desastradamente.

— E dizes que sou horrivel?

— Ah!... se o é! se adivinhasse a situação do meu espirito, não teria tomado em voltar aqui: é indispensavel que o senhor comprehenda e execute o que a generosidade lhe aconselha... sua frequencia nesta casa me é nociva...

— Ah!...

— O senhor me está fazendo mal...

— Como?...

— Injuriam-me!... é preciso que eu lh'o diga?... devo eu mesma repetir-lhe o que propalam?... senhor!... quer ou vir de mim... que... me assassinam... com o labéo de sua amante?

E Rosina afflicta bateu com a mão no teclado, que ao cho-que respondeu com o som rompen-te e logo extincto de tres notas que pareceram soltar do bil grito.

— Que culpa tenho eu dessa infame calúnia!... disse Ernesto.

— Toda, porque as apparencias me compromettem; tornou Rosina agitada; o senhor vem todas as tardes á nossa casa... sua riqueza é arma de seducção... e... olhe para mim... para minhas orelhas, para meus pulsos, para minha cintura... quem me deu as joias que trago?... não ha veneno nestes presentes?... a murmuração não tem fundamento?...

— Eu te defenderei!...

— Que defesa?... ah, senhor! o seu escudo seria punhal a atravessar-me o coração! que importa que eu seja innocente e pura?... começam a dizer o contrario, e eu não poderei en-contrar agora... ah! e nunca, um homem de brío que me queira por esposa...

— Rosina! Rosina!... tranquillisa-te... o meu amor fará milagres... eu te asseguro...

O demonio de tentação estremeceu commovida; mas logo outra vez angustiada, disse triste e um pouco rudemente:

— O senhor não é livre para restituir-me generoso o cradito que me faz perder...

— Rosina!... e se eu não fosse casado?... ah! diz; se eu não fosse casado... mereceria a gloria de te dar o meu nome?...

Rosina cravou em Ernesto um olhar chelo de fogo, fez um esforço para fallar e não pôde, e abaixou o rosto banhado em lagrimas.

A commoção revela amor.

— Amas-me?... então amas-me?... perguntou Ernesto ferrocamente.

A habil comica fingiu-se alheia á pergunta; mas enxugando as lagrimas, murmurou com doloroso sentimento:

— O martyrio deve acabar... Deus me dará coragem e força...

Era responder.

O seductor enthusiasmo-se e, apertando uma das mãos da donzella, disse apaixonadamente:

— Amas-me! amas-me!... serás feliz!...

Rosina voltou-se para elle desatinada, e fallou a tremer, com os dentes cerrados, e como ao mesmo tempo abrazada em amor e odio:

O algar da min
 pois sim... amo-o;
 amo-o... e u
 amor!...
 Minha Rosina!...
 Sai?... nunca: es
 que a egida da virtu
 do Jero... saiba-o!
 Ernesto ajoelhou-se, e
 que mais proximo
 - Isso de formosura
 importa o mundo? e
 perpetuamente! sera
 de esplendor, e
 que paes... não te fa
 em escravo viverá com
 nunca interrompeu o
 e murmurando
 - Não... não posso ser
 - Fiel que te olhem
 em te quanto amo
 tanto levanto o braço
 e elevada, descan
 abalar, e perguntou
 da voz:
 - O... sex mulher?...
 como omeu responder
 - Anicia?... collada!
 e hauravel molestia
 não para desejar libe
 pratica... e na hypothese
 - Não! exclamou Rosina
 e sua sepultura; não qu
 e tanto confusão se.
 - Fiel que te olhem
 e tanto quanto amo e fall
 e com o

— O algoz da minha vida a prometter-me felicidade?... ah! pois sim... amo-o; mas tenho-lhe odio!... amo-o... saiba-o... amo-o... e não lhe perdorei jamais a fraqueza deste amor!...

— Minha Rosina!...

— Sua?... nunca: este amor é do inferno; eu, porém, tenho por mim a egide da virtude que me faz odial-o pelo infortunio que lhe devo... saiba-o! eu o amo com odio.

Ernesto ajoelhou-se, e prendendo com sua mão a braço de Rosina que mais proximo lhe estava, fallou-lhe enternecido:

— Anjo de formosura! ama-me bem com esse odio! que nos importa o mundo? eu te adoro perdido e juro adorar-te assim perpetuamente! serás ditosa, invejada, allucinadora, deslumbrante de esplendor, de luxo, de riqueza! por tí serão felizes teus paes... não te faltarão festas, nem bailes, nem fausto, e o teu escravo viverá como rei, tendo seu throno a teus pés...

Rosina interrompeu o canto traçoelro, exhalando estremeclido suspiro, e murmurando com voz gemente:

— Mas... não posso ser sua esposa...

— Farei que te olhem e te respeitem, como se o fosses... Rosina; eu te garanto amor, tratamento, veneração de senhora casada...

Rosina levantou o braço que Ernesto lhe apertava e, com suavemente enlevada, descançou a mão no hombro do enoçra. jado seductor, o perguntou dissimulando a malicia na ineffavel doçura da voz:

— E... sua mulher?...

Ernesto ousou responder:

— Amelia?... coitada! é minha esposa apenas em nome; terrivel e incuravel molestia do coração a está acabando; oh! não sou máo para desejar-lhe a morte; mas... a minha viuvez se approxima... e na hypothese desse golpe natural...

— Não! exclamou Rosina; nunca depositarei minha esperança em uma sepultura; não quero ter uma mortalha por vóo de noiva.

O seductor confundiu-se.

A seductora repetiu:

— O senhor não é livre para poder casar commigo.

Ernesto levantou-se e fallou de pé ao lado da joven que se conservou sentada e com os olhos cahidos no collo.

— Não sou livre para te dar o meu nome; mas o sou para consagrar-te a minha vida; e para te garantir brillantíssimo futuro.

— Por que preço?

Já te disse mil vezes... a preço da doce illusão de meus sentidos!... deixa-me idolatrar-te, santa, innocente como és, e com a consolação unica de me julgar amado por um anjo, em cujos pés jamais minhas mãos poderão tocar...

E pelo tremor da voz de Ernesto, que em seu dizer não concebia que suas mãos pudessem *tocar-lhe* os pés, Rosina comprehendeu que elle aproveitando a commoda posição, estava procurando tocar com os olhos em dous thesouros mal vedados pelo corpinho do vestido.

Mas em vez de perturbar-se com a certeza da immodesta profanação, a filha de Ursini começou a respirar palpitante e como agitada por vehementes sentimentos, de modo que, no arfar intermitente, ainda mais se expunha petulante ao voluptuoso exame de Ernesto que tambem ainda mais se ia abraçando em fogo impudico.

— Ah!... balbuciou a donzella; o povo é máu... murmurou tanto...

Rosina mudara de tom, e em modulação queixosa parecia pedir mais um esforço para render-se aos primeiros e ainda distorcidos assaltos do seductor.

— Zombaremos facilmente do povo: peço-te só paciencia por duas ou tres semanas: affirmo-te que venceria estupidos preconceitos; trarei Amella e minhas filhas por vezes a esta casa: irás passar dias com ellas, e te mostrando no theatro e nos balles ao lado de minha mulher, ninguem duvidará da innocencia de nossas relações, e nós nos amaremos... seremos ditosos...

Rosina voltou-se para Ernesto, e com romanesca explosão de sublime delicadeza, disse:

— Ah!... nunca nodocerei o meu amor com a hypocrisia!...

E como arrependida do que acabava de dizer, tornou a abalxar o rosto, e murmurou vergonhosa:

— Eu amo... sim!... foi mais forte do que a minha vontade... o senhor me obrigou a amar... ah!... mas é amor sem esperanza!...

— Santa, menina!... espera!... exclamou Ernesto, aprofundando os olhos em um abysmo de voluptuosidade.

— Que posso espe

— Espera tudo;

para com a felicida

prometti sob juram

em um noivo e com o

— Casamento?...

—

— Eucha!...

— Mas... o senhor

de case...

é a joven se levant

— Não é assim?...

de se terá um noiv

— A pensar meu...

— Prometto... po

— Sim! disse Ernesto

— Jáns!

— Ah! que gelo e q

que me ama?... se

em pa... e sou det

— Louca!

— Garde o seu noivo

— Eucha; e eu nunca

—

— Rosina cabia

— Eucha, meio entrista

— e pensando:

— Ah! e porque?...

— Não, não de si, arde

— respondendo, torcendo a

— da alma:

— Ah! homem fatal!

— Eucha sentida em uma

— e eu me apertava

— Eucha seja! disse

—

— Eucha encudia o rosto e

— Eucha... formosa sim

— e eu me apertava

— e eu me apertava

— e eu me apertava

— e eu me apertava

— e eu me apertava

— e eu me apertava

— e eu me apertava

— Que posso esperar?... desgraçada!...

— Espera tudo; conta com o meu amor, conta com a riqueza, com a felicidade sem quebra da tua innocencia, e, eu já t'a prometti sob juramento, se o quizeres, se o exigires, conta com um noivo e com o teu casamento...

— Casamento?... Ah?... ah! ha quatro dias que rejetei um...

— Rosina!...

— Mas... o senhor tem razão... é preciso, é indispensavel que eu me case...

E a joven se levantou convulsa, agitada, e quasi delirante.

— Não é assim?... devo casar-me... com outro!... e o senhor me trará um noivo, e me dirá: — casa com elle!...

— A pezar meu...

— Promette-o?... perguntou Rosina cada vez mais exaltada.

— Sim! disse Ernesto inebriado.

— Juro!

— Ah! que gelo e que malvadeza!... exclamou Rosina; é assim que me ama?... senhor! eu o aborreço... quero que me deixe em paz... o seu dever é não tornar a esta casa: saia!...

— Louca!

— Guarde o seu noivo para suas filhas!... homem maldito!... saia-o; eu nunca me hei de casar... eu não quero casar-me!...

A voz de Rosina sahia entrecortada da garganta.

Ernesto, melo entusiasmado, melo attonito, avançou um passo e perguntou:

— Ah! e porque?... dize! porque?...

Rosina, fóra de si, ardendo em flammias de vulcão prorompente, respondeu, torcendo as mãos, recuando, e em manifestas torturas da alma:

— Algoz! homem fatal! porque te amo!...

E cahiu sentada em uma cadeira, ao mesmo tempo que Ernesto outra vez se ajoelhava deante e junto della.

— Abençoada sejas! disse elle, abençoada por Deus e pelo meu coração!...

Rosina escondia o rosto entre as mãos e parecia soluçar.

— Santa!... formosa santa!... continuou Ernesto, ousando levar seus braços em torno da cintura da donzella, que ou por desavalrada, ou por condescendencia, o não repelliu.

O seductor ufanoso ousou logo mais insolente liberdade, e

elevando o tronco até ficar com a boca na altura do peito da joven, disse, apertando-lhe a cintura.

— Santa menina!... permite ao amor mais puro um beijo no teu seio candido!...

Rosina lançou-se fóra da cadeira a tempo de impedir o beijo sacrilego, e parando a dous passos, olhou colorica para Ernesto, e como tornada a razão, quiz fallar, e as palavras não puderam sahir-lhe dos labios convulsivos; mas, enquanto com a mão esquerda espalmada sobre o meio do peito escondia o seio, com a mão direita parecia mostrar a porta.

Ernesto, de joelhos como estava, e com a face ainda accessa em voluptuosas chammas, estendeu os braços para a donzella e habnuclou a tremer:

— Perdão!... se me tens amor, perdão!... foi um instante do delirio!... perdão!...

Rosina ainda por alguns momentos manteve-se immovel em sua attitude de senhora offendida e justamente irada; mas pouco a pouco se foi commovendo, e enfim enternecida pelo apparente arrependimento do retalsado seductor, sorriu-se com brandura, e corando de love, tirou de junto da axilla o botão de camella côr de rosa, e avançando um passo, deixou-o cabir nas mãos de Ernesto.

O seductor não esperava tanto; quando porém inebriado levantava logo os olhos do botão de camella para Rosina, viu-a fugindo ligeira para dentro.

Em breve a louca donzella voltou á sala com sua mãe que trazia o affilhado ao padrinho.

Joanna ora uma pobre victima resignada, mas triste e francamente triste; Ernesto que desde alguns dias se apercebia disso, desfez-se em agrados, dando-se porém pressa em retrair-se.

E apenas tinha elle sabido, o mal pudera tor decido a esca-da, Rosina atirou-se no sofá e desatou a rir.

— De que ris assim, menina?... perguntou Joanna.

— Rio-me dalle, minha mãe! disse Rosina; o seu compadre é mais tolo do que eu suppunha.

— E quem rirá no fim?... tornou a mãe com voz magoada.

— Elle por certo que não; respondeu a filha, rindo ainda mais.

Joanna deixou-a rir:
em sua segunda
não quem riria.

o sentimento do
amillar poderoso na
Rosina se vangloriou
de apalzonada de
em que o velho
expondo-se e
nem se arrepe
a sua comedia de
de todo aquelle
de seu seio para as
da beijo mais atrevis
e quasi a concessão
confessa-se aban
sojeta aos impelo
em algum outro ens
estadas do seu ardor
Por pensar assim
de Ursini, com
e que tolerado de
das ultimas d
empunava a sua victi
Rosina tinha o
caprichosa. Na
e apasções vehemen
palmo sentimentos,
e pela condece
luta e da re
Ernesto chegava tão
e seria trajando
do vestido de
até o pes
algun ao ve
que elle l'

Joanna deixou-a rir: a fraca mãe e submissa esposa tinha errado na sua segunda e ultima pergunta: ella deveria ter perguntado não quem riria, mas quem choraria no fim.

XI

O resentimento do orgulho offendido doparára bem depressa a auxiliar poderoso na leviandade da namoradaira.

Rosina se vangloriou tanto da habilidade com que soubera simular-se apalxonada de Ernesto, e tão divertido achára o doce engano em que o velho seductor ficára a presumir-se de facil triumphador, expondo-se em ridiculo quadro de vulcanicos transportes, que nem se arrependeu nem se assustou do excesso a que levára a sua comedia de amor.

Além de tudo aquelle botão de magnolia que ella fizera passar de seu selo para as mãos de Ernesto, logo depois da tentativa do beijo mais atrevido, fôra mais que o perdão da insolencia, e quasi a concessão do beijo; e a donzella que desse modo procede, confessava-se abandonada pelo anjo do pudor, mais que muito sujeita aos impetos voluptuosos do homem que ama, e que em algum outro ensejo vertiginoso sórá capaz de levar as conquistas do seu ardor até o extremo do abuso.

Foi por pensar assim que Ernesto logo no dia seguinte voltou á casa de Ursini, contando adiantar seus planos de seducção, com o gozo tolerado de seus olhos e de seus labios, lascivos deatruidores das ultimas defesas do pejo que porventura ainda lhe disputava a sua victima.

Mas Rosina tinha o dom das contradicções e das inconsequencias caprichosas. Na vespera mostrára-se toda incandescente e expansões vehementes, provocadora pelo toilette, flammejante pelos sentimentos, quasi prostrada pelas confissões immodestas, e pelas descendencias ousadas que pareciam marcar o termo da luta e da resistencia; e no dia immediato e então que Ernesto chegava tão esperançoso e acorpoado, ella melancolica e sorria, trajando com apuro de modestia, trazia sobre o corpinho do vestido de cambráa uma jaqueta de setim verde claro abotoada até o pescoço, e sem commoção, nem movimento de affecto algum ao velo entrar, deu-lhe a mão, e com simplicidade deixou que elle l'ha levasse aos labios.

— Tão friamente me recebo!... disse Ernesto.

— E' penitencia pelos meus peccados de hontem; respondeu Rosina.

— Quo peccados, innocentes menina?

— Na tarde de hontem transviei-me, arrebatando-me a ouvillo-o; disse o que não devia, e concedi o que o recato prohibe; errei. Não quero errar mais; paasal a noite a chorar; não vê como estão os meus olhos?... veja!

Ernesto olhou; mas o que viu, foi o mais suave langor nos olhos mais captivadores.

— Errei muito; repetiu ella.

E acrescentou tristemente:

— O senhor deve ter feito de mim juizo bem mesquinho!...

— Ah! não!... sahi hontem daquí beatificado, santamente felicitado pelo teu amor!

— Sim; porque me abati bastante para que o senhor sonhasse com a minha ignominia.

— Rosina! quando eu esperava achar-te meiga e alegre... torna, e complacente...

— E' isso mesmo!... ah, quanto desci!... o senhor veio com certeza do que me encontraria ainda mais allucinada e prompta a deixar-me levar á seducção e a ser sua amante!...

Ernesto prorompeu em novos protestos de amor puro e respeitoso, outra vez traçou o painel deslumbrante das magnificencias que garantia a sua amada platonica, o esgotou todos os recursos da eloquencia dos seductores, propinando veneno em thuribulações de lisonjas, em disfarçados incentivos da amblicão, e nos juramentos mais solennes de perpetua dedicação.

O empenho de Ernesto era sem duvida inflammar os sentidos, e aturdir a razão da donzella que menos irreflectida então se mostrava, e mal se apercebeu que ella começava a escutalo com os olhos a fugir-lhe como medrosos e com laves estremecimentos denunciadores de comprimido abalo interno, interrompeu-se de subito, e suspirando, murmurou:

— E' demais!... não posso!... adoro-te muito!...

E curvou-se, e foi tomar as mãos que Rosina descansava no collo; ella, porém, levantou-se logo, e, afastando-se, sentou-se no sofá.

Ernesto seguiu-a e tomou uma cadeira perto della.

— Porque me foges? perguntou.

— Tem razão de o perguntar... hontem eu não soube fugir...

— Ainda essa idea cruel!

Rosina repelliu brandamente as mãos de Ernesto que outra vez buscavam as suas e disse-lhe com accento de melancolia:

— Ouça-me um instante: o senhor achou-me bella, disse-me e gostei de ouvi-lo; amou-me ou fingiu amar-me, e eu, louca, levada pelo desvanecimento, deixei-o fazer-me a côrte, namorar-me sem pensar que me expunha, até que um dia despertei afflicta, angustiada, reconhecendo que tambem o amava... ah!... mas eu amava um homem casado!...

— Anjo de minha vida! exclamou o seductor.

— Lembra-se? continuou Rosina, cuja voz requintava de doçura e magoa; lembra-se?... uma tarde o senhor me mandou tocar piano e ouvi-lo: eu toquei harmonias, e o senhor fallou-me da sua ternura e propoz-me um contrato absurdo... e dil-o-ei, perdido...

— Rosina!

— Para si o direito de amar-me, zelando contra si proprio minha preza... durante seis mezes o direito de beijar-me as mãos... e no fim uma vez... uma só vez os labios... lembra-se?...

— Sim... e ainda hoje...

— Para mim a condescendencia com esse amor sem esperanza... e no fim dos seis mezes o favor do casamento com um homem de minha escolha... favor... favor... e vergonha; porque o favor era o meu dote... e nesse dote havia uma suspeita de fraqueza...

— Ah! e a tua consciencia?...

— Lembra-se?... eu zombel do seu contrato; não o repelli porém... ah! quer saber porque?... zombel porque eu vi no absurdo a perfidia da seducção e não o repelli, meu Deus!... porque naquelles seis mezes... digo-o! naquelles seis mezes... eu tinha a consolação tormentosa da presença de um homem que eu não devia amar, e amava!!!

A consummada namorada, fallando assim maviosa e triste, envenenava por sua vez o sangue do seductor, do velho que estava referendo em ardores de sensualidade.

O bello demonio tentador proseguiu, abaixando a voz:

— E tambem porque sem perder aquella consolação dolorosa... eu esperava abafar e vencer o sentimento infeliz... apressando um casamento... que... mezes antes... eu promettera...

— Oh! não te has de casar! não quero!... não podes fazer, pois que é a mim que amas!... disse Ernesto, conseguindo enfim prender e apertar entre as delle uma das mãos de Rosina.

— Eu não devia te o ouvido, senhor!... ouvir um homem quando fallar-me de amor, era animar idéas que me desvalravam; ouvi-o porém; e fiz mais, accetei do senhor presentes de joias e de enfeites... ah!... não os accetei mais!... fique sabendo, tomarei por injuria, e repellirei qualquer novo presente! isto é positivo; mas é tarde... já olvidel-me bastante da virtude; e não dá bem que a dôr do castigo me apanhou sómente á beira do abysmo!... ah! no mezos não caberei no fundo!...

— Que castigo?... que dôr de castigo?...

— Hontem, o senhor teve a culpa, inflammando-me o coração; hontem, em horas de desatino, offendi o meu brilho de donzella, patentecendo os assanhos de uma paixão criminosa, e o senhor puniu-me logo, marcando o posto que me prepara, quando tentos chegar com os seus labios até a altura do meu seio!...

— Oh!... tu me perdoaste esse impeto de arrebatamento!...

-- Sim! disse Rosina; e fiz mais... e delihe um botão de camella que estava aqui!...

E arrancando a mão, que Ernesto lhe tomára, apontou para a axilla, e, inundando o rosto com o rubor do pejo, repetiu do-
lorosamente:

— Que estava aqui!...

E continuou immediatamente, com voz amargurada:

— Não pensa que foi demais?... ou foi petulancia ou de-
lirio: petulancia, despreze o condemne a donzella sem recato; delirio, delixe que ella arrependida, envergonhada, infeliz mas já advertida, se premuna contra novos accessos, e mate, ainda mes-
mo afogado em lagrimas, o affecto que a ameaça com a deshonra.

— Não haverá deshonra que te mancho... não! é meu or-
gulto a tua innocencia, é minha religião realçal...

Rosina olhou para Ernesto com expressão de acorba magua.

— Ainda!... observou.

— Não se adoram as santas e os anjos?... perguntou o se-
ductor, inclinando-se para melhor e de mais perto contemplar o
rosto da donzella.

Quando a ba-
nha levantou-se
sua e veio, que
lá tornando vobem

— Falpa-me cria
degracia e amo: a d
se vejo o que me offe
re compromette... u
do em beijos rosada
a experiencia no sem
seu habito a nodonar
esper a bara e a fr
cuta... um dia...

Rosina desatou o

— Tu me calun-
ciastes Ernesto, e h
Mas Rosina rec
lops:

— Depois emfim
lopo a seu arbitrio
se desalida... e a m

As ultimas pala-
grupata de Rosina.

Ernesto lançou a
a emstrada de-za-
gulo nervoso, e a de
por suas faces, correu
crisino, aquelle pen-
na Dio!... morie

Ernesto ficou e
a musica e serzucan-
te ve que esta, her
amalgamamento o ve

Disse-lhe q-
sent a dozeia de
de trizo sorte da Y
talvez chegar a ser

Ernesto esperou
para, pela segunda v
a piano e canto e h

— Não toca em
Rosina.

Ouvindo a banalidade, e vendo o movimento de Ernesto, Rosina levantou-se outra vez, e a poucos passos, voltando-se e encarando o velho, que também se erguera, disse com furor que se foi tornando vehemente :

— Julga-me criança inesperta!... já não ignora que por desgraça o amo; a despeito, porm, de seus sophismas pueris, eu vejo o que me offerece o seu empenho; hoje namoro vão que me compromette... amanhã mais um passo para minha perdição em beijos roubados... depois a paixão crescendo em mim e as exigencias no senhor... seus olhos a desvendarem-me o seio... seus labios a nodoar-me a candidez do seio... depois o calculo a esperar a hora e a fraqueza da donzella sensivel! a adeantala... enfim... um dia...

Rosina desatou a chorar.

— Tu me calumnias o coração, e calumnias a tua virtude! exclamou Ernesto, chegando-se para a afflicta joven.

Mas Rosina recuou dous passos, e balbuciu por entre seus luços :

— Depois enfim... um dia, seduzida... deshonrada... e depois a seu arbitrio!!!... o senhor triumphante e ufano... eu decahida... e amante de um homem casado!...

As ultimas palavras sahiram como um gemido rouco da garganta de Rosina, que titubeou quasi a ponto de cahir.

Ernesto lançou-se para acudila, estendendo-lhe os braços; a consternada donzella, porém, repulsou-lhe as mãos com impulso nervoso, e a derramar lagrimas que rolavam como perolas por suas faces, correu para o plano e começou a tocar com abalo vivissimo, aquelle pungente *allegro* do duetto final da *Traviata* : "*Gran Dio!... morir si giovane. — Io chepenato ho tanto!*..."

Ernesto ficou em pé, onde estava, esperando que acabasse a musica, e serenasse a afflicção de Rosina; suspendeu-se porém, ao vêr que esta, havendo chegado no fim do doloroso *allegro*, immediatamente o recommença.

Dir-se-lia que exocitando aquella commovente inspiração de Verdi, a donzella se entregava toda ás apprehensões e ao terror da triste sorte da *Traviata*, apavorando-se ante a idéa de poder também chegar a ser *descaminhada*.

Ernesto esperou ainda; mas Rosina, em exaltamento crescente, pela segunda vez acabou e pela terceira tornou a começar no plano o canto choroso da dor e da morte.

— Não toca essa musica!... ella me faz mal! exclamou Ernesto.

E Rosina tocava sempre, consternada; e com phrenesi e desespero, depois da quarta, pela quinta e pela sexta vez fazia ouvir o admiravel: *Gran Dio!... morir si giovane...*

O seductor foi confundido pela musica obstinada que o condemnava na lição tremenda de uma victima do amor criminoso, e atordoado e corrido tomou o chapéo e sahio sem ao menos conseguir ser attendido em sua despedida.

Rosina continuou a tocar com o mesmo ardor, dando tempo a que Ernesto, ainda na rua, perseguido pela musica de escolha inspirada, se distanciasse bastante; mas já então transfigurada e risonha, quando retirou as mãos do teclado, disse, fallando consigo, e respirando cansada:

Isto diverte; mas fatiga um pouco...

XII

A intriga imprudente e indecorosa em que se enredavam Ernesto e Rosina offerencia a estas enganosas consolações.

A filha de Ursini, amenisando-se estouvadamente com a mystificação do seu velho namorado, pensava menos na murmuração que lhe estava arruinando o credito; e muito esperançosa de em breve dominar completa e absolutamente Ernesto de modo a endoidecê-lo de paixão, calculava com todas as vantagens do plano concebido por seu pae, e prolibava os gozos da riqueza que almejava.

Mas nem por isso Rosina podia sentir-se plenamente satisfeita: em seu coração de donzella ainda muitas vezes retinha o grito da consciencia, annunciando a indignidade do seu procedimento, a rebaixando a na comparação com as jovens innocentes e pudicas.

E alm da consciencia que pungia, a vaidade ferida não esquecera o abandono ou a fria reserva de Angelo.

Na vida da familia ainda Rosina tinha de que magoar-se; porque, embora procedesse conforme os conselhos de seu pae, e não fosse contrariada por opposição activa de sua mãe que a deixava livre, lia de continuo na face abatida de Joanna tristeza profunda e reprovação abafada.

Na manhã seguinte á tarde em que tantas vezes recommençara o *Gran Dio!... morir si giovane* da *Traviata*, achava-se Rosina a sós na sala e melancolicamente pensativa:

Tin
tas vez
Verdi, qu
da sua
desobedi
musica c
flagellam
cantada
A
talamec
depois a
Angelo.
A
preza;
a sentar
A
Joanna,
cimento
A p
vase de
sentar-se
des, que
berdade f
monia de
Angel
os guardi
barço.
Rosina
contando q
o seu perd
para obriga
— K
familia.
Angelo
desovar-se
— Min
ver cruel e c
— Ah!
— Em r
quando simen
— Mas...

Tinha-lhe sido muito incommoda a noite que passára; tantas vezes havia tocado ao piano aquella maravilhoso trecho de Verdi, que sua memoria, já escrava das melodias e independente da sua vontade, importunou-a no leito, repetindo-lhe telmoas, desobediente, implacavel e incessante por mais de duas horas a musica que espantára Ernesto e que então lhe impedia o somno, flagellando-a de continuo e como se fôra um castigo, tocada e cantada pela consciencia.

A noite mal dormida aborria ainda Rosina, quando inesperadamente alguem se annunciou, batendo palmas á escada, e logo depois a escrava, ama do pequeno Ernesto, introduziu na sala Angelo.

A joven donzella não pôde conter uma exclamação de surpresa: mas immediatamente dominando-se, convidou o mancebo a sentar-se.

A visita de Angelo, cujo nome fôra levado pela escrava a Joanna, produzira nesta a mais agradável impressão, e o renascimento de suas esperanças mortas.

A pobre mãe já por tão pouco alegre e reanimada, esmerava-se de plano em corrigir o seu *toilette* domestico para ir apresentar-se a Angelo, dando assim longo tempo aos dous namorados, que naturalmente applaudiriam a sua ausencia, para em liberdade firmar nos laços de innocentes caricias a paz e harmonia de seus corações arrufados.

Angelo sentára-se em frente de Rosina e por alguns momentos guardára silencio, procurando em vão disfarçar pezoso embaraço.

Rosina tinha bem depressa passado da surpresa á ufania, contando que o seu noivo, tarde embora, viera enfim impetrar o seu perdão, e habituada aos enleios do joven pintor, disse-lhe, para obrigar-o a fallar:

— E' grande favor par nós, sua primeira visita á nossa familia.

Angelo agitou-se e, como quem tivesse enorme peso do que descarregar-se, respondeu com promptidão e ansiedade:

— Minha senhora, esta visita é o cumprimento de um dever cruel e doloroso.

— Ah! cruel... doloroso... em relação a quem?...

— Em relação a mim; pois tenho de parecer máo, indigno, quando sómente sou muito desgraçado.

— Mas... Por que?...

Angelo fallou apressado e com voz tremente :

— Minha senhora, vim hoje aqui... para confessar a seus paes a doce esperanza que eu nutria, e o infortunio que me so. breveu... já communiquei tudo a minha tia e sua madrinha... e agora...

— Que infortunio' foi esse?... perguntou Rosina, interrompendo o mancebo.

— Minha senhora, amelia, amora e jámais deixarei de amala; oh! o meu primeiro será o meu ultimo e unico amor!...

— E o seu infortunio?... é esse?...

— A sua formosura, suas virtudes, sua candida innocencia e a sua afeição fariam de mim o mais feliz dos homens; oh!... o não foi a senhora, que destruiu a minha querida esperanza! não foi!... e não é o meu coração, não é a minha vontade, pois que a amo cada vez mais extremoso, é a fatalidade, é um juramento sagrado e lugubre que vae roubar-me a gloria mais desejada!...

Rosina olhou confusa e desconfiada para Angelo; viu-lhe no rosto contrahido a eloquencia viva de uma grande dôr; entretanto, ella corára fortemente, pois era claro que estava ameaçada de formal despedida.

— Era isso que vinha dizer-me, deante de meus paes?... perguntou, com sorriso de ironia mal fingido.

— Era, minha senhora e não me condemne antes de ouvir-me até o fim. Sou culpado; mas peço venia para defender-me.

— Se ninguem o accusa!... eu nem lhe pediria explicação! disse Rosina disfarçando a cólera em aspero desdem.

Angelo, tendo os olhos no chão, continuou a fallar deasseo cegado.

— Meu paes era bom e extremoso, embora severo; eu o amava e lhe obedecia como escravo ao senhor; ha um anno, na véspera do dia de sua morte, elle chamou-me para junto de seu leito e entregando-me uma carta fochada e lacrada, disse-me :

— "Nesta carta que te deixo, está escripta a minha ultima vontade; é um pedido que te faço; dentro de poucas horas morreré, e quero morrer tranquillo e feliz".

Rosina, a pizar seu, escutava curiosa.

Angelo ainda em maior agitação proseguiu, dizendo :

— Eu e
guns momen

— "A

completar

Era de

meu paes

Rosina,

como que

que eu ha

— Por q

Mas Ana

— Meu

mas animad

— "Fili

que ha de r

E o men

do, accre

— E eu

— Ak!

peço e sorr

e essa carta

Angelo r

— Ha c

a carta...

A vez de

talmente de

— Meu p

no causo...

um pobre me

E Angelo

— Eu th

En sua

decamba mult

isso que Rosin

talre attitude

rida cheia de

— A filh

senhor terá qu

E qual r

no raba.

Eu na ve

imaginado esse

— Eu estava de joelhos; meu pae, depois de descansar alguns momentos, fez grande esforço e disse-me com ardor:

— “Jura que não abrirá esta carta senão no dia em que completares vinte e dous annos”.

Era desso dia a um anno, minha senhora, e eu jurei o que meu pae ordenava.

Rosina, que ouvia atenta, notou que Angelo, confrangido e como que atropelado, se consumia, e afflicto, enxugava o suor que em bagas lhe corria da fronte.

— Por que tão extraordinária commoção?...

Mas Angelo proseguiu logo:

— Meu pae sorria-se, ouvindo o meu juramento e ainda mais animado, disse, ou quasi que clamou:

— “Filho!... jura que cumprirás minha ultima vontade? que has de realizar o pedido de teu pae moribundo!”

E o manceado, respirando enfim, livre de esmagadora oppressão, accrescentou:

— E eu jurei, minha senhora.

— Ah!... disse Rosina contendo a violencia do seu peito e sorrindo outra vez com a ironia convulsa da raiva; ah!... e essa carta funebre!...

Angelo respondeu rapido:

— Ha cinco dias que completei vinte e dous annos... abri a carta...

A voz de Angelo tremeu ainda mais, quando elle teve finalmente o dizer:

— Meu pae me pedia, ou me ordenava nessa carta que eu... me casasse... com a filha... de um alfaiate nosso vizinho... uma pobre menina que era sua affilhada...

E Angelo murmurou abatido e doloroso:

— Eu tinha jurado, minha senhora!...

Em seus delirios, em sua exaltação descommedida, a cólera descamba muitas vezes na zombaria indigna e baixa; foi por isso que Rosina, esquecida do respeito que a si se devia, e da nobre attitude que lhe cumpria assumir nessa situação sem duvida cheia de vexames e de revoltas do orgulho, exclamou:

— A filha do alfaiate!... o casamento é economico... o senhor terá quem lhe faça os paletots e as calças de graça!...

E quiz rir, mas não pôde: Rosina tinha o coração afogado em raiva.

Era na verdade provavel, talvez certo, que Angelo houvesse imaginado essa falsa historia da carta do pae a morrer, e dos

seus juramentos, para lhe servirem de pretexto ao rompimento dos laços que o prendiam a Rosina; mas, se, como também parece explicavel, verosimil, a desconsoladora despedida tinha por causa o procedimento incongruente e altamente reprehensivel da donzella *namoradaira*, não podia haver *mentira* mais desculpavel, nem mais generosa, do que essa em que o noivo offendido tomava o lugar de réo da infidelidade.

Com effeito, Angelo, confessando sua obediencia ás ordens do pae moribundo, assumia a responsabilidade da québra do compromisso que o ligava como noivo, a Rosina; mas honorificava esta, dando testemunhos de sua innocencia e pureza; reconhecia suas virtudes, e banindo qualquer conjectura contra ella pelos protestos de amor infelz que lhe tributaria sempre e a despeito do casamento que cconstrangidamente ia realzar, exaltava o merecimento da donzella, e sómente a si se condemnava.

Mas Rosina não viu, não comprehendeu, não podia vêr nem comprehender essa delicadeza da generosidade de Angelo, que a poupava a confusões e que a innocentava, ostentando fé em sua pureza, e vindo de proposito declarar-se réo de imaginario delicto de inconstancia ou de perfidia, que elle tornava mais acreditavel, queixando-se da fatalidade, ou do juramento que o escravizava á vontade d'além tumulo de seu pae.

Angelo ouviu sem offender-se o sarcasmo pungente, esposto, descortez e mal cabido em circumstancias tão sérias e desagradavols para ambos; esperou em silencio alguns momentos que se moderasse o inconveniente accendimento da ira de Rosina e vendo-a emfim palpitante, a olhalo como odienta, mas altiva e soberba ao menos no apparente conspecto, disse-lhe commovido e verdadeiramente pezaroso e torturado:

— E' por isso, minha senhora, que depois de quatro dias de indizivols tormentos, escravo de um dever que é desgraça, victima de uma obediencia que me mata a esperança da felicidade venho hoje a seus pés restituir-lhe a sua palavra de formosa, encantadora e virtuosa noiva, e retirar a minha de homem involuntariamente infiel e para sempre desditoso.

A filha do Ursini lançou sobre Angelo um olhar de soberano desprezo, e respondeu com voz um pouco abalada, mas affinada gravemente pelo orgulho:

— Não lhe pedi pretextos para acabar por si o que já estava acabado por mim. Desde a ultima noite em que nos encon-

trámos em casa de minha madrinha e sua tia, creio que bem claramente eu lhe tinha restituído a sua palavra, e retirado a minha.

— Ah! murmurou Angelo, perturbando-se; eu não pensava...

Rosina levantou-se, indicando-lhe despedida; mas accrescentou, atraíçoando a dissimulação do seu resentimento:

— A sua visita em todo o caso me foi muito honrosa; juro, porém, que eu não me lembrava mais do senhor...

Angelo tinha-se tambem levantado e tomando o chapéo, disse:

— Ainda bem, minha senhora! vossa excellencia me poupa a um remorso; não póde, porém, curar-me a dôr profunda que me atormentará toda a vida!

E exaltando-se no momento supremo da separação, o nobre e apaixonado mancebo fallou com exaltação:

— Amélia!... amo-a!... ama-a-e! sempre!... morrorei com este amor!... como este amor, digo lh'o, não encontrará maior, nem mais puro!... igual, não sei, duvido!... minha senhora... adeus!... ah!... seja feliz!... para mim este adeus é como o da morte... seja feliz!... adeus!... dona Rosina... adeus!...

E Angelo, sem poder disfarçar e menos conter as lagrimas, sahio apressado e na mais pungente afflicção.

Rosina viu tudo nessa consternação do noivo que lhe fugia.

Era o céo do amor dos anjos que se fechava á *namoradaira* indecorosa...

Era o castigo... era...

Mas nesse momento, Joanna entrou na sala.

— Que é d'elle?... perguntou.

Por unica resposta Rosina, succumbida, apontou para a porta.

— Já?... retirou-se já?...

— E para sempre!... murmurou surdamente Rosina.

OFFICINA GRÁFICA S.
DO
JORNAL DO BRASIL

31/04

150

Artiler de Euzé
n. 9429.

Este romance é distribuido
GRATUITAMENTE
a todos os leitores que tomam
parte nos Concursos do
JORNAL DO BRASIL
os quaes offerecem sempre
surpresas agradaveis e uteis